

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

O REGIONALISMO LITERÁRIO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA

CELESTINO SACHET

OUTUBRO - 1975



O. 264. 926-8

UFSC-BU

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM LETRAS - ESPECIALIDADE LITERATURA BRASILEIRA
E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. JOSÉ CURI

ORIENTADOR

Prof. PAULINO VANDRESEN

INTEGRADOR

BANCA EXAMINADORA:

Para a Terezinha;
para o Sérgio Luís;
para a Ana Cristina.

Os três conhecem o porquê.

S U M Á R I O

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
PRIMEIRA PARTE - O REGIONALISMO	
INTRODUÇÃO	3
1. A REGIÃO	9
2. O ESTAR-NO-MUNDO	18
3. A "REALIDADE" LITERÁRIA	28
NOTAS E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA NA PRIMEIRA PARTE.	46
SEGUNDA PARTE - REGIÃO E MITOS	
INTRODUÇÃO	52
1. MITO E REGIONALISMO LITERÁRIO	55
2. AMAZÔNIA: TERRA E ÁGUA OU PARAÍSO E INFERNO	69
3. NORDESTE: TERRA SEM ÁGUA OU INFERNO SEM PARAÍSO .	75
4. BAHIA: O HOMEM COMO TRANSUBSTÂNCIA DA TERRA E DA ÁGUA	81
5. OS GERAIS: TERRA E ÁGUA, TESTEMUNHAS - ÍNDICES DA AÇÃO	90
6. A CIVILIZAÇÃO CAIPIRA: O HOMEM, EXTENSÃO DA NATU- REZA	98
7. GAUCHESCA: A TERRA COMO EXTENSÃO DO HOMEM	107
NOTAS E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA NA SEGUNDA PARTE .	115
TERCEIRA PARTE	
CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA	122

R E S U M O

O Regionalismo - nos seus mais variados aspectos -, ainda é uma constante nas estruturas modernas da sociedade urbanizada que estamos vivendo.

Esta realidade, contudo, não se faz acompanhar de estudos e análises capazes de descrever os diversos enfoques de um fenômeno que abrange desde os movimentos políticos de minorias insatisfeitas da Europa, da Ásia e da África aos comportamentos psicossociais de personagens em estruturas narrativas da ficção brasileira.

Partindo dos vários conceitos de Região e das relações entre o mundo real e o mundo da realidade percebida pelo ângulo da ficção, o presente trabalho pretende fazer uma abordagem das "literaturas brasileiras" à luz do relacionamento existente entre a Região e o Mito.

Numa divisão regional vista sob a predominância do mesmo clima, da mesma geografia e das mesmas formas de produção, o Brasil pode ser visto como um arquipélago cultural com muitas ilhas de culturas mais ou menos autônomas e diferenciadas.

Nestas ilhas, em número de sete (Amazônia, Nordeste, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro), além dos fenômenos psico-sócio-culturais, o trabalho deter-se-á na análise da literariedade sob a perspectiva do Inconsciente Coletivo aflorado nos mitos Terra e Água.

Muito mais do que simples reportagem sobre os costumes ou comportamentos da criatura humana em determinado contexto rural, O Regionalismo Literário propõe-se a entrar num mundo de seres com os quais nos identificamos plenamente pelo universalismo dos aspectos particulares e pitorescos na visão de um mundo aparentemente circunscrito a um espaço geo-sócio-cultural.

A B S T R A C T

Regionalism - in its different aspects - is still a constant in our modern, urbanized society.

But this reality is not accompanied by studies and analysis capable of describing the various aspects of a phenomenon that comprises both the political movements of unsatisfied minorities from Europe, Asia and Africa and the psychosocial behavior in narrative structures of Brazilian fiction.

Beginning with the many concepts of Region, and with the relations between the real world and the world of reality perceived through fiction, the present work wants to approach the "Brazilian Literatures" in the light of the existing relations between Region and Myth.

In a regional divisions, due to differences in climate, geographical characteristics, kinds and forms of production, Brazil may be seen as a cultural archipelago, with many islands, with more or less autoomous and differentiated cultures.

In these islands (the Amazon area, the Northeast, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro and Rio Grande do Sul) besides the analysis of the psycho-socio-cultural phenomena, this work wil emphasize the regional literature through a perspective of the "collective unconscious" that comes out in the myths of land and water.

Literary Regionalism is more than a simple report on uses and behavior of the human beings in a fixed rural context. It enters the world of human beings, with whom we identify ourselves by the universalism or particular and picturesque aspects in the vision of a world apparently restricted to a geo-socio-cultural space.

PRIMEIRA PARTE

O REGIONALISMO

O conceito de Homem Abstrato está hoje,
em grande parte, substituído pelo de Ho
mem situado - Gilberto Freyre¹

. . . .

La région, c'est le grand tabou - Jean
Jacques Servan - Schreiber²

. . . .

El regionalismo - aunque no desconocido
en la antigüedad - es un movimiento de
la Edad Moderna - Sainz de Robles³

. . . .

O regionalismo, longe de estar morto,
foi absorvido por um conto de tendência
universalizante⁴

(1) - Jornal do Brasil, Rio, 28 de novembro de 1975, p. 32

(2) - L'Express, Paris, 29 septembre - 5 octobre 1975, p. 66

(3) - Ensayo de un Diccionario de la Literatura. Madrid, Aguilar,
1965, p. 1027

(4) - Jornal do Brasil, Rio, 4 de setembro de 1974

I N T R O D U Ç Ã O

O Regionalismo - não importa sob qual de seus conceitos -, ainda é uma constante no pensamento moderno destes dias que vamos vivendo.

Barbosa Lima Sobrinho, ao estruturar uma de suas colaborações(1) deu-lhe o título de "Coleções de arte e áreas culturais" para abordar os mal-entendidos entre o Governo de Pernambuco e o da Bahia, a propósito da transferência, para Salvador, da coleção dos objetos de arte que o pernambucano Augusto Rodrigues havia reunido no Recife.

O analista toma como base, para seu artigo, o livro Cultura das Cidades, no qual Lewis Mumford recorda que os museus "havendo surgido como acumulação de relíquias e coisas valiosas" têm a função especialíssima de conservarem coletivamente as lembranças das culturas onde estão plantados. Eles, os museus,

"traduzem a diversificação das áreas culturais, como reflexo de seu passado, de sua atividade, da presença de seus artistas, condensando a sua vida interior, através de objetos que estão tão ligados às comunidades que os elaboraram, como os edifícios de suas ruas, as paisagens de sua natureza, as fachadas de suas histórias".

Assim, para o sociólogo brasileiro, o governador baiano

"não pensou, de certo, que todos aqueles objetos da coleção adquirida estavam incorporados às tradições e ao passado cultural de outro Estado brasileiro".

Uma coleção de arte, reunida no Recife, durante uma vida inteira, quando transplantada para o Recôncavo estaria lembrando o desenraizamento de uma floresta, levada para longe, com todas as

suas árvores, para enfeitar outras paisagens. Seria como que um exílio permanente para coisas e objetos presos à vida e à história de Pernambuco.

"Sou dos que consideram o patrimônio histórico e cultural de qualquer Estado tão sagrado quanto o seu patrimônio territorial. Há alienações que podem equivaler a invasões ou à desanexação de parcelas do território",

eis o forte argumento que levou Barbosa Lima Sobrinho a aplaudir a decisão do Supremo Tribunal Federal determinando que a coleção retornasse às margens do Capiberibe.

O autor termina sua crônica acreditando que o Brasil

"em que a unidade da pátria é muito mais um instinto do que uma política, despertará algum dia para essas verdades, que possam garantir a permanência das áreas culturais, com que a pátria se foi formando, ao longo dos séculos penosos e de sofrimentos".

Barbosa Lima Sobrinho, um "homo politicus", não pensa a região como uma entidade espacial, como uma verdade erigida pela natureza.

Muito mais do que "região" ele prefere falar em "área cultural", em "vida cultural". Em História, e não, apenas, em Geografia. Dentro, aliás, da mesma concepção de Mumford para quem cada cidade deveria ter

"seu museu especial de história cívica; cada comunidade teria o seu tipo de museu de história natural e cultura humana, a retratar o trabalho do povo em todas as suas relações ecológicas".

Ainda na mesma semana em que Barbosa Lima Sobrinho se bateu pelo respeito com que os governantes devem tratar as áreas culturais, Nilo Scalzo (2), vendo o problema do ângulo literário e não cultural, dizia que se o regionalismo foi durante alguns tempos um dos temas de debate de nossa crítica que procurava concei-

tuá-lo em oposição ao universalismo, como se fossem duas tendências diversas,

"hoje, esse falso problema já não tem a mesma magnitude, sobretudo quando se lembra que a ficção hispano-americana ganhou mundo precisamente por ser regional e por ver o homem dentro da História".

Assim pois, para o crítico paulista, o regionalismo, o verdadeiro regionalismo é uma entidade muito mais ampla que seu próprio nome enclausurado apenas dentro da Geografia.

Nem vai tão longe a distância entre Barbosa Lima Sobrinho e Nilo Scalzo! Enquanto o primeiro vê nos museus citadinos a típica personalização da cultura - tão típica que um museu de arte pernambucana transplantado para a capital dos baianos não passaria de "mutilação de uma área cultural"-o segundo, embora transcendendo o pequeno espaço geográfico, ainda coloca o Homem dentro da História.

Se para os dois críticos brasileiros é a História quem determina as feições particulares de grupos humanos plantados em áreas distintas, dentro da Geografia - junto com a História - William Rademaekers (3), descobriu no espanhol um povo diferente de todos seus irmãos europeus.

O jornalista americano inicia a tentativa de entender a terra e o povo de Franco, poucas semanas antes do falecimento do Caudilho, dizendo:

"não há espanhol que negue: a Espanha é diferente. E não há estrangeiro que possa entender a singularidade da terra e a profunda, quase trágica dignidade de seu povo, incluindo a crueldade que se manifesta quer nas touradas quer na maneira quase agressiva com que os espanhóis se tratam entre eles".

Esta não europeização do povo espanhol começaria pela própria constituição geo-metereológica das castelhanas terras.

Dois terços do País são constituídos por uma meseta, um plateau seco e sem vegetação - uma região muito mais elevada do que qualquer outra da Europa com exceção da Suíça. Ao Norte, onde as montanhas quais brancos elefantes parecem marchar em direção ao mar, o plateau ostenta um clima que os espanhóis gostam de descrever como nove meses de "invierno" e três meses de "infierno". A terra é uma crosta ferruginosa e vermelha, uma poeira que todos respiram e lhes sentem o paladar durante as queimadas do verão. No Sul, encontram-se as plantações de trigo e os extensos bosques de oliveiras e ocasionais regiões verdes onde se pode encontrar um que outro regato.

Em sua quase totalidade, contudo, a Espanha é uma região inadequada para a agricultura. Uma faixa de rala floresta alguns séculos atrás, hoje visivelmente cansada e sempre agredindo nossos olhos.

Para o jornalista

"se a áspera região rural é o martelo do caráter espanhol, então a Reconquista é a sua bigorna, pois a história da Espanha está inteiramente ligada ao esforço de seus filhos para recuperarem a terra das mãos de povos tão diferentes."

Começando no século oito, a Espanha dedicou todas as suas energias durante quase 800 anos para expulsar o muçulmano invasor. Este esforço secular deixou profundas e permanentes marcas na psique de seu povo.

O fanatismo do muçulmano invasor gerou um fanatismo católico, incomparável tanto na devoção quanto na ferocidade.

Este back-ground geográfico e psico-histórico produziu um caráter no qual a auto-suficiência é o centro de gravidade. A individualidade do espanhol tem um valor que é sagrado e insubstituível. Para o resto do mundo ele pode não ser nada, mas para si mesmo, o espanhol é tudo.

O historiador Salvador de Madariaga entende que, na verdade, há dois polos para a psicologia de seu povo: "a individualidade e o mundo. O individualismo e o universalismo." E, como uma vida política, livre e pacífica, somente será possível onde os dois polos da ordem e da liberdade estiverem mais ou menos em equilíbrio, isto nunca foi uma verdade na Espanha, pois o povo espanhol "não pertence a seu país; é o país que pertence a ele".

Quando a imprensa de hoje, a todo momento, levanta a temática do Regionalismo é, principalmente, para explicar os movimentos políticos armados da Irlanda, dos Palestinos, de Angola, das Ilhas Molucas, da Região Basca, ou o enxame de países que foram surgindo ao longo da África, da Ásia ou do Pacífico.

No entanto, para quem se aventure a estudar, com mais profundidade, e em toda sua extensão, o tema do Regionalismo resente-se de uma bibliografia mínima capaz de embasar, cientificamente, estudo tão sério e tão importante para melhor conhecimento de grandes camadas da nossa literatura brasileira.

É rara, quase ausente, a bibliografia sobre Regionalismo e, em especial sobre o Regionalismo Literário.

Em encontro mantido em Brasília, sobre o assunto, Afrânio Coutinho sugeriu recorrêssemos ao que ele escrevera em A Literatura no Brasil, onde o ilustre professor teria relacionado o que de mais moderno e atual existiria sobre o assunto, pelo menos, até 1955.

Pois bem, dentro dos "vários modos de interpretar e conceber o regionalismo"(4), o autor de A Tradição Afortunada, valendo-se de George Stewart e Howard W. Odum, o primeiro num escrito de 1948 e o segundo num trabalho de dez anos antes, mal e mal esboça um conceito de Regionalismo Literário. Ao final dessa rápida tentativa, Afrânio Coutinho lista menos de vinte autores e obras, a grande maioria dos anos 1920-1930. Uma delas, Le Régionalisme,

publicada em 1911!

Para o estudo específico do Regionalismo Brasileiro, o autor de Da Crítica e da Nova Crítica, manda recorrer à Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira. (5) Mas J. Galante de Sousa, tanto quanto Afrânio Coutinho, na edição de 1969, não relaciona:

- o longo estudo de Alceu Amoroso Lima, sobre o sertanismo em Afonso Arinos;
- a Prosa de Ficção, de Lúcia Miguel Pereira;
- "Os Fundamentos Econômicos do Regionalismo", (6) de Dionélio Machado;
- a História da Literatura Brasileira, de Nelson Werneck Sodré.

Se parca e desencontrada é a bibliografia brasileira sobre o assunto em questão, melhor não é a situação dos outros países. Para não alongar o problema - mesmo, poder-se-ia estar incorrendo em erro de perspectiva ou de distorção da realidade, - bastará a citação de mais uma fonte: Federico Carlos Sainz de Robles (7), depois de discorrer sobre quatro tipos de regionalismo - o literário, o administrativo, o jurídico e o político - faz referência tão somente a nove fontes bibliográficas, cujas edições apresentam as seguintes datas: 1928, 1918, 1910, 1905, 1900, 1890, 1889, 1887. E 1882!

1 - A REGIÃO

Segundo Caldas Aulete, dentre os muitos conceitos, a palavra região pode designar:

"grande extensão de país, extenso trato da superfície terrestre. Território que se distingue de outros próximos por condições particulares de clima, de produção, de habitação, de aspectos físicos, etc., ou pela sua posição geográfica".

E regionalismo, ainda segundo o mesmo dicionarista, é

"sistema ou partido dos que pugnam pelos interesses regionais. Aquilo que diz respeito a uma região. Caráter de uma obra literária escrita sobre costumes ou tradições regionais".

Para Manuel Diegues Júnior(8) o regionalismo se fundamenta numa noção essencialmente viva e dinâmica. Daí que seus limites tenham que ser suficientemente flexíveis, modificáveis de acordo com as próprias modificações do conteúdo regional, não se tornando impassível às alterações fundamentais que se verifiquem nos seus valores culturais.

E, por sua vez, a região deve ser fundada sobre um princípio de homogeneidade geográfica, econômica e histórica. Dentro dessa homogeneidade devem encontrar-se certas marcas de heterogeneidade ou diversidade, dela decorrendo a complementaridade indispensável ao funcionamento das diferentes atividades econômicas pela necessidade de elementos opostos. Devem estabelecer-se afinidades de ordem econômica. Não se devem subestimar os fatores da superfície física e da demografia e nem uma região deve apresentar certa simetria em relação às outras regiões do mesmo conjunto nacional.

Vê-se, por conseguinte, que tanto a palavra região quan-

to a sua derivada regionalismo podem suscitar um grande número de idéias e de problemas.

O presente trabalho, ainda que pretenda se preocupar especificamente com o Regionalismo Literário entende que, para se chegar a uma abordagem tão completa quanto possível, não há por que se ignorar a extensão e a profundidade dos significados que os termos podem abarcar.

Robert E. Dickinson(9), ao fazer referências iniciais sobre o assunto, embora pretenda estudar a contribuição geográfica à ecologia humana, chama atenção para o fato alertando que, se para o homem de negócios a região é

"uma área com certas características comuns (às vezes uma simples extensão) que a convertem em uma unidade adequada para determinados aspectos dos negócios e da administração", (1961, p. 19)

para o cientista

"e, sobretudo, para o geógrafo, a região é uma área que apresenta certa homogeneidade com relação a uma série de condições afins, tanto da terra quanto do seu povo, e que podem ser procuradas para a indústria, para a agricultura, para a distribuição da população, para o comércio, ou a esfera geral da influência de uma cidade" (Idem p. 19-20).

Os problemas centrais de um estudo sobre Regionalismo estariam na seleção dos critérios adequados que permitissem reconhecer a gama de semelhanças e dissemelhanças capazes de identificar este ou aquele determinado grupamento populacional.

Estes critérios, tendo sempre como base a homogeneidade e a visibilidade tanto podem estar prioritariamente ligados à Geografia, à História, à Sociologia, à Administração, quanto à Linguística e à própria Filosofia.

Se, do ponto de vista da Administração, a região é muito mais uma entidade de planejamento político, uma área arbitrária,

com limites imprecisos e arbitrários, nos demais aspectos Região é algo inerente à estrutura da sociedade que sabemos existir embora não se possa definir com exatidão (Dickinson, 1961, p. 25).

Como unidade social, a região requer um enfoque inteiramente diferente do geográfico. Há que se levar em conta, entre outros, os vínculos religiosos comuns, as tradições afins e influência de uma capital sede, a comunidade de hábitos, níveis de vida, etc.

Para o prof. E. G. R. Taylor, região é uma área homogênea no que se referir à consciência de grupamento, à organização e interdependência de sua população. O prof. Dickinson (1961, p. 30) escreve que devemos considerar a região como uma associação geográfica das relações humanas no espaço, e se ela puder ser objeto de definição sob muitos pontos de vista como área, por exemplo, caracterizada pelo mesmo tipo de agricultura ou de estrutura industrial, pela mesma cultura, ou pela mesma linguagem, o fator principal da integração da vida e organização da sociedade em tais associações regionais terá que ser sempre o centro, trate-se de uma povoação, de uma cidade, ou de uma grande capital.

São ângulos do cientista e do geógrafo urbano. Eles apenas servem de suporte às considerações preliminares da presente dissertação preocupada, mais com o Regionalismo Literário, ou mais precisamente, com uma região, capaz de se identificar como unidade estético-literária.

Como unidade sócio-cultural, a região requer um enfoque inteiramente diferente do geográfico. Aqui, dever-se-ão levar em conta, em escala prioritária, os elementos psico-culturais, os vínculos religiosos comuns, as tradições afins, a comunidade de hábitos, os níveis de vida, numa palavra, a cosmovisão do grupo humano em análise.

Os estudos sobre as diversas regiões brasileiras são recentes. Datam de pouco mais de 100 anos se tomarmos como ponto de partida para a questão, o trabalho de Martius Como se deve escrever a história do Brasil, publicado em 1845.(10)

Se até então se estudava nossa Pátria como uma unidade monolítica, o sábio alemão, depois de nos visitar, chamava atenção sobre a necessidade de considerarmos os núcleos de nossa formação histórica. E pedia que se estudasse o processo histórico nacional através desses centros: São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso; Maranhão e Pará; Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco; Bahia, Alagoas e Sergipe.

Quinze anos depois, Handelman, com sua História do Brasil realiza aquilo que Martius houvera sugerido e apresenta o trabalho tomando como base cinco núcleos de onde se teria expandido a colonização das terras brasileiras: o estado do Maranhão (Alto Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e Ceará); a capitania geral de Pernambuco (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas); Governo Geral da Bahia (Sergipe e Bahia); capitania geral do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul); capitania geral de São Paulo (São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso).

Por outro lado, o primeiro historiador pátrio a preocupar-se com os centros geradores da formação nacional foi João Ribeiro quando, em 1900, apresentou as cinco células originais de nossa nacionalidade: Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão ou Pará.

A última tentativa de estudar regionalmente a história do Brasil, ocorreu em 1967 quando Ernani da Silva Bruno apresentou seis pontos formadores da nacionalidade brasileira: Amazônia, Nordeste, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Grande Oeste.

A regionalização do Brasil, tomando como ponto de parti-

da, agora, elementos naturais comuns tem começo com o livro de André Rebouças Le Brésil en 1889 quando apresentou dentro da distribuição geográfica do país, as principais áreas de atividades agrícolas.

A partir de então, sem contar a regionalização oficial admitida pelo IBGE, o Brasil já foi regionalizado como: Norte, Nordeste, Leste, Sul, Centro-Oeste(11); Faixa Costeira, Floresta Tropical, Áreas Montanhosas da Floresta Densa, Caatinga do Nordeste, Campos do Interior(12); Norte, Nordeste, Litoral do Leste, Sudeste, São Paulo, Sul e Sertões(13); Vale do Amazonas, Costa do Nordeste, Nordeste Árido, Estados Industriais do Centro, Fronteira do Oeste(14).

Para Arnaldo Niskier

"levando-se em conta a conceituação de geoeconomia, o Brasil pode ser dividido em três regiões com semelhantes características de desenvolvimento: Centro-Norte, Nordeste e Centro-Sul"(15).

Partindo do princípio de que "a Geografia não se separa da História" e de que o Brasil é uma "reunião de elementos antagônicos e harmonização dos contrastes" Roger Bastide(16) encontrou oito regiões nitidamente diferenciadas: a Amazônia "imensa planície de 7 milhões de quilômetros quadrados" (1964, p. 38); o litoral da cana de açúcar; a presença africana; o outro Nordeste "o Nordeste agreste do algodão ... que começa a cinquenta quilômetros da costa, mais ou menos, ora mais perto, ora mais longe; e depois dele, eis o polígono da seca que se estende do Norte da Bahia até o Piauí" (idem, p. 83); o Brasil do Ouro "civilização localizada na província central montanhosa que tomaria mais tarde o nome de província de Minas Gerais" (idem, p. 107); itinerário do café; duas capitais Rio de Janeiro e São Paulo e o pampa e o cavalo.

Verdade é que o próprio professor-fundador da Universidade de São Paulo, fosse pelo fato de sua passageira permanência no

Brasil, fosse pelo fato de não estar absolutamente convencido da validade definitiva de suas conclusões, no próprio trabalho que nos serve de elemento de consideração(17) - ao analisar a presença africana declara que "há algumas vezes, três tipos de Brasil a considerar: o Brasil indígena da Amazônia, do Mato Grosso e de Goiás; o Brasil branco do Sul; e o Brasil negro, que seria, antes de tudo, o do litoral do Nordeste." (idem, p. 66).

Pois é, exatamente valendo-se dos tipos humanos, que Nina Rodrigues, já em 1894, havia tentado fixar os tipos antropológicos para desvelar uma outra regionalidade brasileira.

No seu trabalho As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil(18), o sábio maranhense encontrou quatro regiões: mestiçagem luso-africana (com mancha indígena mais ao Norte) do litoral Norte até a Bahia; mestiçagem negro-branca, com predomínio do elemento europeu na Região Centro; predomínio do elemento branco, na Região Sul; mestiçagem índio-branca na Amazônia e Estados Ocidentais.

Ainda dentro do ponto de vista antropológico, Arthur Orlando(19) - encontrou o tapuio da Amazônia; o pernambucano; o mestiço baiano, o paulista; o gaúcho; o campineiro faisgador e o teuto-brasileiro.

Muitas outras classificações foram tentadas. Sílvio Romero regionalizou o Brasil em atividades econômicas predominantes; Tristão de Athayde, segundo as condições psicológicas; Joaquim Ribeiro e Manuel Diegues Júnior, pela homogeneidade cultural; Vianna Moog, de acordo com os núcleos literários; o Manifesto Regionalista do Recife, pela alimentação (a baiana, a nordestina, a mineira, extremo-norte, fluminense, norte-paulista, gaúcha e sertão. Rodolfo Garcia, dentro do ponto de vista lingüístico. E Josué de Castro, em 1946, encontraria apenas cinco regiões: Amazônia, Nordeste açucareiro, Sertão nordestino; Centro-Oeste e Extremo-Sul.

Manuel Diegues Júnior e Tristão de Athayde são dois críticos que melhor estudaram o problema da regionalização brasileira por tê-lo focado à luz dos campos culturais.

O primeiro, em janeiro de 1968, apresentou ao Conselho Federal de Cultura, do qual é membro, um pequeno ensaio intitulado "Caracterização de Regiões Culturais do Brasil".

Depois de apresentar as muitas tentativas anteriores - com os mais diversos e contrastantes resultados de regionalização - e baseando-se em Roger Caillois, Afonso Arinos e Gilberto Freyre, o autor de Etnias e Culturas do Brasil diz que uma região, culturalmente considerada, é

"o resultado do sistema de relações que o homem estabelece, através de seu instrumental criador, no sentido de transformar o meio - no caso, especialmente a paisagem física -, nele construindo o seu ambiente social".

No caso do Brasil, continua Manuel Diegues Júnior, o estudo da região preferentemente parte das relações estabelecidas pelo processo de ocupação humana, com o grupo étnico ou grupos étnicos implantando-se, com uma atividade econômica criada e com a formação de um grupo social em que se esteia a constituição da sociedade.

A luz desses critérios, o atual Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura divide o Brasil em oito regiões culturais: Amazônia, Nordeste Agrário do Litoral, Nordeste Mediterrâneo, Mineração, Centro-Oeste, Extremo-Sul, Colonização Estrangeira e Urbano-Industrial(20).

Das muitas divisões das regiões apresentadas por Tristão de Athayde, poucas terão sido tão válidas e tão completas, quanto as que foram descritas em dezembro de 1964(21).

Em dois artigos, intitulados respectivamente, "A Unidade Cultural Brasileira" e "A Pluralidade Cultural Brasileira", o en -

tão catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia diz que "ao passo que as nações hispano-americanas se fizeram por desagregação de um Império único que se fracionou, o Brasil se formou por segregação, por isolamento, com um só eixo Salvador-Lisboa ou Rio-Lisboa, mantendo a unidade desde o início da conquista. E essa unidade, tanto geográfica, como histórica, política, lingüística, econômica, psicológica, religiosa vem de nossas origens e se mantém até hoje".

Mas essa unidade estrutural tem apenas uma função aglutinadora da pluralidade cultural, ou dos diferentes planos de cultura.

E o autor de Mitos de Nosso Tempo vê quatro planos de cultura coexistente na civilização brasileira: a cultura atlântica (as grandes cidades e principalmente as capitais); a cultura mista (cidades pequenas e fazendas organizadas); a cultura caipira (fazendas rústicas e sertão em geral) e a cultura primitiva dos silvícolas. E vê, igualmente, quatro zonas culturalmente diferenciadas: o Sudoeste, o Oeste e o Norte; o Nordeste e o Leste; o Centro e o Sul.

Para os limites a que se impôs o presente trabalho, pouco ou nada acrescentariam referências à regionalização geopolítica - os 21 Estados, os 4 Territórios e o Distrito Federal - ou as puras divisões do Brasil dentro dos aspectos administrativos: SUDAM, SUDENE, SUDESUL, SUVALE, SUDECO, POLAMAZONIA.

O II PND vem se preocupando com a

"a estratégia de integração nacional dentro de duas preocupações principais: o melhor equilíbrio econômico-político entre as diferentes regiões, seja dentro do Centro-Sul, seja das outras macrorregiões em relação ao Centro-Sul e a colocação geopolítica da interação entre a utilização econômica do grande es

paço brasileiro.

A política do quarto Governo da Revolução não cogita de redividir o Brasil, segundo áreas mais ou menos iguais geograficamente, ou segundo outros critérios. Evitou-se cuidar de redivisões em larga escala, principalmente na área economicamente já ocupada. O que se procurou fazer foi, desde logo, criar novo e poderoso pólo de desenvolvimento, através da fusão Guanabara-estado do Rio de Janeiro, para que, no núcleo mais desenvolvido do País, melhor equilíbrio econômico-geográfico se estabeleça no triângulo São Paulo - Rio de Janeiro - Belo Horizonte". (II PND)

Em matéria de redivisão é pensamento do referido Plano "considerar um ou dois pontos importantes da ocupação do sub-conti-nente Amazônia-Centro Oeste, com atenção especial à situação de Mato Grosso".

Se a consciência de regionalização cultural não é tão forte entre nós, a divisão geo-política é tão acentuada que a proposição do Senador Dinarte Mariz(22) de se convocar uma Assembléia Nacional Constituinte para preparar uma constituição transformando o Brasil em Estado Unitário - Presidente da República nomeando os governadores e estes os prefeitos - caiu no vazio e recebeu críticas do Brasil inteiro, inclusive de seus próprios colegas de parti-do (ARENA).

Do que ficou dito até o presente capítulo, pode-se concluir que, com referência aos estudos da regionalização de um determinado país, ou de um determinado povo, duas correntes estão mais ou menos definidas: aquela que vê a Região como uma entidade humana, porque contactante com elementos físico-ecológicos e aquela que vê, tão somente, a presença do poder coercitivo do Governo capaz de subdividir para efeitos administrativos. Esta, interessan-do mais ao regionalismo político-administrativo não será objeto de análise. O presente trabalho estará interessado em detectar a força e a influência da região na produção literária de um determina-do grupo humano.

2 - O ESTAR-NO-MUNDO

Se para o Idealismo: o espírito criou a matéria; o mundo não existe fora do nosso pensamento e são as idéias que criam as coisas, para o Materialismo: é a matéria que produz o espírito; a matéria existe fora de qualquer espírito e nós podemos conhecer o mundo.

Muito mais do que uma preocupação filosófica entre idealistas e materialistas sobre a forma de inserção do Homem-no-Mundo, o presente capítulo procurará deter-se no aspecto sócio-anropológico do problema.

E aqui valem bastante as afirmativas de Roger Bastide,

"o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistemas de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. Os mesmos termos como "classe social" ou "dialética histórica" não têm o mesmo significado, não recobrem as mesmas realidades concretas. Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. O sociólogo que quiser compreender o Brasil, não raro precisa transformar-se em poeta". (1964, p. 15)

No estudo da inserção do Homem-no-Mundo, os antropólogos e os sociólogos são quase unânimes em afirmar que não se pode prescindir do conhecimento das condições do meio físico onde este homem está plantado.

"O Homem que o antropólogo estuda, comporta-se, em grande parte, situacionalmente. As instituições, os

estilos de vida, as culturas que o Homem assim situado cria, conserva e desenvolve, são instituições, estilos e culturas também condicionadas por situações. Situações de espaço físico que se projetam sobre situações de espaço socio-cultural, condicionando, em grande parte, não só o caráter de instituições sociais e de culturas, como a sua distribuição no espaço". (23)

Para Manuel Diegues Júnior, o ambiente condiciona a vida humana, em primeiro lugar, através do clima e do solo e, depois, pela vegetação, pelo relevo e pelos demais elementos que o constituem.

Na influência do meio físico verificamos que cada grupo humano procura adaptar-se às condições que o ambiente oferece. Entende-se como meio físico a existência de uma série de energias e condições externas, vindas do cenário natural de uma região. Estas energias e condições "atuam sobre o homem e influem na adaptação cultural" (1963, p. 24).

Outro não é o pensamento de Oliveira Viana quando declaram, por exemplo, que o gaúcho é socialmente um produto do pampa.

"Em nenhum dos grupos regionais, em que se divide nosso povo, revela-se mais visível a imprimidura do meio físico. Em nenhum, os agentes antropogeocêntricos parecem ter exercido mais intensa e profundamente a sua ação modeladora". (24)

Forçoso, contudo, é reconhecer que esta consciência de regionalidade de vários grupos da população brasileira dispersos desde os verdes - fortes da Selva Amazônica aos verdes - amplos das grandes extensões do pampa gaúcho, estão em rápido processo de descaracterização.

Há 33 anos 70% dos brasileiros viviam na Zona Rural. Hoje, 60% de nossos patrícios já residem nas cidades. Para o ano 2000, menos de 30% estarão em contacto com o mundo rural. E, conseqüentemente, a ação modeladora dos agentes físicos deixará de exis

tir pois os cientistas sociais, os técnicos e os políticos são unânimes em afirmar que o Homem da Cidade não só se desregionaliza como passa a ter comportamento psico-social uniforme, esteja ele nesta ou naquela latitude.

A forma de inserção do Homem-mo-Mundo, foi sempre a grande preocupação de nossos escritores.

E tão forte tem sido esta constância que o conceito de Regionalismo Literário, na maioria das vezes, é apresentado de forma destorcida ou incompleta.

Mesmo que se trate de um Roger Bastide, não se pode admitir que "as duas grandes escolas que dominam a literatura contemporânea são a escola modernista, no Sul, e a escola regionalista, no Norte". (1964, p. 198)

Verdade é que o próprio professor da Sorbonne estava preocupado. A oposição dos dois termos poderia prestar-se a confusões motivo porque, ele se apressa em chamar atenção de que os dois movimentos unicamente sublinhavam os contrastes de duas províncias culturais: "presença do imigrante e presença do negro". (Idem)

A admitir-se verdadeira a afirmativa do autor de Brasil: Terra de Contrastes como conceituar o regionalismo de Valdomiro Silveira, Afrânio Peixoto ou Simões Lopes Neto, os três escrevendo e publicando seus romances nos anos 1900-1920 nesta parte Sul do Brasil?

As relações entre o mundo real e o mundo da literatura sempre deram margem a controvérsias e suscitaram teorias nem sempre concordantes.

Para Lukacs, há um realismo de primeiro grau - o histórico - e um realismo de segundo grau - o literário. Goldmann e Al-

thusser ampliaram essa conceituação, mostrando que o realismo literário questiona em termos dialéticos, o real histórico. Badiou entende, dando outro passo à frente, que não é função da obra literária ratificar qualquer ideologia exterior, ao tratar das relações entre ideologia e obra de arte literária. Assim, quando a ideologia penetra na obra de arte literária, ela o faz através de um processo de transformação estética.

Por outro lado, Auerbach nos fala de um real histórico que se distingue do real do texto.

E, para ficarmos no Brasil, e com o crítico que melhor estudou o regionalismo gauchesco

"a criação literária vive em grande parte ... da contradição inevitável entre a mimese, ou imitação da realidade e a síntese criadora e subjetiva, que lhe dá estilo e vida"(25).

Por não estar nos limites do presente trabalho, pouco importariam aos enfoques desta dissertação os muitos e desencontrados conceitos de Literatura e seu relacionamento, ou não, com o Real. A ficarmos com os idealistas, teríamos a contraditar-nos os valores do materialismo marxista. E vice-versa.

Importa, isto sim, estudar-se a inserção do Homem Literário no Mundo da Estética.

Segundo Alfredo Jacques,

"pampa e sertão modelaram respectivamente o gaúcho e o sertanejo, dando-lhes diferentes visões do mundo. A imensidade dos campos argentinos uruguaios e brasileiros, da Campanha ao Extremo-Sul, suscita naquele que por eles cruza a cavalo, a lisonjeira ilusão de que ao trote de sua montaria move-se o eixo do orbe. O horizonte, invariável, fugindo nas distâncias, fá-lo centro de um círculo cuja circunferência acha-se no infinito.

E do seu psiquismo, a síntese entre o Sujeito e o

Objeto. O sujeito, ele. O objeto, o Universo. Introjeta-se o Universo, ei-lo, agora, centro do mundo".(26)

É a partir do Romantismo que o escritor brasileiro, querendo-se liberto da "inteligência" portuguesa, passa a situar dentro de suas obras o elemento autóctone para representar o "homo brasiliensis" como centro do mundo brasileiro. E se com o indianismo se pretendia apresentar a homogeneidade de nossa pátria, nem por isto, o seu criador, José de Alencar, deixa de escrever o primeiro livro regionalista da ficção brasileira.

Quando, em 1870, valendo-se de apontamentos que um parente seu, militar, de volta da campanha de Rosas, ministrou-lhe sobre as terras e as gentes do pampa, o autor de Iracema publica O Gaúcho, inicia-se com este livro, a firme caminhada no romance regional brasileiro.

Embora o romance, logo em seguida, viesse a sofrer as arremetidas dos críticos - Bernardo Taveira em sendo o primeiro, seguindo-se entre outros Araripe Júnior, Roque Callage e Augusto Meyer

"um apressado romance regional, feito de remendos de notas, informações precárias, intuições nem sempre bem aproveitadas".(1960, p. 79)

alegando, quase sempre que o verdadeiro pampa não havia sido observado, entendemos que o trabalho do escritor cearense, quando analisado dentro do prisma do Romantismo então em voga, apresenta méritos de inegável valor.

Em muitas de suas páginas poder-se-ão encontrar, pela primeira vez na ficção brasileira, as situações de espaço físico que se projetam sobre situações de espaço sociocultural, dimensões que escaparam totalmente a seus críticos e detratores.

Nessa passagem "o viandante perdido na imensa planície, fica mais que isolado, fica oprimido. Em torno dele faz-se o vácuo:

súbita paralisia invade o espaço que pesa sobre o homem como lívida mortalha" (27) temos um Sujeito que ao inserir-se no Mundo tem consciência de que é menor do que ele. E não apenas menor. Mas um sujeito que passa a ser Objeto diante das investidas do Grande Objeto, isto é o Mundo.

Verdade que se estava ainda no Romantismo, no romantismo de um Gonçalves Dias, para quem

"Viver é lutar
A vida é combate
Que os fracos abate."

No parágrafo seguinte, o Autor, introduz-se na narrativa, como a demonstrar que seu ponto de vista é importante para o desenrolar da história:

"No meio dessa profunda solidão, onde não há guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso afrontar o deserto com intrepidez, sofrer as privações com paciência, e suprimir as distâncias pela velocidade."

Afrontar o deserto, sofrer as privações, suprimir as distâncias, com intrepidez, com paciência e com velocidade, aí está a fórmula para tendo-que-estar-no-mundo-opressor tornar impossível a destruição.

Novamente, é o mesmo pensamento de Gonçalves para quem se a vida é combate que os fracos abate

"Aos bravos, aos forte
Só pode exaltar."

A forma de inserção no mundo, para O Gaúcho só poderá se concretizar com a vitória completa sobre o Objeto: o pampa tem que ser derrotado!

"Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a veemên-

cia do touro. O coração, fê-lo a natureza franco e descortinado como a vasta coxilha; a paixão que o agita lembra os ímpetos do furacão, o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa como a savana". (1958, p. 424-425)

O pampa pode ser derrotado. Mas não mais como pampa. Ele passa agora a ser a campanha: "Nas margens do Uruguai, onde a civilização já babujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa seu belo nome americano: o gaúcho, habitante da savana, dá-lhe o nome de campanha".

Só a descaracterização do mundo, é que permite o Estar-no-Mundo do homem romântico.

Em duas etapas, por conseguinte, dá-se a inserção do Homem-no-Mundo, segundo o ponto de vista em O Gaúcho.

No princípio era o pampa: imenso, vazio, avassalador na sua força indomável. Mas no sétimo dia chega o Homem. E ele o domina.

Vencido o pampa, até a própria natureza cósmica passará a ser analisada - e até mensurada - em termos antropocêntricos: "medindo a altura do sol, conheceu que era perto do meio dia" (1958, p. 428).

O Sujeito e o Objeto agora identificam-se. Passam a fazer parte do Todo. Passam a ser o mesmo Universo. Com o Homem sentindo-se senhor de todas as criaturas.

Ronald de Carvalho na sua Pequena História da Literatura Brasileira, publicada em 1919, dá a Bernardo Guimarães o privilégio de ter sido o introdutor do regionalismo em nossa literatura.

De fato. Enquanto José de Alencar leva para dentro de sua ficção o espaço físico projetando situações psico-culturais, o autor de O Garimpeiro, em 1872, descreverá as tribulações amorosas

de Lúcia

"retirada na solidão da fazenda paterna, desde que saíra da escola, Lúcia crescera como o arbusto do deserto, desenvolvendo em plena liberdade todas as suas graças naturais"(28)

e de Elias, o pobre que se torna rico no garimpo, debaixo da convicção de que

"nessas paragens os homens são robustos, ativos e inteligentes, as moças são bem feitas, meigas e formosas". Todas essas vantagens são devidas talvez em grande parte à doce e sempre igual temperatura do clima, à inexcedível uberdade do solo, à beleza e magnificência de seus horizontes incomparáveis" (1944, p. 244).

Mas é com O Índio Afonso, publicado em 1873, que o autor de A Escrava Isaura entende que "a pintura exata, viva e bem traçada dos lugares deve constituir um dos mais importantes empenhos do romancista brasileiro". (1944, p. 361) E no seu caso específico, e le não seria capaz de descrever magníficos salões dourados, ricos e mimosos tapetes, macios coupês, ruas e praças de uma esplêndida cidade, aromas dos lilases, asfodélias, cinamonos, vagões de primeira classe varando distâncias enormes, monumentos, países cheios de lindas tradições romanescas, prodígios de arte antiga e moderna porque

"minha musa é essencialmente sertaneja; sertaneja de nascimento, sertaneja por hábito, sertaneja por inclinação" (1º cap.).

Não se tratava, porém, de uma incapacidade, mas de uma opção, já que o filho de Ouro Preto, com passagens por Uberaba, formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, jornalista na Corte, professor da cadeira de Retórica e Poética em Ouro Preto, enquanto Juiz de Direito em Catalão, conversando

"com o grande espírito das florestas, que fala pelo zunido da ventania na grenha arrepiada das selvas

seculares, e pelo bramido das cachoeiras dos rios dos desertos"(cap.1).

sentia que o interior do País era muito mais brasileiro do que "esses esquisitos ressaibos de bom-tom de uma companhia de alta sociedade" apresentados por um bom número de

"insignes talentos, que com tanta habilidade e elegância sabem manejar a pluma do romancista, e que podem admiravelmente acariciar-vos a fantasia com lindas e galantes histórias de amores nascidos à sombra do caramanchão do jardim e desenvolvidos ao esplendor dos lustres do salão do baile ou teatro, ou no convívio dos serões de família ao pé do piano entre ondas de harmonia, ou em roda de uma mesa ao calor de um bule de chá" (Idem).

São duas, pois, as literaturas que o Brasil, está apresentando: a da cidade e a do sertão. A da cidade, civilizada, sofisticada, européia. A do sertão natural, autêntica, brasileira.

Com o Naturalismo, visando a objetividade científica e sociológica dos ambientes e com o Homem explicado pela raça, pelo meio e pelo tempo que o insere no contexto, a materialidade do Homem e do Universo, isto é do Sujeito e do Objeto, passam a integrar o Cosmos, com as mesmas leis, os mesmos princípios. E a mesma finalidade.

Todos participam do Todo como um todo.

Mas é com o Impressionismo pré-modernista da virada do século que a consciência do Estar-no-Mundo passará a ter nuances diferentes segundo as diversas regiões brasileiras, a partir de Pelo Sertão (1898), tendo antes, passado pela literatura de inspiração amazônica de Inglês de Sousa, O Cabeleira (1876) de Franklin Távora, seguido logo depois, pela literatura gauchesca dos anos 1910-1925, para firmar-se com Os Caboclos e Fruta do Mato (1920) e tornar-se definitiva com o chamado romance nordestino dos ciclos da seca, da cana-de-açúcar e do cangaço.

Na história da evolução da Literatura Brasileira no que toca às formas de inserção do Homem-no-Mundo, válido é dizer-se que esse regionalismo é mítico com os românticos Bernardo Guimarães e Taunay; documental com Júlio Ribeiro, José Veríssimo, Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha; caboclista, com Afonso Arinos, Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato; sertanista com Inglês de Sousa, Peregrino Júnior; cósmico-telúrico com Franklin Távora, Domingos Olímpio, Oliveira Paiva, Lins do Rego e Graciliano Ramos; gauchesco com Alcides Maya, Roque Callage, Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja.

3 - A "REALIDADE" LITERÁRIA

Se um dos capítulos anteriores havia dito que para o presente enfoque importava mais o aspecto sócio-antropológico da inserção do Homem-no-Mundo do que a análise da questão dentro das contraditórias teorias do Idealismo e do Materialismo, importa agora voltar ao mesmo posicionamento na análise da Vida e da Arte. Ou, mais precisamente, da realidade literária.

De fato, para que se possa detectar o fenômeno da essencialidade da Arte, necessário se torna combinar elementos tão diversos como Realismo e Idealismo, Racionalismo e Empirismo, Positivismismo e Pragmatismo, Institucionismo e Intelectualismo.

Roman Ingarden(29) parece ter sido o crítico que mais a fundo se preocupou com a fenomenologia da obra de arte fora dos debates Realismo e Idealismo para explicar este ou aquele fenômeno estético.

No seu trabalho, publicado pela primeira vez em 1930, o discípulo de Husserl atesta que apesar de suas investigações terem por tema principal a obra literária, e sobretudo a obra de arte literária, os motivos que em última análise o levaram a tratar este tema "são de natureza filosófica geral" (1973, p. 4) e estão intimamente relacionados com o problema Idealismo-Realismo.

E quando o, também, autor de Observações acerca do problema Idealismo-Realismo, analisa a estruturação da obra literária em: estrato das formações fônico-linguísticas, estrato das unidades de significação, estrato das objetividades apresentadas e estrato dos aspectos esquematizados, estava tentando se libertar de "certos preconceitos não-críticos, consolidados pela educação e pe

lo hábito" (1973, p. 19) para mergulhar na essência da obra literária.

Liberto, pois, dos preconceitos assumidos por esta ou por aquela corrente filosófica, no presente capítulo se pretende detectar os caminhos da expressão do Homem inserido no seu mundo para, daí, chegar a uma conceituação de Regionalismo e de Regionalismo Literário.

No processo de interação entre o sujeito e o objeto uma de suas conseqüências é o conhecimento. Para Dino del Pino,

"O conhecimento, em si mesmo, nada mais é do que um terceiro elemento da relação estabelecida entre o sujeito e o objeto, quando o primeiro assimila, de certa forma, o segundo".(30)

Pelo conhecimento, resultado de uma impressão, o sujeito retém o objeto pela imagem e pela idéia. A primeira origina-se do contacto direto entre o sujeito e o objeto; a segunda, é "fruto de ato reflexivo da inteligência" (1972, p. 10). E a realidade representada, como a primeira, é, simplesmente a realidade impressa.

Ao fenômeno da introjeção do objeto no sujeito - quer sob a forma de imagens ou sob a forma de idéias pessoais sobre o assunto, dá-se o nome de impressão.

A impressão, para Dino del Pino, é o "ato pelo qual reproduzimos mentalmente a realidade exterior" (1972, p. 12). Claro que esta elaboração de uma realidade íntima não se aterá exclusivamente aos estímulos recebidos do mundo exterior. Será ela o resultado de uma grande soma onde entrarão um sem número de parcelas ligadas à Filosofia, à Sociologia, à Psicologia, à Religião, à Política, etc.

Mas o processo de interação não se completa com a simples impressão que o homem possa fazer de si e de seu mundo exterior. Por ser um animal político, já o dizia Aristóteles - ou por

vivermos na era da comunicação, como o dizem todos - a criatura humana não se contenta em conhecer. Ela quer ser capaz de influenciar o mundo, quer projetar para fora de si, o mundo elaborado - e preferentemente o mundo que tem dentro de si. Quer expressar-se.

Para Pierre Giraud(31),

"Expressão é a ação de manifestar o pensamento por meio da linguagem".

A arte, seria, pois, a realidade e sua expressão.

A realidade expressa é sempre psico-contextual, afirmativa que o próprio Ingarden não se pôde furtar.

"Como objeto puramente intencional a obra literária não precisa de participar nos acontecimentos do mundo real nem de ser por estes envolvida no seu curso. Mas, precisamente, porque resultou da realização de operações subjetivas e assim cai, em princípio, dentro do âmbito de poderes de indivíduos psíquicos capazes de efetuar tais operações e porque, ao mesmo tempo, as frases uma vez construídas não têm necessariamente de permanecer na forma originariamente recebida, pode a obra literária sofrer transformações sem que por isto deixe de ser a mesma" (1973, p. 378).

Dentro dessa psico-contextualidade, através dos tempos, a Arte teria desejado expressar, ora a Verdade (Classicismo), ora a Utopia (Renascimento), ora a Beleza (Romantismo), ora a Realidade (Realismo), ora a Sugestão (Simbolismo), ora a Revolução (Modernismo).

Até o Renascimento, só a aristocracia pôde ser sujeito e objeto da Arte. No Romantismo, será a vez da burguesia. Com o Realismo e o Modernismo será a vez das camadas populares participarem como objeto - e até sujeito - da Obra de Arte.

Das modernas correntes da crítica estética parece ser constante o conceito de que a Arte, hoje, instaura realidades pessoais, em geral dentro de uma contra-realidade.

"A literatura só atinge a literatura quando enfoca u ma realidade essencial que está além da realidade verista e, às vezes, opõe à ela", (Fritz Teixeira de Salles, citado por Aires da Mata Machado Filho, O Estado de S. Paulo, 29 de fevereiro de 1976).

"A arte é maior do que os seus intérpretes" e por isso nem mesmo o maior dos críticos consegue definir todas as espécies de significação e valor de uma obra literária já o disse David Daiches(32). Ainda para o professor de Cambridge

"a crítica é sempre conjectural, parcial, oblíqua" e a crítica prática "aquela que visa a demonstrar a natureza e a qualidade de certa obra e, por esse meio aumentar nosso entendimento e apreciação dela, há de ser fragmentária, indireta, aproximada, jamais uma descrição completa e cabalmente satisfatória do que nela ocorre" (1967, p. 379).

Quem se abalance a fazer análise de uma obra, de um autor, de uma época ou de uma tendência dentro de uma literatura, como é o caso da presente dissertação, de saída, poderá esbarrar com problemas ao aderir a uma das muitas correntes em que a moderna crítica se fragmentou e se degladiava há mais de um século.

Segundo Tristão de Athayde, a crítica literária no Brasil, de 1870 a nossos dias, passou por cinco fases

"com nomes que nada valem se não corresponderem a uma realidade complexa e individuada: romântica, naturalista, impressionista, humanista e globalista"(33).

A análise que vigorava quando a literatura romântica ensaiava seus últimos e lacrimajantes versos

"era a das grandes generalizações e comparações aleatórias, embora com o mérito de um levantamento bio bibliográfico indispensável como base para futuras interpretações mais efetivas que retóricas"(34).

Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, com seu espírito de sistematização, com suas influências do meio físico e do meio social sobre a obra de arte, são os três grandes nomes do naturalismo crítico.

No início do século quando a influência de um Taine ou de um Buckle ceder lugar à força dos mestres do Impressionismo francês - Anatole France, Rémy de Gourmont, Jules Lémaître, entre os principais - "a crítica perdeu substância tornando-se superficial e individualista, ainda segundo a análise do autor de A Estética Literária e o Crítico.

Com o Modernismo, ela reconquistará as posições perdidas, ganhando, em gosto e em expansão cultural, "uma dimensão humanista e estética, que o mesologismo naturalista marginalizara" (Idem).

"O pós-Modernismo viria completar esse movimento de reação anti-impressionista. A Nova Crítica, de que Afrânio Coutinho se constituiu o introdutor, vinha impregnada de espírito analítico e científico, procurando acima de tudo um rigor que faltara ao subjetivismo romântico e impressionista, ao objetivismo mesológico naturalista e mesmo ao culturalismo humanista dos modernos.

Esse néo-objetivismo é que está levando uma geração mais jovem de críticos, a elaborar uma nova sistemática que chamei de globalista, por apresentar uma preocupação de totalidade estética e filosófica de grande importância" (Idem).

O globalismo crítico parte do princípio de que é incompleta a análise de uma obra quando, através de um malabarismo semiológico se estudar só a linguagem; quando, por meio de um esquematismo estruturalista se tiver preocupação apenas com a forma; quando, impregnados de um dirigismo sociologizante nos ativermos, apenas ao conteúdo; ou quando, dentro de um historicismo culturalizante nos detivermos tão somente ao "externo".

A nova corrente de crítica atual parte do princípio de

que a literatura emerge das condições ostensivas da História.

"Como então perguntar sobre a literariedade sem indagar sobre a verdade histórica de nosso tempo? Como interpretar o texto ignorando o contexto?" (35)

Em todo o processo de criação artística é inegável que há um Sujeito - o autor -, e há um Objeto - a obra. Há um Sujeito que está dentro da História, da Geografia, da Sociologia, da Política; que é, segundo a Psicologia, a Filosofia, a Cultura e que faz, de acordo com sua Arte. Há uma obra que está - pela Língua -; que se faz - pela Estrutura e que pode ser - pelo Conteúdo.

Analisando a periodicidade da história literária brasileira constatar-se-á que os críticos, na tentativa de desvelamento da Obra de Arte, ora deram prioridade à História (Romantismo); ora à Geografia e à Sociologia (Realismo), ora à Psicologia (Simbolismo) ora à Filosofia e à Cultura (Impressionismo). Só a partir do Formalismo Russo e das correntes da Nova Crítica é que a obra passou a ser o ponto de enfoque. Mas, aqui, novamente houve um sério desvio na interpretação, de vez que se antes se ignorava a Obra, agora passou-se a desconhecer o Autor.

É o que o globalismo crítico de um Tristão de Athayde, de um Eduardo Portella, de um Antônio Cândido pretendem corrigir.

A visão global de uma obra requer um método que se debruce tanto sobre o Sujeito quanto sobre o Objeto. É falha uma análise que se curve, apenas, sobre o autor, como fazia crítica romântica; é falho o sistema que mergulhe, tão somente, sobre as idéias do conteúdo, como pretenderam os críticos naturalistas; é pouco válido, igualmente, o prisma do Formalismo, da Estilística, da Nova Crítica ou do Estruturalismo que estudam "a carpintaria" e a "literariedade" e não a literatura no seu complexo global.

"De qualquer modo, convém evitar novos dogmatismos,

lembrando sempre que a crítica atual, por mais formalmente interessada, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes, como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, - frequentemente com finalidade não literária" (36).

No Segundo Encontro Nacional de Professores de Literatura (37), onde o fenômeno literário foi visto sob a ótica interdisciplinar (Literatura-Filosofia, Literatura-Psicanálise, Literatura-Linguística, Literatura-Antropologia e Literatura-Sociologia), das discussões ficou claro a necessidade de se distinguir entre os aspectos e requisitos da análise e os aspectos e as exigências da crítica. A primeira, de base neutra e científica, admite a pesquisa, a segunda, dependendo da sensibilidade do crítico, estará subordinada à intuição do analista, para alcançar o intertexto ou o âmago do valor literário. Valor que, segundo Ingarden, não deixaria de ser subjetivo quando escreveu que

"as qualidades de valor estético ... constituem algo como uma cintilação luminosa que ... vivida por nós na fruição estética nos rodeia de uma atmosfera especial e sentimentalmente nos embala ou domina e arrebata" (1973, p. 406).

Pelas limitações naturais impostas a uma dissertação de mestrado, o presente trabalho, interessado em trazer alguns enfoques sobre o Regionalismo Literário vê-se obrigado a restringir seu campo de abrangência no relacionamento Sujeito-que-escreve versus Obra-que-está-escrita, para, seguindo sugestão do Segundo Encontro Nacional de Professores de Literatura se ater ao aspecto Literatura-Psicologia, dentro de realidades regionais.

Se nos detivermos sobre a história literária brasileira, constatar-se-á uma contínua e inarredada marcha no sentido da autonomia através de sua nacionalização sucessiva do autor, do conteú-

do e da estrutura.

"A formação da consciência literária nacional remonta a muito antes da época da independência política. A Literatura assumiu fisionomia diferente desde o instante em que se formou um homem novo na América".(38)

Em conferência realizada em 1939, em Buenos Aires, Ortega Y Gasset fixava-se em que

"os conquistadores mesmos já são os primeiros americanos e que, por conseguinte, o colonizador se tornou um homem novo no momento em que se firmou neste novo mundo".

À luz desta posição, Anchieta, Nóbrega e Gregório de Mattos já podem ser considerados autores "brasileiros". O mesmo poderia ocorrer com o Antônio Vieira das cartas.

Para alguns historiadores o "homem novo" brasileiro, teria nascido quando das Invasões Holandesas; para outros, com a Inconfidência Mineira, e, para muitos, finalmente, apenas com a Independência de 1822.

Formado o "homem brasileiro" estaria faltando ainda, para a existência de uma literatura nossa, "a vivência brasileira com uma expressão brasileira".

A vivência brasileira de nossa literatura, para Antônio Cândido "se configura no decorrer do século XVIII".(39) Contudo, ela se fixará, somente, com José de Alencar, quando os árcades e os pastores portugueses perdidos nas montanhas de Minas Gerais passam a ser substituídos pelo índio, pelo gaúcho, pelo sertanejo, pelo homem urbano; firma-se com Machado de Assis, para atingir sua maioria com Aluísio Azevedo e os naturalistas.

Se a partir do século XVI, nossa incipiente literatura pode contar com "autor"brasileiro, o conteúdo, é europeu e a expressão é portuguesa; no século XIX, o expresso se torna brasilei

ro, mas falta-lhe ainda a estruturação nacional que chegará com o Modernismo.

Tinham os críticos e os analistas, de cada época, consciência dessa diferencialidade que nossa literatura aos poucos ia obtendo?

Parece que sim.

Deve ter começado em 1836 esta preocupação quando Gonçalves de Magalhães, na Niterói, Revista Brasiliense publicou o seu "Discurso sobre a história da literatura no Brasil", com a finalidade de

"chamar a atenção da mocidade brasileira para o estudo dos documentos esquecidos da nossa limitada glória literária, a excitá-la ao mesmo tempo a engrandecê-la e revelá-la com novos escritos originais, que mais exprimissem nossos sentimentos, religiões, crenças e costumes, e melhor revelassem a nossa nacionalidade".

Depois de demonstrar que o Brasil, pelo seu povo e pela sua terra muito pouco tinha que ver com Portugal o autor de Suspiros Poéticos e Saudades afirma que no começo do século XIX

"com as mudanças e reformas que tem experimentado o Brasil, novo aspecto apresenta a sua literatura. Uma só idéia absorve todos os pensamentos, uma idéia até então quase desconhecida; é a idéia de pátria; ela domina tudo, e tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, liberdade, instituições sociais, reformas políticas, todas as criações necessárias em uma nova Nação, tais são os objetivos que ocupam as inteligências, que atraem a atenção de todos, e os únicos que ao povo interessam".

Gonçalves de Magalhães termina seu pequeno ensaio concluindo que se nossa literatura, até então não ostentava "um caráter nacional pronunciado" que a distinguisse da portuguesa,

"o país se não opõe a uma poesia original, antes a inspira. Se até hoje a nossa poesia não oferece um caráter inteiramente novo e particular, é porque os nossos poetas, dominados pelos preceitos, se limita

ram a imitar os antigos, que, segundo diz Pope, é imitar mesmo a natureza; como se a natureza se ostentasse a mesma em todas as regiões, e diversos sendo os costumes, as religiões e as crenças, só a poesia não pudesse participar dessa variedade, nem devesse exprimi-la".

Sete anos depois, isto é, em 1843, Santiago Nunes Ribeiro, começa seu ensaio "Da Nacionalidade de Literatura Brasileira" com a pergunta se o Brasil teria uma literatura própria e nacional ou se as produções de nossos autores pertenciam à literatura portuguesa.

Para esse chileno, transplantado para o Brasil quando criança, estavam errados os autores da época que argumentavam não existir uma literatura brasileira por estar escrita em língua portuguesa:

"não é princípio incontestável que a divisão das literaturas deve ser feita invariavelmente segundo as línguas em que se acham consignadas".

E por entender que o organismo dos seres vivos não pode subtrair-se à ação das causas naturais e do clima do novo mundo, a literatura

"resultado das influências, do sentimento, das crenças, dos costumes e hábitos peculiares a um certo número de homens, que estão em certas e determinadas relações"

pode muito bem ser diferente entre alguns povos embora falem a mesma língua.

O problema da utilização da língua portuguesa pelos escritores brasileiros, haveria de ser levantado por Gonçalves Dias e José de Alencar.

O primeiro, em carta ao dr. Pedro Nunes Leal, (40) pergunta-se se os 8 ou 9 milhões de brasileiros teriam o direito de aumentar e enriquecer a língua portuguesa e de acomodá-la às suas ne

cessidades como os 4 milhões de habitantes que então povoavam Portugal. A resposta era pela afirmativa. Pois do contrário não teriam os brasileiros condições de expressar as suas realidades típicas que muitas vezes nada tem que ver com Portugal. E o escritor, se pretende fazer-se compreendido pelo seu povo, haverá de empregar a língua que o povo fala e entende.

E tem mais:

"bom ou mau grado, a língua tupi lançou profundíssimas raízes no português que falamos e nós não podemos, nem devemos atirá-los para um canto a pretexto de que a outros parecem bárbaros e mal soantes".

E, pela primeira vez na história crítica da literatura brasileira, passa a encarar-se o Brasil Regionalizado.

"Acontece também que em distâncias tão consideráveis como são as do Brasil, o teor de vida muda; e os homens que adotam esta ou aquela maneira de viver formaram uma linguagem própria sua, mas expressiva e variada. Os vaqueiros, os mineiros, os pescadores - os homens da navegação fluvial estão neste caso. Pois o romance brasileiro não há-de poder desenhar nenhum desses tipos, porque lhes faltam os termos próprios no português clássico".

Termina com a afirmativa que define bem sua anti-lusitanidade: "o que é brasileiro é brasileiro".

José de Alencar "líder da nacionalização da literatura e da língua do Brasil", no dizer de Afrânio Coutinho(41), em dezenas de circunstâncias tentando demonstrar o lado brasileiro de nossas letras pela nova situação geográfica, racial, histórica e social e com o novo complexo cultural, parte do princípio de que

"o Brasil não é unicamente nem o solo que habitamos, e no qual são recebidos como irmãos quantos o buscam; nem a gente aqui nascida e que tem o nome de cidadão. O Brasil é a grande alma que habita esse corpo, e que associou-se à terra sul-americana, como o seu espírito indígete, com o seu nome hospitaleiro".

E conclui a série de cartas ao sr. J. Serra sobre "O Nos so Cancioneiro", publicadas em O Globo, em dezembro de 1874, com um argumento que parece irrespondível:

"se nós, os brasileiros, escrevêssemos livros no mesmo estilo e com o mesmo sabor dos melhores que nos envia Portugal, não passaríamos de uns autores emprestados; renegariamos nossa pátria, e não só ela, como a nossa natureza, que é o berço dessa pátria".

A regionalização do Brasil, para o autor de O Gaúcho, já se estaria fazendo, também no sentido cultural. Numa série de quatro artigos, a propósito de sua peça "O Jesuíta", escreve que "o povo tem um teatro brasileiro; a classe alta frequenta os estrangeiros".(42)

Até àquela altura, os críticos, se bem se houvessem dado conta da nova realidade, ou da nova linguagem, neste lado do Atlântico diferente de Portugal, ainda não se tinham encorajado em mudar a terminologia.

Ela virá com João Salomé Quiroga, quando no prólogo ao seu Canhenho de Poesias Brasileiras (1870) alega que

"compondo para o povo do meu país faço estudo, e direi garbo, de escrever em linguagem brasileira : se isso é deturpar a língua portuguesa, devo ser excomungado pelos fariseus luso-brasileiros. Escrevo em nosso idioma, que é luso-bundo-guarani".

Três anos depois, no seu trabalho Arremedos, haveria de ser taxativo, também, com a existência, nesta parte da América, de uma literatura outra que não a portuguesa: "o Brasil já tem a sua literatura nacional".

A nacionalidade da literatura brasileira, sua separação da portuguesa, já havia sido defendida por Varnhagen no Florilégio da Poesia Brasileira (1847).

Para Machado de Assis, quando publicou o trabalho "Instinto de Nacionalidade" (1873) a nacionalidade da literatura brasi

leira era já ponto pacífico:

"quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade".

Era a vitória de uma tese que, se do ponto de vista da literatura havia começado, apenas em 1836 com Gonçalves de Magalhães, do ponto de vista da realidade nacional vinha de bem mais longe. Em 1590 Fernão Cardim já afirmava: "Este Brasil é já outro Portugal".

Pelos anos 1870, começa, igualmente, a ter-se consciência de que nossa realidade, ou nossa nacionalidade, não têm os mesmos aspectos e as mesmas características nos quatro cantos do Brasil.

No próprio artigo que escreveu para O Novo Mundo, de Nova York, Machado de Assis, partia da certeza de que se nossa literatura de então apresentava um certo instinto de nacionalidade, por ser uma literatura "nascente" tinha que alimentar-se "dos assuntos que lhe oferece a sua região". E o romance tinha que buscar, sempre a cor local.

Não bastasse esta consciência de um regionalismo geográfico, o criador de Capitu dava-se conta de que

"os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do País, e em parte, os de algumas cidades muito mais chegados à influência européia, trazem já uma feição mista e a demanes diferentes."

Mas é com Franklin Távora(43) que, pela primeira vez, a nacionalidade de nossa literatura irá assentar-se na geografia.

Para o autor de O Cabelleira

"as letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra".

E a razão era óbvia: o Sul invadido pelo estrangeiro, perdera a sua pureza e sua genuína expressão brasileiras.

Com a crítica sociológica da geração de 1870, acentuar-se-á o caráter nacional e as raízes folclóricas e regionais de nos sas letras.

Mesmo pela sua natureza não literária, isto é, pela sua

"tendência inata de submeter a literatura aos cânones sociais de julgamento e a não ver a literatura como arte"(44)

os estudos de Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, Araripe Júnior e Clóvis Beviláqua levaram para dentro da crítica a consciência da não uniformidade no agir e no pensar brasileiros.

Capistrano de Abreu (45) conseguiu levantar três centros literários para a literatura brasileira: a Bahia, a Literatura Mineira e o Rio de Janeiro; Sílvio Romero(46) não chegou a dar-se conta dessa regionalidade. Para ele a história do Brasil não é a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, a história dos tupis ou a dos negros no Novo Mundo. Mas é

"a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial têm sido o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira. A nacionalidade da poesia brasileira só pode ter uma solução: acostar-se ao gênio, ao verdadeiro espírito popular, como ele sai do complexo de nossas origens étnicas"(47).

E foi com este critério étnico que Sílvio Romero tentou explicar muito mais nosso caráter nacional, do que a nacionalidade de nossas letras. E se o autor da Etnografia Brasileira chegou a dar-se conta de um certo desequilíbrio entre o Norte e o Sul do Brasil, "desequilíbrio que vai tendo consequências econômicas e políticas" e "vai cavando entre as duas grandes regiões do País um

valo profundo", nos cinco volumes de sua História da Literatura e ele não se deu conta de estas diferenças regionais terem reflexo igualmente no tipo de literatura que se estaria fazendo.

Araripe Júnior será o grande propugnador do elemento "terra" na diferenciação das culturas portuguesa e brasileira e, consequentemente das duas literaturas. Para o autor da Carta sobre a literatura brasileira:

"incontestavelmente a natureza tem uma influência poderosíssima sobre as imaginações; e tanto isto se verifica quanto ela é rústica e selvagem".

Verdadeiro escritor e poeta seria aquele que retratasse a região em que vivia com a respectiva realidade: vida, costumes, falar, cor local, etc.

Mas só com Vianna Moog, em 1942(48) é que essa regionalidade será apresentada sob o ponto de vista realidade-região.

Em trabalho lido no Salão de Conferências do Ministério das Relações Exteriores, depois de afirmar

"como não estamos em presença de uma unidade homogênea e definida, ao jeito das literaturas européias, para compreender e interpretar a literatura brasileira é preciso antes de tudo renunciar ao intento de abrangê-la como um todo, numa visada geral"(49),

o autor de Bandeirantes e Pioneiros propõe uma análise de sete núcleos culturais cuja soma formaria o complexo heterogêneo da chamada literatura brasileira.

Para o ocupante da cadeira de Alcides Maya na Academia Brasileira de Letras:

"fragmente-se o Brasil em regiões onde predomine o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de

produção, e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade, pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira. Porque, sob este ângulo, apesar da continuidade do território, não constituímos um continente; somos um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas".(50)

Estas ilhas geográfico-culturais gerariam literaturas específicas.

A primeira delas é a Amazônia, onde hostilizado e diminuído pelo meio o primeiro ímpeto de seu habitante é desvendar-lhe os segredos recorrendo, "os grandes sabedores" às mais arrojadas conjeturas, enquanto os desprovidos de fórmulas e de leis "se agarram aos mitos". "Daí a literatura amazônica: uma literatura exclusiva de interpretação da terra".

Admitindo não ser "o cósmico o fator predominante do grupo cultural do Nordeste", por causa dos contrastes entre o sobrado e o mocambo, entre a casa-grande e a senzala, entre o rico e o pobre, entre o branco e o preto, em Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, em José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre, Vianna Moog vê uma literatura social. "Social e de classe. Polemística e panfletária, condoreira e revolucionária. De senhores de engenho e de proletários".

Enquanto a literatura do Nordeste se caracteriza pelo seu cunho social, a da Bahia "é, antes de tudo uma literatura de eruditos, de humanistas, de diletantes". Castro Alves, Tobias Barreto, Antônio Vieira e Rui Barbosa aí estão para comprovar a tese.

A quarta ilha cultural é Minas Gerais: "toda ela uma sucessão de montanhas". Pela sua configuração geográfica, os municípios mineiros como que vivendo vidas à parte, fazem do mineiro "um tipo eminentemente municipal", quase sempre introvertido, de pou-

cas andanças e um ensimesmado. "Municipalismo no sentido de despreocupação pela repercussão da obra literária e de inaptidão para o proselitismo".

Se os mineiros são municipalistas, os paulistas "fiéis à tradição legada pelos bandeirantes, não perdem nunca de vista, ou raramente perdem, o sentido imperial das bandeiras". O *genius loci* de São Paulo é, pois, a tendência para o proselitismo tanto no plano geográfico, como no econômico, no político, no social e no cultural. Em Monteiro Lobato e no Grupo de 22 estariam mais do que evidentes esses desejos expansionistas.

No outro extremo do Brasil, o Rio Grande do Sul, uma literatura totalmente diferente da amazônica. Se lá o "homem vive constantemente exposto aos assaltos do terror cósmico", aqui por perto uma terra dotada de uma beleza tranqüila que repousa os sentidos permite ao homem comungar com a natureza e, fazer dela "um objeto de culto e de devoção panteísta". Isto porque "o perigo telúrico não anda a farejar-lhe o rasto dos passos. Ao contrário tudo se curva e amacia à sua vontade dominadora". Há na literatura do Rio Grande do Sul como que um panteísmo telúrico e um panteísmo domiciliar "porque esse dominador é um enamorado das coisas que o cercam".

O sétimo arquipélago cultural, se bem o mais importante do ponto de vista político é o menos autêntico para os olhos do crítico literário.

Por não ser à época, Capital de um Estado unitário e fortemente centralizado, restava ao Rio de Janeiro a fatalidade de "viver permanentemente subordinado e em função dos núcleos culturais de província, à mercê ora de São Paulo, ora de Minas, ora do Rio Grande do Sul". Como que tolhido na sua originalidade política, daria o carioca "uma literatura de pintores de costumes, de cépticos, de ironistas" com Machado de Assis gravitando no centro dessa

órbita.

Se em 1942 o trabalho de Vianna Moog teve a mais alta repercussão a ponto de ter sido traduzido em inglês, espanhol e alemão para percorrer os centros culturais do mundo, hoje, à luz das modernas correntes da análise e da crítica literária "Uma Interpretação da Literatura Brasileira" parece muito mais uma interpretação do escritor brasileiro de vez que o autor de Bandeirantes e Pioneiros preocupou-se mais com o Sujeito Brasileiro que escreve do que com a Obra que foi escrita.

Se a literatura da Amazônia é telúrica a do Rio Grande também é; se a da Bahia é social a do Rio Grande não deixa de ser; dizer que a literatura da Bahia é erudita e a de Minas Gerais humanista parece muito pouco ou quase nada de vez que, pelo menos "hu-manista" se presta a um sem número de conceitos que esvaziaram a força denotativa que o vocábulo pensa ter. E ver em São Paulo uma literatura "bandeirante" é não ver o regionalismo de um Valdomiro Silveira ou de um Monteiro Lobato.

Tendo se fixado mais nos aspectos sócio-culturais do fenômeno, faltou a Vianna Moog a perspectiva da literariedade, faltou-lhe a medida do quantum regional para o quid global que faz, tanto de um Gastão Cruls quanto de um Simões Lopes Neto autores típicos de uma região sem deixarem de ser perfeitos escritores brasileiros.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA NA PRIMEIRA PARTE

- (1) - Jornal do Brasil, Rio, 7 de setembro de 1975
- (2) - O Estado de S. Paulo, São Paulo, 11 de setembro de 1975
- (3) - Time, Nova York, oct. 13, 1975, p. 11-12
- (4) - COUTINHO, Afrânio et alii. A Literatura no Brasil. Rio, Ed. Sul-Americana, vol. III, 1969, p. 219
- (5) - J. Galante de Sousa. INL. 1963, 241 p.
- (6) - Província de São Pedro, 1945, nº 2, p. 128-130
- (7) - Ensayo de um Diccionario de la Literatura. Madrid, Aguilar, 1965, 1.218 p.
- (8) - Caracterização de regiões culturais do Brasil. Mim. 1968
- (9) - Ciudad, Región y Regionalismo. Barcelona, 1961
- (10) - "A partir de 1930 é que rigorosamente começamos a sentir o problema de uma classificação regional" - Manuel Diegues Júnior, 1963, p. 32
- (11) - GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. "Divisão regional do Brasil". In: Revista Brasileira de Geografia. Rio, ano III nº 2, abril-junho, 1941
- (12) - PIERSON, Donald & Cunha, Mário Wagner Vieira da. "Pesquisa e possibilidade de pesquisa no Brasil". In: Sociologia. São Paulo, 9 (4), p. 350-378, 1947
- (13) - PAMES, Preston E. "The cultural regions of Brazil", in SMITH T. Lyn. Brazil; portrait of half a continent. New York, The Dryden Press, 1951, p. 86-103
- (14) - WAGLEY, Charles. "Estudo de comunidade no Brasil, sob perspectiva nacional". In: Sociologia. São Paulo, 16 (2), p. 3-22, maio, 1954
- (15) - NISKIER, Arnaldo. Nosso Brasil. Bloch Editores, 1973, p. 15

- (16) - BASTIDE, Roger. Brasil, Terra de Contrastes. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1964
- (17) - Idem
- (18) - RODRIGUES, Raimundo Nina. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. 3a. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1938, 272 p.
- (19) - ORLANDO, Arthur. Brasil - a terra e o homem. Recife, ed. do autor, 1913
- (20) - Em Etnias e Culturas do Brasil (Rio, Letras e Artes, 1963, p. 33, nove eram as regiões culturais: o Nordeste agrário do Litoral, o Nordeste mediterrâneo, a Amazônia, a mineração do Planalto, o Centro-Oeste, o Extremo Sul pastoril, a região de Colonização Estrangeira, a região do Café e a Faixa industrial.
- (21) - Suplemento do Diário de Notícias, Rio, dezembro, 1964
- (22) - Jornal do Brasil, Rio, 30 de dezembro de 1975
- (23) - FREYRE, Gilberto. In: Jornal do Brasil, Rio, 28 de novembro de 1975
- (24) - OLIVEIRA VIANA. Populações Meridionais do Brasil, Vol. 2, Rio, Ed. Paz e Terra, 1974, p. 1975
- (25) - MEYER, Augusto. Prosa dos Pagos. Rio, Livr. São José, 1960, p. 85-86
- (26) - JACQUES, Alfredo. "Grande Sertão: Veredas". In Correio do Povo, (Caderno de Sábado), Porto Alegre, 27 de março de 1971, p. 10
- (27) - ALENCAR, José de. O Gaúcho. Rio, Ed. Aguilar, 1958, p. 423
- (28) - GUIMARÃES, Bernardo. Quatro Romances. São Paulo, Livraria Martins, Ed. 1944, p. 247
- (29) - INGARDEN, Roman. A Obra de Arte Literária. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1973, p. 439
- (30) - PINO, Dino Del. Introdução ao Estudo da Literatura. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1972, p. 8

- (31) - GIRAUD, Pierre. La Estilística. Buenos Aires, Ed. Nova, 1960, p. 52
- (32) - DAICHES, David. Posições da Crítica em Face da Literatura. Rio, Livr. Acadêmica, 1967, p. 379.
- (33) - Jornal do Brasil, Rio, 12 de novembro de 1970
- (34) - Idem
- (35) - PORTELLA, Eduardo. Teoria da Comunicação Literária. Rio, Tempo Brasileiro, 1970, p. 16
- (36) - CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo, Ed. Nacional, 1965, p. 9
- (37) - PUC, Rio de Janeiro, 30 de julho a 2 de agosto de 1975
- (38) - COUTINHO, Afrânio, et alii. A Literatura no Brasil. tomo I, Rio, Ed. Sul-Americana, 1955, p. 51.
- (39) - CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira. 1º vol., São Paulo, Livr. Martins Ed., 1957, p. 16
- (40) - In:COUTINHO, Afrânio. Caminhos do Pensamento Crítico, vol. I. Rio, Ed. Americana, 1974, p. 62-66
- (41) - Idem, p. 68
- (42) - Estas diferenças de gosto parecem continuar ainda hoje: "A exibição do filme Tubarão, em São Paulo, está revelando uma enorme diferença de comportamento entre os grupos sociais da Capital paulista. Num cinema da rua Augusta, freqüentado pela classe média, a platéia torce pelo tubarão. Na Praça da República, cujo cinema é freqüentado pela classe pobre, a platéia torce pelas pessoas" - Jornal do Brasil, Rio, 2 de janeiro de 1976
- (43) - In:Prefácio de O Cabeleira, 1876
- (44) - In:COUTINHO, Afrânio. Caminhos do Pensamento Crítico, vol. II. Rio, Ed. Americana, 1974, p. 3
- (45) - ABREU, Capistrano de. Ensaio e Estudos. Rio, Briguiet, 1931
- (46) - ROMERO, Sílvio. História da Literatura Brasileira, Vol. 1. cap. 1.
- (47) - Idem, vol. 3, cap. 3, estudo sobre Gonçalves Dias

(48) - VIANNA, Moog. Obras de Vianna Moog, vol. X. Rio, Ed. Delta,
1966, 261 pgs.

(49) - Idem, p. 109

(50) - Idem, p. 110.

SEGUNDA PARTE

REGIÃO E MITOS

O mito está presente na vida do homem moderno nos mais diversos níveis. Não há negar que se trata de uma força que deve ser tomada em consideração - Raphael Patai¹

. . .

O mito sugere um novo meio para o estudo das "leis da imaginação"- William K. Wimsatt Jr. e Cleanth Brooks²

. . .

Seja qual for a limitação do procedimento crítico que se fundamenta no mito, trata-se de um fecundo e válido ângulo de análise, interpretação e julgamento do objeto literário - Massaud Moisés³

. . .

Certamente o símbolo mais extenso e nebuloso, e o mais ameaçador, dos nossos últimos dez ou quinze anos de crítica é o princípio da crítica pelo mito - William K. Wimsatt Jr. e Cleanth Brooks.⁴

-
- (1) - Crítica Literária. Lisboa, Fund. Calouse Gulbenkian, 1971, p. 840
- (2) - O Mito e o Homem Moderno. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974, p. 18
- (3) - Dicionário de Termos Literários. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974, p. 347
- (4) - Idem, p. 868

I N T R O D U Ç Ã O

Quando a afirmativa de Jung(1) que

"o espírito inconsciente é por vezes capaz de assumir uma inteligência e um propósito superiores à própria compreensão consciente"

passou a ser aceita como verdade passível de demonstração e não mais apenas um dos muitos sonhos do autor de Transformações e Símbolos da Libido, a crítica literária começou a aperceber-se de que a fantasia criadora poderia esconder pressões inscritas no subconsciente da criatura humana.

E se a crítica, até então, não possuía uma chave especial e única para a interpretação literária, a entrada da Psicanálise, da Psicologia e Antropologia para o campo da Literatura, haveria de contribuir para desvelar os arquétipos, ou imagens primordiais da mente humana.

Durante quase trinta anos, os mais diferentes ensaios foram publicados tendo no mito e no arquétipo a chave da explicação para o fazer literário: Charles Baudouin - Psychanalyse de l'art, 1929; Gaston Bachelard - La psychanalyse du feu, 1937; L'eau et les rêves, 1942; L'air et les songes, 1943; Maud Bodkin - Archetypal Patterns of Poetry, 1934; Northrop Frye - Anatomia da Crítica, 1957; Robert Chase - The Quest of the Myth, 1949.

No Brasil, ao tempo em que ainda estávamos sob as lentes da crítica sociológica da Geração de Tobias Barreto e Sílvio Romero, Lindolfo Rocha, em 1910, dáva-se conta de que nem sempre o mundo consciente é a nossa única realidade integral.

Para o autor de Maria Dusá

"estudados, em sua simplicidade, certos fatos psicológicos, sem prevenções de seitas religiosas ou de princípios filosóficos, eles autorizam a acreditar que no íntimo de cada ser humano reside uma inteligência superior e distinta da inteligência que preside à vida de relação no mundo físico. Em verdade, pelo desenvolvimento desta, explicam-se muitos fatos de previdência instintiva e fenômenos neurológicos incompreensíveis para inteligências rudimentares que, desde tempos pré-históricos, povoam de deuses os altares de todas as raças; mas aqueles que implicam uma presciência, e aos quais vulgarmente se chamam pressentimentos, sem ligação real ou aparente com a razão ou o senso comum, que não são determinados por um estado d'alma, nem por um despertar do instinto, esses ficarão inexplicados, por mais que os expliquem aqueles que tudo pretendem saber"(2).

Mas o romance de Lindolfo Rocha tão pouca ou nenhuma repercussão teve que Gilberto Freyre(3), trinta anos mais tarde, haveria de reclamar contra o esquecimento com que a crítica brasileira havia deixado trabalho tão importante.

Esse esquecimento não era para menos. Pelas alturas de 1925, Tristão de Athayde, o crítico oficial e temido, em longo artigo(4) admitia que, só lá por 1950 é que o supra-realismo haveria de ser aceito pelo mundo intelectual brasileiro.

Na longa e apaixonada análise que fez ao Manifeste du Surréalisme de André Breton, Alceu Amoroso Lima, esquecendo-se do "nunca me coloquei, em face da obra, como juiz, mas como testemunha. Procurei dar depoimentos"(5) começa dizendo que

"o supra-realismo é mais grave do que se fosse uma simples expressão de cabotinismo. Ou a efêmera ambição de um revoltado, de um original de um segregado".

Para o crítico de O Jornal a new psycholy "veio apenas ampliar pontos de vista filosóficos já indicados desde Leibnitz". E Freud não era culpado pelo fato de os surrealistas verem a predominância do sonho sobre a realidade, dos estados de subconsciência

sobre os estados de consciência, da distração sobre a atenção, enquanto para o autor de A Interpretação dos Sonhos não havia predominância do mundo subconsciente "mas apenas a riqueza desse mundo consciente".

Tristão de Athayde terminava sua análise dizendo que:

"o abalo produzido por todos esses desmoronamentos suscitou no homem moderno tal dose de ceticismo, tal perplexidade e amargura, que permitiu e alimenta essa onda de desagregação moral que por toda a parte cresce. E as potências vis, as forças do interesse, do luxo, da ambição, dos gozos do instinto, vão também crescendo.

Quando a inteligência renuncia, o instinto se apodera. Um imenso suicídio".(6)

Claro é que diante de anátema tão violento e impiedoso por líder tão respeitado, tanto autores quanto críticos, se coragem tivessem de enveredar para os caminhos da psicanálise e do inconsciente individual ou coletivo como atividade criadora ou estética, pouco entusiasmo restaria para vir a público em um campo de trabalho tão exorcizado.

Só em 1964, é que a análise psicológica haveria de tomar corpo dentro da Literatura Brasileira, com o livro Psicologia e Literatura, de Dante Moreira Leite.(7)

Partindo do princípio de que "a psicologia parece ter recursos para realizar a análise de alguns problemas da literatura" (1967, p. 10), o professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, depois de estudar a Psicologia como perspectiva para o estudo da Literatura, parte para análise psicológica de Lucíola, Senhora, Dom Casmurro e textos esparsos de Guimarães Rosa e conclui que

"a análise psicológica do texto, é, nos melhores casos apenas uma perspectiva para a análise da literatura que não elimina e nem supera outras perspectivas possíveis".(8)

1 - MITO E REGIONALISMO LITERÁRIO

O desvelamento das verdades humano-culturais se concretiza através do conhecimento, conforme pretendeu enfatizar capítulo anterior da presente dissertação.

O conhecimento ou a introjeção do Sujeito no Objeto, pode apresentar-se sob quatro aspectos:

- conhecimento empírico: o Sujeito tem conhecimento que o Objeto existe, através dos sentidos, sem inquirir das causas e dos efeitos;

- conhecimento científico: o Sujeito conhece não só o Objeto quanto as leis, as causas e os efeitos que o geraram;

- conhecimento filosófico: o Sujeito ultrapassa o Objeto e procura descobrir o Invisível pela Luz da Razão (Platão);

- conhecimento teológico: o Sujeito adere ao Objeto Revelado através da Fé.

Além desses quatro aspectos o Sujeito pode, ainda, conhecer através do Mito.

E aqui, antes de nos aventurarmos em algumas considerações pessoais sobre a problemática do Mito, sirvam de cautela as palavras de Raphael Patai(9) :

"durante vinte e cinco séculos pelo menos, o homem tem formulado a pergunta "que é mito?" O problema atraindo a atenção de pessoas com interesses, orientações e preocupações variadíssimas, de modo que elas adotaram, inevitavelmente, enfoques díspares e apareceram com respostas diferentes. Hoje, quando sabemos do mito muito mais do que já se soube em qualquer época, ainda estamos tão longe quanto antes de um consenso geral no tocante ao seu significado".

O mito pode ser focalizado dentro das mais variadas perspectivas: Filosofia, Linguística, Psicologia, Teologia, Antropologia, e até Crítica como acontece com Northrop Frye em Anatomia da Crítica.

Para a amplitude da presente dissertação, dos muitos conceitos e dos mais variados âmbitos do Mito, servirão de ponto de partida as idéias de Alceu Amoroso Lima, para quem

"mito é a atribuição de um valor absoluto a uma entidade relativa. Atribuição porque todo mito supõe uma subjetividade. É uma criação relativa do homem, uma projeção do seu espírito sobre as coisas. Esse caráter é comum aos dois sentidos da expressão, é o laço fundamental que os prende entre si e liga, portanto, o sentido efêmero e moderno do Mito ao seu sentido próprio. O mito, por consequência, opõe-se à realidade objetiva, à realidade que exista fora do nosso espírito e a ele se imponha como substância independente do conhecimento que dela possamos ter.

A realidade mitológica é uma realidade intermediária entre a fantasia e a verdade, entre a subjetividade e a objetividade"(10)

À luz da Filosofia e da Psicologia, o Mito, para o homem de hoje teria o papel de, como se estivesse no tempo ou no espaço do Homem Primitivo, responder às duas inquirições que mais de perto lhe dizem respeito: "onde estou?" relacionada com o Mundo e "quem sou?" relacionada com o próprio Sujeito indagante.

Quando o homem sabe, cria a História; quando ignora cria o Mito, parece ser o conceito de maior circulação entre os analisistas do problema.

Como os mitos podem ser reduzidos a vários temas fundamentais "é lícito supor a existência de um fator comum, ou melhor de uma causa comum".(11)

Partindo deste princípio, Jung toma o Sujeito como simples canal pelo qual estaria passando o pensamento coletivo. O pen

samento coletivo, inconsciente, seria a única realidade psíquica: a pessoa é um papel-carbono cuja função é apenas exprimir o inconsciente coletivo.

"A pessoa não é mais que uma máscara que aparenta uma individualidade, que faz os outros, e ela própria, crer numa individualidade, quando, na realidade, se trata somente de um papel que desempenha, através do qual fala a psique coletiva".

Para Miranda Netto(13)

"o mito é vivência, é procura da integração do homem com a natureza, mas uma natureza plena e não reduzida a fórmulas e modelos matemáticos. Integração consciente mas pára-racional, senão meta-racional. Uma das características do pensamento mítico é a projeção do homem no "objeto" que passa a participar do humano".

O mito está presente em todas as civilizações de todos os tempos.

Conforme a região, o tempo, ou a cultura de um determinado grupo humano poderá haver o predomínio de mitos ora relacionados com o "divino", ora com o "sócio-cultural", ora com o "telúrico" complementando-se, com eles, o conhecimento teológico, o conhecimento científico-filosófico e o conhecimento empírico.

No primeiro caso, ao lado da Fé criou o Homem Primitivo - e o Homem Moderno ainda cultiva, inúmeras manifestações de mentalidade ingênua tais como os horóscopos, o culto demoníaco, as benzeduras, os maus olhados, as figas e deu-lhes poderes que a técnica deveria recusar; no segundo, ao lado da Ciência, crenças e convicções tem uma incoercível energia política, religiosa, artística ou literária que não seria de se admitir neste século tão cheio de cientificismo; e, por último, ao lado da Sensação, fatos e evidências pretendem comprovar a participação do Cosmos em todos os ângulos da vida humana.

Ao lado dos mitos telúricos, relacionados com o Espaço

e vinculados ao Sol, à Lua, à Terra, à Água, ao Fogo, à Vida, à Natureza, estão os mitos humanos, vinculados mais ao Tempo. Para Alceu Amroso Lima(14) eles seriam oito: a Riqueza, a Técnica, o Sexo, a Cultura, o Número, a Classe, a Nação, a Raça. Talvez devêssemos acrescentar, hoje: o Progresso, o Desenvolvimento, a Segurança, a Revolução, a Autonomia, a Liberdade, a Educação, etc.

Enquanto os mitos telúricos libertam o Homem porque o põem em contacto com as grandes verdades da Vida junto com a Natureza, os mitos humanos tendem a escravizá-lo e a destruí-lo. Para o jornalista Carlos Chagas, em seu artigo "Fora com os Mitos"(13), citando Thomas Mann para quem as nações adquirem identidade e maturidade a partir de um estudo de sua história razoavelmente desprovida de mitos, "o processo revolucionário constitui hoje o grande mito de nossa conjuntura". E conclui com a afirmativa: "A hora deveria ser superação de mitos. De queima de tabus. Fora disto continuaremos imaturos".

Numa tentativa de síntese, poder-se-ia concluir que Mito é

- a personificação de fenômenos da natureza;
- a culturalização do natural;
- o dimensionamento do indimensionável;
- a humanização do não-humano;
- a historicização do não-histórico;
- a explicação do inexplicável.

Como não poderia deixar de ser, o estudo crítico de nossa Literatura Regional, não se começou a fazer pela análise dos mitos existentes neste ou naquele grupo individualizado.

Se no decorrer do século XIX, conforme demonstra um dos capítulos anteriores, críticos do porte de um Gonçalves Dias ou de

um José de Alencar se dão conta de que a literatura que se realiza neste lado do Atlântico não pode mais ser portuguesa, a partir de 1920 - e com Alceu Amoroso Lima - é que a consciência de nossa não uniformidade literária passa a tomar corpo. Numa série de trabalhos semanais, o crítico de O Jornal começa a referir-se ao "delírio do sertão" ao "interesse pelo sertão", à "dualidade essencial de nossa história, que tem evoluído num ritmo regular de maré, do litoral ao sertão ou vice-versa".

Em crônica intitulada "Litoral-Sertão", o autor de Estudos Literários escrevia em O Jornal de 15 de novembro de 1920:

"Toda a nossa vida nacional é norteadada por esses dois polos (litoral-sertão), e como a literatura repercute, se não reflete, a sociedade, encontramos em nossa vida literária a expressão dessa dualidade, que empresta à alma nacional uma ambigüidade característica". (Amoroso Lima, 1966, p. 271)

Entre 30 de maio e 6 de junho de 1921, ao fazer uma análise da obra de Afonso Arinos, Alceu Amoroso Lima encontrava no sertanismo a fase mais original de nossa literatura, "sem cenáculos, sem regras, e por isso mesmo duradoura na incomparável maleabilidade dos seus princípios". E, embora não tenha confrontado as duas expressões, sente-se já no crítico os acenos de uma diferenciação entre os conceitos de Universalismo e Regionalismo quando afirma que do regionalismo da obra de Afonso Arinos "não se desprende um simples perfume local, um mero interesse de paisagem". Pelo contrário, ela possui "um grande valor de sinceridade, de naturalidade, de comoção e de beleza".

Finalmente, a 27 de junho daquele mesmo ano de 1921, ao analisar Os Caboclos de Valdomiro Silveira, o decano de nossos críticos, dizendo ser o sertanismo a fonte maior senão a única de nosso regionalismo, estabeleceu nítidas diferenças entre os conceitos: Regionalismo e Universalismo.

"O primeiro caráter do regionalismo, como o próprio

termo o indica, é ser estritamente local, tanto na paisagem como nos tipos e na significação. Da concentração e do seu âmbito lhe vêm a força e a repercussão. Não é paradoxo dizer que o regionalismo tanto mais se estende quanto mais se restringe. Achan-do-se no pólo oposto ao da literatura universal, po-de chegar, por vias antagônicas, a uma ressonância análoga. A literatura universal interessa todos os homens, de civilização semelhante, porque contém o que neles há de eterno e comum. Todos a compreendem porque nela se revêem. O regionalismo literário, ainda que em menor escala, em virtude do seu modo de expressão menos acessível, interessa também a todos, porque fixa o que há de absolutamente antagônico entre os vários ambientes e os diferentes tipos humanos. Já não é a afinidade mas a repulsa que prende. Entra em jogo aquela atração dos contrários, que nem só no amor se exerce, estimulada por um sentimento fundamentalmente humano: a curiosidade. Esta procura, com avidez, toda contribuição nova ao conhecimento e à sensação. E o regionalismo, se o é de verdade, possui um segundo caráter básico: a originalidade. Mas essa originalidade não pode ser obtida por meios arbitrários e muito menos deixada à fantasia do autor. Deve, pelo contrário, provir de um esforço especial de observação e de insensação, que formam o outro requisito principal da literatura regionalista: o realismo. Esse gênero traduz sobretudo o aspecto exterior das coisas, ao contrário da literatura universal, que é justamente porque penetra e exprime o íntimo delas. O regionalismo é a própria realidade em suas manifestações locais e espontâneas. Desde que nele se sinta a fantasia literária do autor, a preocupação simbólica, filosófica, social ou outra qualquer, da obra, ou a deturpação da realidade por elementos exóticos, perde o regionalismo o seu principal caráter literário". (Amoroso Lima, 1966, p. 386-387)

Com Afonso Arinos, publicado em 1922, escrito dentro das novas coordenadas de uma crítica segundo a qual "a alma do crítico deve procurar a alma do autor", Alceu Amoroso Lima comprova não mais lhe bastar a fórmula Raça, Meio e Momento para análise da obra de arte literária.

Depois de enfocar a Vida, a Alma e a Obra do autor de

Pelo Sertão e Os Jagunços, na segunda parte, intitulada "O Sertanismo", e vendo três etapas - americanismo, brasileiro e regionalismo - "formas cada vez mais acentuadas do espírito local" o crítico-jornalista faz um mergulho através de história de nossas letras vistas pelo "prisma localista".

É com Inglês de Sousa que teria começado a verdadeira corrente do regionalismo, a qual "lançada no extremo norte, veio lentamente descendo costa abaixo", passando pelo Ceará por Euclides da Cunha e por Taunay, por Afrânio Peixoto, Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato até chegar à região do extremo sul onde "é possível mesmo que, literariamente, fosse ela a primeira a inspirar o germen inicial do regionalismo" com A Divina Pastora (1847) do dr. Caldre e Fião.

Critérios para a identificação deste regionalismo?

Apenas, "a verdade e a naturalidade". O que parece muito pouco para uma crítica expressionista que pretendia "uma penetração mais profunda dos espíritos das obras, numa fusão preliminar da alma do crítico com a do autor, na transformação da análise objetiva em síntese expressiva, na individuação do juízo estético" (16).

Em 27 de dezembro de 1925, depois de distinguir entre escolas literárias e correntes literárias ("aquelas são efêmeras por natureza estas por natureza permanentes") Tristão de Athayde vendo no regionalismo uma dessas correntes literárias "cujo fio se insinua ao longo de nossa história" apresenta um conceito que ainda hoje, é a fonte para muitos analistas.

"O regionalismo é a predominância da terra sobre o homem; da nação sobre o continente; da aldeia sobre a nação.

É a pequena pátria raiz da grande pátria. É o contacto do escritor com o solo. O verdadeiro regionalismo não precisa sacrificar o humano, pelo fato de considerá-lo em função de suas raízes no solo na-

tal".(Amoroso Lima, 1966, p. 1.039)

Em 1950, Lúcia Miguel Pereira,(17) procura ver no Regionalismo uma das etapas de nossa literatura situada entre o Naturalismo e o Simbolismo.

Depois de afirmar que só pertencem ao regionalismo aquelas obras "cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais" nosso regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de "cor local".(18) Para Lúcia Miguel Pereira, a ficção regionalista "entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se desintegra da humanidade; visando de preferência ao grupo, busca nas personagens, não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as assim de todas as criaturas estranhas àquele. Sobrepõe, destarte, o particular ao universal, o local ao humano, o pitoresco ao psicológico".(19)

Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Lindolfo Rocha, Alcides Maya e Simões Lopes Neto, seriam, para Lúcia Miguel Pereira, os representantes de nosso regionalismo puro, porque traduziam o desejo de fixar "em todos os seus aspectos o viver da nossa gente, da parte da população livre de influências e contactos estranhos".(20)

Em 1959, Afrânio Coutinho(21) praticamente repetia a regionalização de nossas letras efetuada por Vianna Moog em 1942 ao encontrar seis grupos (nortista, nordestino, baiano, central, paulista, gaúcho) e um sub-grupo (Rio de Janeiro e zona suburbana). E se em 1964, o crítico ainda denominava "grupo" às nossas regiões culturais ou literárias, em 1969 preferia chamá-los "ciclos". E a frase introdutória que antes fora "as regiões culturais ou literárias, encaradas no estudo do tema, são as seguintes, que parecem bem caracterizadas", agora seria reescrita: "as regiões culturais

ou literárias, encaradas no estudo do tema, constituem outros tantos ciclos de literatura regional, de forma seguinte:..."(22)

Depois de dizer que "do simples localismo ao largo regionalismo literário, há vários modos de interpretar e conceber o regionalismo", Afrânio Coutinho vale-se de George Stewart para dizer que num sentido lato "toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular". Num sentido estrito, para ser regional "uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local". Essas substâncias seriam o clima, a topografia, a flora, a fauna, e as maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região que a tornaram distinta de qualquer outra.

Para o autor de Introdução à Literatura Brasileira, escritor regionalista é aquele que procura captar em prosa, com a máxima veracidade, os temas, os costumes, os tipos, a linguagem, das várias regiões de que geograficamente se compõe o país.

Descritos respectivamente por Peregrino Júnior, Aderbal Jurema, Adonias Filho, Wilson Lousada, Edgard Cavalheiro e Augusto Meyer os seis ciclos regionais são apresentados numa sucessão de autores, livros e temas que podem ser incluídos no grande painel e laborado por Alceu Amoroso Lima em 1922. Ou, por Vianna Moog, vinte anos mais tarde.

Mais recentemente, dentro do sucesso do romance hispano-americano, críticos vêm se debruçando especificamente sobre o relacionamento Regionalismo versus Universalismo. O trabalho O Regional e o Universal na Literatura Gaúcha(23) é um deles.

Partindo do princípio de que "o conceito de regionalismo é uma das muitas denominações impróprias comuns nos estudos literá

rios" (p.15) o autor tenta extrair dois aspectos na questão: um ideológico e programático a que chama de regionalismo e outro literário e metonímico a que denomina regionalidade ou simplesmente regional.

Para o professor da Universidade de Caxias, regionalismo é a "representação do regional que obedece a um programa, a uma vontade de fazer, a um projeto elaborado segundo as convenções e a ideologia do que se pode denominar um movimento literário". (p.15)

O regional, sendo um simples demarcador externo que delimita e situa determinado corpus literário pode ser entendido em critérios geográficos, ecológicos ou culturais, e não pode ser considerado como termo opositivo de nacional e sim de universal. O verdadeiro termo opositivo de universal é particular.

Baseado em Ingarden, Cassirer, Mircea Eliade e Roland Barthes e depois de analisar, praticamente, apenas os regionalismos romântico, realista e modernista, José Clemente Pozenato conclui pela sobrevivência da regionalidade, ou do mito da gauchidade, pelo menos em Carlos Nejar.

Ferreira Gullar(24) apresenta o problema literatura regional versus literatura universal sob um ângulo totalmente diversificado. Se no professor da Universidade de Caxias do Sul o regionalismo (ou a regionalidade?) se fazia aflorar do ponto de vista filosófico, aqui - e não poderia ser de outra forma em se tratando de Ferreira Gullar - a problemática vai emergir de um ângulo sócio-político-econômico.

"Em busca do próprio rosto" começa dizendo do complexo processo de transformação porque passa o mundo de hoje. Esta dinamicidade revolucionária leva a realidade cultural latino-americana a um "momento significativo de sua evolução" tanto social, econômica e política quanto cultural e literária, para alcançar uma considerável autonomia com respeito aos modelos gerados na Europa e nos

Estados Unidos.

A razão desta independência cultural e literária estaria no fato de os países capitalistas já não mais deterem o poder absoluto no campo econômico.

A partir destes pressupostos, o autor passa a meditar em torno da dependência e da autonomia da literatura latino-americana, nascida como literatura européia feita aqui; crescida com conteúdo europeu (Romantismo) e forma nacional (o Indianismo) para se tornar adulta, hoje, quando "conteúdo e forma se fundem em expressão mais autônoma".

Jorge Luís Borges, que seria um escritor ainda "europeu" por se ter nascido e criado numa Argentina "inglesa", estaria obrigando os escritores argentinos a tomarem o rumo da autenticidade. Mas Borges faz uma literatura universal porque "ela exprime uma negação da História, que é herança européia, e assim fala (daqui) pelos europeus.

Pablo Neruda, é outro exemplo de literatura universal. Com a diferença de que a visão do poeta chileno, ao contrário do escritor argentino "é revolucionária, engajada na luta pela transformação social". E, por isso supera a dependência. "Não é a Europa que fala aqui com a voz latino-americana: é a voz do homem latino-americano, formada voz atual, que fala por todos os homens.

No México e no Peru, e em todos os países andinos, - a presença dos herdeiros de uma civilização destruída pelo colonizador espanhol, empresta ao escritor de hoje uma outra dimensão quando busca retornar ao passado trágico de um povo destruído pela História ou um presente dramático esmagado pela Economia.

"Em busca do próprio rosto" termina com a argumentação de que "a intuição do universal adquire expressão criadora na medida mesmo em que o escritor se liberta dos discursos que lhe impõem

uma visão alienante (isto é, alheia à sua realidade específica), e passa a buscar a significação inerente ao seu próprio mundo".

Para Ferreira Gullar, na obra literária, "a forma pode ser regional ou nacional, mas o conteúdo terá de ser universal".

Ferreira Gullar parece ter uma visão diacrônica do conceito de universal dentro da literatura: se antes era universal a afirmação dos valores burgueses, hoje, o universalismo estaria justamente na negação revolucionária destes mesmos valores.

Bella Jozeph(25) também entende o regionalismo como "a interpretação das realidades sociais e a procura de uma afirmação" e a identificação do artista "com as terras e as realidades nacionais".

Se o Regionalismo Hispano-Americano pode ser identificado com tentativa de manter sobrevivendo uma civilização "criolla" que foi destruída pelo invasor espanhol, - e portanto ele estaria ligado mais à História do que à Geografia - o Regionalismo Literário Brasileiro terá que valer-se mais da Geografia do que da História por não se dispor, neste lado do Atlântico, dos herdeiros de uma civilização tão ou mais avançada do que a do invasor. Mesmo porque, entre nós, muito mais do que um invasor guerreiro e matador, o português realizou uma colonização miscigenizante.

Enquanto na América Latina duas civilizações se contrapõem em termo de Cultura e de História (indígenas-criollos e brancos) no Brasil, esta contraposição só poderá ser efetuada em termos de civilização branco-urbana e branco-rural.

Com esta última, onde há a predominância quase absoluta dos mitos telúricos é que se concretizaria o Regionalismo Literário, no ângulo Literatura-Psicologia que lhe pretende emprestar a

presente dissertação.

Este Regionalismo alcançará as dimensões do Universalismo quando, dentro de paisagens, coisas e personagens literariamente vistos sob a influência de mitos telúricos abordam-se comportamentos humanos generalizados numa fusão psíquico-filosófica entre a Geografia diferenciada e a História generalizada, entre o Aqui e o Agora passageiros e o Sempre e o Todo uniformes.

No regionalismo Literário que passaremos a detectar, os mitos do Objeto condicionarão o Sujeito agente do Inconsciente Coletivo; o Estar cria condicionantes psíquicos ao Ser, tanto para o campo da linguagem - que não é objeto da presente dissertação - quanto para os usos, os costumes, o agir e o pensar. Mas formas particulares de inserção num contexto regional ou nacional terão que levar o grupo diferenciado à sua qualificação como criatura humana identificada com todas as humanas criaturas brasileiras de sempre.

Para efeitos de distribuição dos capítulos seguintes, serão aceitas, em princípio, as regiões geo-culturais detectadas por Vianna Moog em 1942 e retomadas por Afrânio Coutinho em 1969. (26)

A escolha de autores, ou de seus respectivos textos, embora apresente certa aleatoriedade ou concepções pessoais do autor da presente dissertação, procurou centrar-se nesses critérios:

- autor (ou autores) expoente(s) da região;
- obra representativa de autor regional;
- passagem significativa da obra.

Em cada autor, ou cada obra e passagens submetidas à análise, procurar-se-á a vida humana, literariamente detectada pelo inconsciente coletivo aflorado nos mitos Terra e Água.

Concluindo, o critério maior que norteou a seleção para análise caiu sobre aquele texto que apresente "um cenário tipica-

mente regional com personagens tipicamente regionais que ajam ou reajam de conformidade com o meio a que pertencem".

A literatura analisada a seguir, longe de ser apenas uma reportagem sobre o meio regional, sobre os costumes e os comportamentos do homem de uma região evidenciando o aspecto particular e pitoresco desse meio e desse homem, essa literatura far-nos-á

"penetrar num mundo que, embora não seja o nosso mundo habitual, é um mundo de seres com quem estamos em simpatia. Quer dizer, sentimos com eles, e a cada momento temos a impressão que, fôssemos nós no lugar deles havíamos de nos comportar como eles se comportam. Assim, quando pensamos estar diante do particular, depara-se-nos o universal".(27)

2 - AMAZÔNIA: TERRA E ÁGUA OU PARAISO E INFERNO

Ao apresentar a primeira de suas "ilhas culturais", Vianna Moog entende que na Amazônia,

"sem horizontes acidentados, sem contornos orográficos capazes de fornecer à imaginação pontos de referência, (...) fechada, impenetrável, povoada de mistério, de uma natureza que não se abandona, que não se entrega, que não faz confidências, diante dela sente-se o homem permanentemente sobressaltado pelo terror cósmico".(28)

E Peregrino Júnior, seguindo as mesmas pegadas do crítico sulista, depois de descrever o mistério, o terror e o deslumbramento da Amazônia, diz que o amazonense

"comprimido entre duas melancolias: a do rio e a da floresta, ele se volta para si mesmo - e contraindo se na angústia da introversão, foge à realidade cósmica pela imaginação, que gera os mitos e as lendas, os fantasmas e os talismãs, os espantos, os duendes, as superstições ..."(29)

De Peregrino Júnior é o conto "Cunhatã" transcrito e analisado, em sua regionalidade:

"Logo que a menina nasceu, todo cheio de zelos pela filha, Canuto tratou de mandar benzê-la. Chamou o sogro, pajé Possidônio, e pediu a ele que, por via das dúvidas, curasse a menina de doenças, de cobras e de outros bichos malinos.

- Estes matos têm tantos bichos malinos, Seu Possidônio! É preciso benzer a cunhatã.

Seu Possidônio não teve dúvidas. Pegou uma cobra, cortou-lhe a ponta da cauda e a cabeça com um terçado, e deu os dois pedaços à cunhatã pra comer. Depois, rezando baixinho, benzeu a neta:

"Em Nome da Virgem,/Quebranto, mau-olhado,/Sai-te daqui!
Que esta menina/Não é pra ti!"

A cunhatã, criada com tipuca e mingau de banana, cedo começou a deitar corpo e a enfeitar. Canuto ficou desinquieto. Tinha ouvido o pajé Possidônio contar umas histórias que botos que pega-

vam donzelas, e não pôde deixar de ter um mau pensamento. Veio-lhe à mente, que nem um sonho ruim, a imagem querida da filha...

Esfregou os olhos, afastando o mau pensamento, acariciou com ternura a cunhatã que lhe veio assentar na perna, e advertiu Raimunda com voz grave:

- Tenha cuidado com os botos que vadeiam aí no perau do igarapé, mulher!

Raimunda, boa filha de pajé, sugeriu logo um remédio:

- Se está com medo que eles peguem a cunhatã, é melhor arranjar logo um couro de jurutaí!

- Couro de jurutaí, para que, Sinhá Raimunda?

- É o pássaro mal-assombrado que livra as donzelas das artes do boto.

- E livra mesmo, mulher?

- Dizque!

- Ele não teve mais sossego enquanto não arranjou o pássaro fantasma que preserva as donzelas de seduçõs, faltas ... Matou a ave, tirou-lhe o couro e botou-o no terreiro pra secar. Depois, o entregou à Raimunda, para que assentasse a cunhatã emriba dele, quando ela ficasse "de pacote", nos três primeiros dias da puberdade ... Além disto, varreu o chão da barraca com as penas da cauda do jurutaí. Mas só ficou tranqüilo no dia em que Raimunda lhe fez a comunicação importante:

- A cunhatã está "curada"!

Suspirou, aliviado: a filha do seu coração estava afinal salva da tentação e do pecado. Não tinha mais medo do boto..."(30)

Peregrino Júnior e Gastão Cruls são os dois típicos representantes do regionalismo amazônico. O autor de "A cunhatã", nascido em 1898, desde 1929 quando publicou Puçanga, vem se preocupando em descrever a natureza violenta e a luta que o homem tem que desenvolver para não ser esmagado.

Publicou, além disto, Mutupá (1933), Histórias da Amazônia (1936) e A Mata Submersa (1960).

No conto, ora em análise, aparecem nítidas as qualidades da literatura regional de Peregrino Júnior:

- a natureza exótica;
- o pequeno grupo ribeirinho;
- os costumes locais;
- o linguajar típico.

"Logo que a menina nasceu" o pai deu-se conta de que "ini

migos lhe rondavam o berço". Estes inimigos, numa primeira fase da vida, viriam da floresta; mais tarde da água. Da floresta, a Morte; da água, a Desonra.

A luta contra inimigos, tão presentes no tempo e no espaço, teria que ser travada com as "forças" da própria Natureza: ponta da cauda e a cabeça de uma cobra para vencer a Morte; tipuca e mingau de banana, para manter a Vida.

Mas o inimigo misterioso, aquele que pela desonra do engravidamento, daria ao mesmo tempo origem a uma vida não desejada, está na água na figura do boto que pega donzelas.

E, outra vez: a força do inimigo tem que ser vencida com forças de suas próprias forças: para vencer um animal que se esconde na Água Misteriosa, nada melhor do que um Pássaro também Misterioso: o jurataí mal-assombrado.

E no dia em que cunhatã se tornou mulher, assentada sobre o seio do jurataí, estava vencido o "inimigo" que se escondia nos mistérios do "perau do igarapé".

Ainda com o mesmo sentido de Terra conhecida e amiga e Água misteriosa e destruidora, é o texto "Viagem pela Amazônia" de Gastão Cruls.

"17-XII - Mais um dia monótono e cansativo. Pensando abreviar o caminho, logo de manhã, ao deixar o acampamento, entramos por um paraná-mirim, que nada fazia prever fosse tão tortuoso e inçado de obstáculos.

Os camaradas passaram a maior parte do tempo dentro da água e, ao fim do dia, era quase insignificante o nosso avanço. É que tivemos um imenso trabalho para cortar alguns grossos troncos de árvore, abrir caminho nos bancos de areia e livrar a igaraté dos pedrais em que por vezes encalhou e esteve a pique de espatifar-se.

Felizmente, ao anoitecer, chegamos à ponta da ilha que bifurca o rio neste ponto e, amanhã, prosseguiremos mais fácil via

gem pela corrente larga, já distendida à nossa frente num esplêndido estirão.

Como episódio cômico, o Pacatuba, à hora do almoço, julgando ter descoberto uma ponta de abelhas, levou algumas ferroadas de terríveis cabas. Embora apiedados de sua sorte, não pudemos deixar de dar boas gargalhadas, tal a cara impagável com que ele ficou, de testa toda encalombada e beiçorra enorme e muito vermelha.

18-XII - Fizemos descanso hoje. Vários motivos nos levaram a isto. Em primeiro lugar, a nossa canoa, com os trancos de ontem, está precisando de nova calafetagem. Por outro lado, O Manuel nos presenteou com uma magnífica anta, morta pela manhã, junto de um barreiro, e é preciso esquartejá-la e aproveitar bem a carne, pois os nossos víveres vão escasseando. Valem-nos a pesca e a caça, agora abundante, na época da vazante. Ainda esta noite, o Braulino pescou um grande pacu, muito elogiado ao almoço.

De espingarda em punho, andei a percorrer a ilha, na companhia do Pacatuba. Há praias encantadoras. Numa delas, de areia muito alva, estavam em flor alguns araçazeiros, que impregnavam o ar de perfume delicioso. Aí tomamos banho. O Pacatuba tem pavor das piranhas, arraias e candirus, e põe sempre mil cautelas para entrar no rio. Também, coitado, habituado ao regime das secas do Nordeste, vir perder-se neste mundo de águas que é a Amazônia!"

Gastão Cruls (1888-1959), médico sanitarista do Ministério da Educação e Saúde, em 1928 acompanhou o General Rondon em sua viagem pela Amazônia. Aquela região foi uma de suas preocupações, a ela tendo retornado várias vezes para estudar-lhe a flora, a fauna, a arqueologia e a etnografia. Além de outros livros de ficção publicou: A Amazônia Misteriosa (1925), A Amazônia que Eu Vi (1930).

O texto acima, extraído de A Amazônia Misteriosa, tem a primeira parte apresentada em forma de diário. Romance de ficção científica, tem como personagem principal a natureza da região, com sua cor local e seus costumes típicos. Transcreveu-se o início do romance com os personagens da estória subindo o Rio com a sua "igarité".

O mito da Água misteriosa e inimiga, pode ser identificado nestas passagens (sublinhadas):

- "entramos por um paraná-mirim, que nada fazia prever fosse tão tortuoso e inçado de obstáculos";

- "os camaradas passaram a maior parte do tempo dentro da água e, ao fim do dia, era quase insignificante o avanço";
- "a nossa canoa, com os trancos de ontem, está precisando de nova calafetagem";
- "o Pacatuba tem pavor das piranhas, arraias e candirus, e põe sempre mil cautelas para entrar no rio";
- "perder-se neste mundo de águas que é a Amazônia";
- "imenso trabalho para cortar alguns grossos troncos de árvores" (que impediam a marcha da igarité!)
- "livrar a igarité dos pedrais em que por vezes enca-
lhou e esteve a pique de espatifar-se".

Aqui, também, ao lado de uma Água, misteriosa e inimiga a Terra procura tornar mais agradável a presença da criatura humana:

- "felizmente, ao anoitecer, chegamos à ponta da ilha";
- "amanhã, prosseguiremos mais fácil a viagem pela corrente larga (porque a terra assim permitiu!)
- "um esplêndido estirão";
- "uma magnífica anta, morta pela manhã, junto de um
barreiro";
- "há praias encantadoras";
- "numa delas, de areia muito alva, estavam em flor alguns araçazeiros, que impregnavam o ar de perfume de-
licioso".

No último parágrafo do texto, mais do que demonstrados a oposição entre os dois mitos: enquanto a Terra apresenta a Alegria e a Felicidade com "praias encantadoras", "areia muito alva", araçazeiros com "perfume delicioso", a Água encerra o Pavor com piranhas, arraias e candirus.

A Amazônia na sua grandeza incontida, aí está nos mitos Terra e Água: o primeiro, porque acessível e seguro é o Céu de onde o homem obtém as forças de seu bem-estar; o segundo, porque inconsistente e indomado é o Inferno de onde a criatura só pode esperar o mal e a desgraça.

3 - NORDESTE: TERRA SEM ÁGUA OU INFERNO SEM PARAÍSO

Há cem anos a seca é personagem da ficção nordestina. Com efeito, em O Cabeleira (1876), já se podia ler:

"O Cabeleira ... estava em pleno deserto. Do lado direito protegiam-no estendidos tabocais e profundas gargantas de serra inacessíveis, sem uma habitação, sem viva alma; do outro lado do rio um espinhal basto, alguns serrotes escavados, catingas sem fim, brejos combustos do calor do sol completavam o largo amparo que lhes abria em seu seio a natureza.

Com a seca abrasadora, essa região, que nunca fora amena, ainda na força do verde, estava inóspita, árida, cruel.

Via-se a espaços um pé de xiquexique perdido nos alvos tabuleiros, ou entre serros alcantilados, e junto do rio uma ingazeira com a folhagem coberta de samambaia, um juazeiro solitário e sem fruto".(31)

Embora Vianna Moog tenha visto no Nordeste uma literatura muito mais social do que telúrica, a ficção daquela segunda ilha cultural brasileira tem, como pano de fundo, a seca e todas as suas conseqüências; embora o professor José Rafael de Menezes, da Universidade Católica de Pernambuco tenha encontrado quatro tipos na formação da etnia do nordestino - o sertanejo, o homem da Zona da Mata, o praieiro e o habitante da cidade(32) -, para o resto do Brasil, tanto cultural quanto literariamente, o tipo representativo do nordestino é o sertanejo em constante peregrinação, na "ronda sinistra das retiradas", para utilizar a expressão do próprio Vianna Moog.

O back-ground sócio-econômico é por demais conhecido:

"Uma legião de famintos, verdadeiros ex-homens, invade os caminhos em demanda do litoral. Atonizados pelo sofrimento, alastram-se pelas estradas onde cruces toscas e anônimas são os únicos marcos comemorativos dessas estranhas peregrinações fantasmas. Tão logo, porém, caíam as primeiras chuvas, o retorno é o pensamento geral. E se a fuga foi lenta, a volta é precipitada e de novo

por todo o sertão a alegria sorri com o retorno da fartura".(33)

Neste ir e vir, uma fuga e retorno, retorno para uma segunda fuga, qual povo judeu a vagar pelos tempos e espaços a fora em busca de uma pátria, o nordestino, encontra na seca, na terra sem água, o seu Inferno sem apelação.

José Américo de Almeida, Graciliano Ramos e Raquel de Queirós são os intérpretes mais autênticos dessa literatura. E mesmo José Lins do Rego, que seria o intérprete daquela "literatura social" de que fala Vianna Moog não deixa de, em apresentando os engenhos, os bangüês e as usinas, mergulhar fundo no cangaço, um dos muitos desastres trazidos pela seca.

Essa passagem de José Américo de Almeida, Coiteiros(1935), servir-nos-á de fundamento para análise do mito da Terra sem Água.

"Voltaram. Vinham vendo árvores secas, como se as raízes estivessem viradas para o ar.

Um ou outro umbuzeiro provido, vivendo de si mesmo. Só os umbuzeiros, não tendo mais frutos a darem, davam as raízes. Morriam, dando de comer.

Os cactos nus, sem folhas, não tinham o que perder. Quanto mais sol, mais floresciam, como se estivessem sangrados pelo sol. Não se balançavam, aos corpos de fogo.

O chique-chique enroscava-se, de rastros, como - digamos - anões cabeludos, tomando a terra às outras plantas. Cada touceira era um monstro de milhares de braços.

A macambira enredava-se. Tecia-se a si mesma, cobrindo a terra toda de um tapete crespo, de forro vermelho.

Coroas de frade, ainda vivas, cuspiam coágulos de sangue pela boca fofa.

Cactos por toda parte, até cravados nas lajes de granito.

O vento, nas arrancadas, sujava o céu de poeira. E o eco como que ficava maior, enfunado pelas lufadas altaneiras.

E, mais adiante, a odisséia das cacimbas vazias.

O homem metia a cabeça na terra, atrás do fio d'água que fugia, feito um verme enfiado em entranhas ardentes.

Era uma baba amarga que servia para beber, na falta d'água.

Afundava-se o homem no areial esgotado. Nunca ninguém penetrou, à cata do ouro, senhoreado na ânsia com que se farejava esse tesouro subterrâneo.

E mal o filete brilhava, aprofundava-se, ainda mais. Quanto mais se descia, mais ele se sumia no sorvedouro.

Novo mergulho nas profundezas estorricadas. Obstruia-se o furo no saibro frouxo.

O gado estava fossando no leito seco do rio, cavando com o focinho em carne viva, que nem mais úmido era, encarquilhado, como couro cru.

Pesquisava a gota que se esquivava, escorregava, caía de cabeça para baixo, enterrando-se vivo, em covas secas.

Outros lambiam a terra úmida, bebendo ou, antes, comendo lodo. Chupando a lama, bebendo a lama do poço escuro, afundando as ventas na vasa, com uma sofreguidão de bichos da terra. E, afinal, não encontrando água, ficavam ainda lambendo o chão, com a língua preta sangrenta, bebendo o próprio sangue gotejando".(34)

O cenário visto por Roberto e Dorita quando do retorno à casa de Villarim Antônio - onde está acoitado Sexta-Feira, assassinino do pai de Roberto - mais do que cena de Dante, página de André Breton ou quadro de Portinari, é um desfilar de imagens de um mundo que perdeu a Lógica. E que passou a ser governado pelo Absurdo.

Aqui, tudo é a contrário: A Natureza está desgovernada:

- as árvores não são mais árvores;
- os galhos são raízes;
- o umbuzeiro vive de si mesmo;
- as raízes são frutos;
- o chique-chique é um anão cabeludo que arranca a terra às outras plantas;
- a macambira, perdida a água do caule, tece-se a si mesma;
- os touceiros são monstros de milhares de braços.

Se nesta terra desgovernada pela Lógica, o Reino Vegetal é uma teratologia na ante-sala do Inferno - que os cristãos poderiam chamar de Purgatório - a criatura humana perde sua essencialidade para se comportar como um bicho, lutando, desesperada, pela sobrevivência fisiológica metendo a cabeça em "entranhas ardentes", em "profundezas estorricadas", atrás de um fio d'água que "foge como um verme" e se transforma em "baba amarga".

E se o homem, com seu resto de inteligência mal e mal consegue sobreviver

- metendo a cabeça na terra;
- afundando-se no areal esgotado;
- aprofundando-se mais e mais;
- mergulhando nas profundezas;

o gado, transformado em animal que frequenta os charcos imundos

- fossa no leito seco do rio;
- cava com o focinho em carne viva;
- enterra-se vivo em covas secas.

Os outros seres vivos, na ânsia desgovernada pela sobrevivência se transformam em bichos da terra e

- lambem a terra úmida;
- bebem a lama do poço escuro;
- comem lodo;
- não encontrando água bebem o próprio sangue gotejante da língua ferida no desespero de lambar o chão.

Neste mundo do Absurdo não há mais Sujeito e Objeto. Há um Sujeito que é Objeto de si próprio:

- o umbuzeiro vive de si mesmo;
- o umbuzeiro morre dando-se de comer a si próprio;
- a macambira tece-se a si mesma;
- o homem se desce e se some no sorvedouro;
- o gado enterra-se vivo;
- os bichos matam a sede com o próprio sangue.

Que outra palavra para designar este mundo exorcizado, se não, Inferno?

Mas a transformação da Terra num Inferno de absurdos e desesperos não é permanente. Volte a água e a Natureza, os homens e os bichos passarão a ter sua própria natureza:

"Ia chover. Bem. A caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda. (...) A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. (...) Uma ressurreição".(35)

A regionalidade da literatura do Nordeste, vista sob o ângulo dos mitos da Terra e da Água é, pois, diferente da que é produzida tendo como embasamento sócio-cultural a Amazônia.

Enquanto, lá, o Inferno está na água ou é a própria água, aqui, o Inferno está, precisamente, na falta dela; enquanto ao lado do rio, a Terra é um Paraíso, aqui, porque esconde a Água nas suas entranhas, a Terra é um Inferno. Inferno que se transformará em Paraíso quando voltar a Água.

E não se está, apenas, diante de um Inferno telúrico.

O ódio mortal entre Roberto e Sexta-feira, a situação anômala de Villarim Antônio tendo que acoitar um grupo foragido da lei, a angústia de Sexta-feira tendo que respeitar o acordo assumido de não matar Roberto, a desconfiança de Roberto em relação ao comportamento estranho da noiva e finalmente, a morte de Dorita, a vítima inocente que apenas desejava casar-se com o homem a quem amava, colocam-nos diante de outro Inferno tão trágico quanto o da falta de Água. Dorita, - melhor, todos os protagonistas desta tragédia - pagam o preço de pertencerem a uma sociedade em que a Morte ou a Destruição aguardam a criatura humana a cada momento e onde o menor passo em falso pode desencadear a catástrofe.

A Terra é este cenário de um absurdo trágico-surrealista onde "paira constantemente a morte violenta" (Paul Valéry).

E tem mais.

A seca não é apenas um flagelo físico-psico-social. Não são poucos os ficcionistas que à falta de água, à falta de terra, à falta de tudo, ao excesso de calor, de sol e de angústias dão as características de uma maldição bíblica.

Lindolfo Rocha, em Maria Dusa (1910), descrevendo a seca de 60 com a terra "madrasta irritadiça e ilacrimável" com um "céu em fogo" e com o sol despejando "uma torrente de fogo", apresenta esta passagem que nem precisaria de um Dante para sentir-se o braço de Deus "irado e inexorável".

"Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de ferinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra mater dolorosa, na última agonia, deixando que o filho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, retirantes famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de crianças, tudo isso lembrando alguma coisa da-quele choro e ranger de dentes do Juízo Final".(36)

E quando Ricardo Brandão, o tropeiro de sal, pergunta a um homem cavando a terra, onde haveria água para matar a sede dos animais, responde-lhe o sertanejo:

- O Deus que nos protegia morreu ou mudou-se".(37)

Para complementar, esta tragédia dos gregos tempos:

"pela estrada a fora o mulheroio, aterrorizado com a seca e a fome, carregava pedras, gritando esganiçadamente como carpideiras egípcias em funerais de grande pompa".(38)

4 - BAHIA: O HOMEM COMO TRANSUBSTÂNCIA DA TERRA E DA ÁGUA

"O mundo baiano" vai do rio São Francisco ao norte à zona do cacau ao sul abrangendo o garimpo, o pastoreio, a pesca e o açúcar.

E de Maria Dusá (1910) de Lindolfo Rocha até As Velhas (1975) de Adonias Filho, este mundo baiano com suas paisagens de mar, ilha, rio e sertão, com seus homens da seca, do garimpo e do cacau é que servirá de suporte a um regionalismo onde a Terra e a Água não se apresentam apenas como simples embasamento físico, geográfico ou cultural.

Estes dois fatores, a tal ponto absorvem a consciência - ou a inconsciência - dos ficcionistas filhos da Boa Terra que até um Vianna Moog, baseado muito mais em Antônio Vieira, Tobias Barreto e Rui Barbosa haveria de ver incompleto. E ver mal, na célebre conferência de 1942.

Não. A literatura da Bahia não é "uma literatura de eruditos, de humanistas, de diletantes". Ou uma literatura "sem finalidades sociais e orgânicas".

Enganou-se o autor de "Uma Interpretação da Literatura Brasileira" quando diz que em Afrânio Peixoto, Herberto Sales e Lindolfo Rocha (ou em Adonias Filho e Jorge Amado) não há por que se "buscar a interpretação da terra".

E, muito mais do que "erudita" a ficção da Bahia é uma literatura agreste e telúrica.

O regionalismo baiano de hoje está plantado em Jorge Amado e Adonias Filho. Verdade é que se aquele, trazendo para sua ficção os capitães de areia, as Gabrielas, as Teresas Batistas cansadas de guerras nem sempre tão santas, os Quincas Berro d'Água, os velhos marinheiros, os dois maridos de muitas Dona Flor, as tendas dos milagres e outras tendas, envereda por um sociologismo pequeno-urbano que o tornam difícil de enquadrar como regionalista - pelo menos à luz das concepções do presente trabalho, ao segundo, críticos os mais respeitáveis se recusam a analisar sua obra dentro de um regionalismo e baiano.

Para Assis Brasil

"Adonias Filho, numa faixa que vem dos clássicos portugueses e desemboca em Graciliano Ramos, foi precisamente aquele escritor que veio desnortear os críticos para quem as classificações de "regional" e "psicológico" ainda servem de orientação para as suas surradas "histórias literárias".(39)

Embora o autor de Beira Rio Beira Vida pareça entender "regionalismo" como aquele instrumental linguístico carregado de localismos e expressões usadas em determinada região, a presente dissertação, preocupada em ver nos diversos regionalismos brasileiros os mitos Terra e Água, encontra no ocupante da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras um dos mais expressivos representantes da literatura da Bahia.

O regionalismo de Adonias Filho, para Afrânio Coutinho, busca na terra

"a seiva inspiradora e informadora de suas personagens e da vida que vivem. Dominados por um violento sentimento trágico e por uma aguda penetração psicológica, seus romances têm a densidade dos grandes dramas de conteúdo, diríamos, religioso".(40)

E é, precisamente, esta verdadeira transubstanciação no seu aspecto mítico-religioso, que personagem e ação muito mais do que ação e personagem, encarnando símbolos imolados, dentro da Flo-

resta ou dentro do Mar, pela Natureza ou pela Cultura selvagem e bruta, cumprem um destino traçado por um Deus Pai que não se faz presente nem nos grandes momentos da suprema angústia.

Em Luanda Beira Bahia (1971), até agora, o único "romance marítimo" de Adonias Filho, porque vive sobre o mar, ou porque está sempre em trânsito de um continente a outro, o Homem sente a necessidade de transubstanciar-se, ora no pequeno torrão de onde teve que sair à força, ora nas areias do mar porque, então, sempre junto estaria à pessoa amada.

"O Foguista era o homem errado no cargueiro. Português de Cintra, alto e largo no peito, vermelhão na cara, não se entendia porque era um embarcadiço. Tinha algumas plantas junto ao beliche, num canteiro de madeira, que cuidava como um filho. Molhava-as todos os dias, revolvia a terra com os dedos e, nos instantes de folga, leva-as para o sol e o ar puro na cobertura. Caúla o observava sem compreender porque um tipo assim, que trabalhava na fornalha, se fazia tão meigo para cuidar das plantas. Aproximou-se uma vez e, vendo-o, o Foguista disse:

- É terra - e repetiu - Terra de Portugal.

Os dedos na terra, talvez a acariciasse, ele vivia assim entre o fogo das caldeiras e a terra do canteiro. Caúla chegou mais perto e, tangido pela curiosidade ou que fosse teve que perguntar:

- E porque o senhor é um marinheiro se gosta das plantas?

- A gente ganha mais no navio.

E explicou, o semblante um pouco triste, a voz dura:

- Tenho minha granja e minha casa. Isso é verdade. Sem o dinheiro do navio, porém, já tinha perdido tudo".(41)

Aquele "homem errado" - porque embarcadiço - via e sentia, nas plantas, a terra de Portugal. E ao "revolver a terra com os dedos", mais do que um simples carinho, ele comungava outra realidade debaixo das espécies ali presentes.

E quando Caúla, o filho do Sardento, marinheiro como o pai, retorna de uma caçada aos tubarões naquele estreito de Moçambique, já de retorno para a Bahia, é Maria-do-Mar quem fala:

" - Eu devia matar você - ela disse, ainda deitada, imó-

vel.

- E por quê?

- Para que se misturasse com o mar e todos os dias se transformasse até que virasse areia".(42)

E, aí, debaixo da aparência de uma areia de mar africano, ela poderia comungar a essencialidade da criatura amada!

Mas Luanda Beira Bahia é também o romance da necessidade de Comunhão com a Terra e a Água de criaturas destinadas, ora a se perderem na floresta ou na água - os homens; ora destinadas a sofrerem longe da água ou dentro da floresta - as mulheres.

"Os homens de Ilhéus, ali do Pontal e do Malhado, tinham apenas dois caminhos - dois caminhos e nada mais. Entravam matas a dentro para o ventre das selvas ou saíam mar afora para os portos do mundo. Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africano, enquanto os caboclos de sangue índio escolhiam os sertões. O mar, assim começavam a andar, era o primeiro brinquedo".(43)

O destino dos homens da Bahia se traça, pois, em dois caminhos, "apenas dois caminhos". Uns, dependendo - quem sabe? do Inconsciente Coletivo - nasciam para "o ventre das selvas"; outros, tinham que sair mar afora "para os portos do mundo".

Mas "entrar para o ventre" e "sair para os portos" é muito mais do que um simples gesto, ou simples concretizar de ação passageira. É um viver que é um introjetar-se. É um passo-caminho a uma transubstanciação do Homem no Todo. Uma transformação que não é Morte. Uma introjeção que é Vida porque a Vítima, se deixa de existir nas aparências de uma matéria que se extinguiu, começará a realizar-se na essência que era seu Destino. E para a qual nascerá: a Terra ou a Água.

" - Ele, meu pai, era marinheiro!

- Morreu?

- Não sei - Caúla respondeu, sem hesitar, esclarecendo. Sumiu nos portos, jamais regressou, perdeu-se no mar.

- É o destino dos marinheiros - Iuta concluiu".(44)

Se a transubstanciação dos homens se concretiza no ven -

tre das florestas ou mar afora, para as mulheres - cujos maridos e filhos se chamam Pedro - porque não receberam o mesmo mandado "Pedro, tu és pedra, e sobre esta pedra edificarei minha igreja" - porque não podem celebrar, portanto, o Sacrifício reservado aos homens, o Destino só lhes reserva "envelhecer na praia, sentadas na areia, voltadas para o mar, sempre esperando"; esperar vinte anos para que o filho vá procurar os ossos do pai assassinado (As Velhas); ou fugir com o marido, dentro de montanhas torcidas, para desaparecer numa terra "menos dura que o coração dos homens" (Corpo Vivo).

"Iguais, todas as mulheres iguais. Queriam os homens e eles, como os filhos, saíam para o mundo. Primeiro fora o marido, Pedro. Depois o filho, também Pedro. Era como se elas, as mulheres, estivessem obrigadas a parir homens para o mar. Os dois Pedros já estariam mortos que tantos os anos e os anos se passaram. Todas iguais, as mulheres. Podiam cegar frente ao sol, esperando sempre a nova esperança morrendo em cada navio que chegava. Podiam envelhecer na praia, sentadas na areia, voltadas para o mar, sempre esperando. Raramente, muito raramente regressava alguém, um marinheiro, assim mesmo tão mudado que parecia outro. Que havia nas costas do mar para que os homens sumissem como se afogados fossem? Que poder havia?"(45)

Nos romances de Adonias Filho não é apenas a criatura humana que se transubstancia para encontrar a essencialidade que o destino lhe reservara. A própria natureza, tem que se transformar ora em criatura humana, ora em outra realidade - para que possa realizar a missão a ela destinada.

"As folhas secaram, depois caíram, e quando isso aconteceu a jindiba pareceu um homem. Corpo era o tronco com os galhos secos abertos como cem braços. Nua, de repente ficara nua, culpa do sol ou do mormaço, talvez uma praga nas raízes".(46)

É a jindiba árvore-personagem que perpassa todo o romance e compartilha de uma autêntica tragédia dos gregos tempos: dois jovens desconhecidos, ele da Bahia ela da Beira, se amam e se possuem, gerando nova vida, para descobrirem que o Sardento, dos dois, é o mesmo pai. Ao final, enquanto vão ao enterro - que outra saída

não havia do que a morte -, em caixão único cavado fundo no tronco da jindiba "como uma canoa de bom tamanho" João Jones - O Sardento -, e os filhos embarcaram para sempre.

Durante o enterro:

- cai uma chuva "como se viesse para lavar o mundo": era a Água da Purificação.

- Pé-de-Vento pensa em que deveriam ter posto um velame, "um velame de saveiro pequeno na canoa que era caixão" e largá-lo mar afora porque os personagens "gostariam daquela viagem": seria a Água da Realização.

Se em Luanda Beira Bahia a transubstanciação se concretiza no sentido de uma ascensão, eis que o Homem e a Natureza como que se nobilitam para um Trans-Humano ou Trans-Natureza, na trilogia do Cacau - Os Servos da Morte (1946); Memórias de Lázaro (1952) e Corpo Vivo (1962) - a mudança se faz para a degradação. Para o in-humano. Aqui, o destino dos homens é o Inferno, onde poucos se salvam.

Esta concepção estética não faltou a Jorge Amado, quando, no discurso de recepção à Academia Brasileira de Letras - (6 de maio de 1965) fez ver ao novo Imortal que seus heróis

"se movem como num baixo relevo de tragédias, numa atmosfera de pesadelo e de loucura, toda aclarada de poesia trágica. (...) Vossas criaturas estão presas nas malhas de um destino sempre terrível, ao qual não podem escapar, contra a qual é inútil qualquer esforço, criaturas condenadas ao nascer. (...) Os homens são bichos da terra, brutos. (...) Mundo de espantos e ameaças, de sina cruel e de erguidos muros de ódio, barrando e impedindo os claros sentimentos, a bondade, a esperança, a doçura de viver e a compreensão entre os seres". (47)

A seguir, o "modesto contador de histórias de minha gente, de meu povo, do cais da Bahia, e das matas do cacau" que jamais almejou ser crítico literário, refere-se ao relacionamento

personagens-natureza naqueles três livros:

"Largos e amplos só os espaços da natureza, o bosque, a selva, a serra, o vale. Mas nem mesmo essa natureza é acolhedora e amiga, quase sempre é agressiva e hostil, paisagem vazia sem expansão, comprimida na monotonia dos tabuleiros. Ou é a montanha torcida, terra que se levantou dentro de um furacão. Chão desolado onde só os homens realmente fortes e brutos podem subsistir e multiplicar-se".(48)

Em Corpo Vivo(49) a transubstanciação do Homem passa pelo máximo de sua in-humanização: os olhos de padrinho Abílio "brilham como vidro ao sol" (p. 10); o padrinho de Cajango "atento como um cão na caça, puxa o braço e, mão aberta, lava o rosto com o próprio suor" (idem); João Caio é homem de tórax tão largo quanto ao das bestas que montava, as mãos como cascos, os dentes limados, em ponto, qual serrote" (p. 11); Dico Gaspar tem cara de bugre e seu riso é de menino "mas os braços, de tão fortes, parecem mourões" (p. 12); padrinho Abílio "fareja como um cachorro" (p. 33); em Malva - mulher de Cajango "o verde dos olhos é de grama de inverno ..., de palha é a aspereza dos cabelos" (p. 97); Cajango e Malva "estão sendo caçados, cachorros latindo, ratos correndo nas cavidades da selva. E Cajango pára, a mulher ao lado, os olhos da cor do mato. É uma estaca que vento de temporal não açoitaria".(p. 113)

E Inuri, o índio que ensina a vingança, colocara Cajango "em um outro ventre. E desse ventre, a selva úmida e sombria, saíra para matar e encher o mundo com o seu nome".

"Oito anos ao lado de Inuri, tinha vivido na selva. Usava calça zuarte e tinha os pés descalços. Os olhos verdes e os cabelos ruivos davam a ele um aspecto esquisito. Fortes eram os seus braços e tão fortes que pensei em pedras. Vi as mãos grossas, calçadas, capazes de torcer uma árvore ou um corpo humano. (...) Cajando pertencia à selva como qualquer de suas feras, outra natureza dentro da sua. (...) O bugre não criou um homem. Criou a fera pior que a pior fera. Tornaram-se mais duros os olhos verdes, de pedra são os músculos da cara, e difícil saber-se o que nele é humano além do corpo".(50)

Menino ainda, Cajango assiste ao massacre de toda sua família. Recolhido e criado por um índio, Inuri, ele tem que aprender, com a selva e com os animais, o mecanismo selvagem da força bruta para a vingança necessária e implacável.

Ódio e vinganças geram vinganças e ódios. Afinal, mesmo dentro da mata, mesmo diante de onças e cães ferozes, a criatura humana ainda é capaz de sentimentos que a floresta e os animais não têm.

O bando que ele forma para praticar a justiça com as próprias mãos é destruído por outro mais forte e mais in-humano.

Ao final da caçada, final que é também a abertura do livro, Cajango e Malva se escondem "longe, nas brenhas das brenhas". (p. 131)

"A serra ressurgiu, aleijão medonho, um homem e uma mulher agora em suas entranhas. Não há febre, o calor diminuiu, mas é a serra que se levanta dentro do seu olhar. Cajango e a mulher, as mãos nas mãos, pisam o chão úmido. As rochas como que se movem, dobrando-se a serra, para recebê-los. Descobrirão as cavernas, examinarão os fossos, encontrarão o ninho". (51)

Estamos no ponto mais alto da degradação. A natureza, na natureza não é mais: é um "aleijão medonho"; as rochas, rochas não são porque se movem; dobra-se a serra para receber aqueles dois bichos caçados.

Bichos que se, antes, tinham o rancho para se esconder de Bem-Bem, agora, terão que descobrir cavernas e examinar fossos para construir um ninho.

Um ninho!

E ali, quais Adão e Eva

"poderão viver entre os bicos da selva, nus poderão andar, e paz existirá porque outro homem e outra mulher não descobrirão o ninho. Fogo não faltará para abrandar o frio. E bastará outra voz para encher os dias. Bela será a face da mulher e fortes os braços do homem. Permanecerão deitados, a serra protegendo, o

mundo embaixo com toda sua cólera. O vento, do outro lado, não terá poderes para rachar a montanha".(52)

Em Luanda Beira Bahia o Sardento e os dois filhos - filhos que se tornaram marido e mulher - só na Morte encontraram a saída para o dilema da Vida. E ao caixão de jindiba deveriam ter posto um velame de saveiro e largá-lo mar afora com os personagens gostando daquela viagem porque, na Água, é que estaria a transubstanciação purificadora. Em Corpo Vivo, é na Serra que Malva e Cango se integram para reconstruir sua Vida. Porque, ali, "a terra enrodilhada subindo como a ferir o céu", ele será "o primeiro homem a viver". Será o primeiro a transubstanciar-se em Criatura Humana. Criatura que o Inferno da floresta, até aquele momento, humana não lhe permitira ser.

Eles voltaram àquele Paraíso que aquele homem e aquela mulher haviam perdido há tantos milhares de anos!

5 - OS GERAIS: TERRA E ÁGUA, TESTEMUNHAS-ÍNDICES DA AÇÃO

Vianna Moog, na conferência que vem servindo de embasamento ideológico para algumas coordenadas da presente dissertação, não foi muito exato ao descrever o núcleo Minas Gerais como uma das sete ilhas em que se comporia o arquipélago cultural brasileiro.

Além de ter feito referências, apenas, à "sucessão de montanhas" como a característica da região, o autor de Um Rio Imita o Reno, não se apercebeu de que, logo depois das montanhas mineiras começam os ermos e os gerais de um sertão que percorre a literatura regionalista de um Bernardo Ellis, de um Mário Palmério. E de um João Guimarães Rosa.

Até o momento não houve ainda, entre a Sociologia e a Antropologia brasileiras, uma descrição física ou sócio-cultural desse grande sertão mineiro-goiano. E se um Roger Bastide, por lá apenas viu o "Brasil do Ouro", um Tristão de Athayde, em "A Pluralidade Cultural Brasileira" dizendo que "na área central, formada pelo triângulo Pernambuco, Minas e São Paulo, destacam-se a política democrática, a economia industrializada e uma formação intelectual de todos os graus", e se fez referências mais do que válidas ao Recife, ao estado de São Paulo - e até a Belo Horizonte - longe esteve de detectar o mundo das tropas e das boiadas.

O estudo sócio-psico-cultural desse Brasil-sertão ainda é hoje "tão mal conhecido" quando nos idos de 1925.(53) Minas e o Planalto dos ermos e dos gerais são, talvez, a única região natural do Brasil onde a Literatura se adiantou às demais disciplinas para conhecimento de uma realidade que não deveria ser, apenas, es

tético-literária.

É ali, e segundo Ronald de Carvalho com Bernardo Guimarães que teria nascido a consciência de um regionalismo literário dentro de nossas letras.

Se, verdade, o autor de O Ermitão do Muquém (1866, no "O Constitucional" de Ouro Preto; 1869, Casa Garnier, Rio de Janeiro) para descrever as tropelias de Gonçalo pelos sertões do Tocantins emprega uma linguagem impregnada de centenas de adjetivos que se tornaram "trade mark" dos românticos brasileiros,

"toda sua obra em prosa reflete de algum modo o estilo da vida sertaneja, apoiada principalmente no descritivo paisagístico, mas sem fugir às tradições e lendas das terras do planalto central, povoadas de vaqueiros, tropeiros e rudes senhores de fazendas".(54)

Em Bernardo Guimarães, se bem que dentro de uma visão romântica, a Natureza, ao participar da ação, não tem um agir romântico e nem idealizado: quando não é o reflexo, ou o inverso de um mundo psicológico, a Natureza aí vai estar como testemunha da ação. Sem interferir, sem determinar o rumo dos acontecimentos.

Quando Gonçalo - que, agora, no meio dos Chavantes é Itajiba - e Inimá se encontram, no meio do Tocantins, no auge do ódio de um pelo outro:

"A noite já ia alta, sem luar, mas límpida e estrelada. Nenhum vento agitava o topo escuro dos arvoredos, que imóveis e silenciosos se miravam no espelho das águas ao longo de uma e outra margem, e o largo veio do rio serpeando majestoso e plácido por entre as selvas refletia no profundo regaço os mil fulgores do firmamento como vasta charpa azul matizada de luzentes pedrarias. Com o profundo silêncio e a paz solene e inalterável daquelas solidões formavam vivo contraste as cruéis e violentas tempestades que agitavam a alma dos dois miserandos rivais. Sombrios e taciturnos,

sentados em face um do outro, Inimá à popa e Itajiba à proa, abandonaram à mercê da torrente a canoa, que por largo tempo foi boiando sem remos serena e silenciosamente até sumir-se a grande distância das habitações dos índios".(55)

Sim o quadro é romântico: a noite, o rio, os mil fulgores do firmamento se refletindo nas águas, são a marca de um Alencar ou de Joaquim Manuel de Macedo. Mas não é romântica a mudez da natureza em face da angústia dos personagens; e se é idílico o silêncio dos personagens que nem se apercebem estarem abandonados à mercê da correnteza do rio, não é romântica a atitude do autor quando não determina a seus personagens comungarem com esta natureza!

Num certo momento é Inimá quem rompe o silêncio:

" - Itajiba, a noite avança e se o sol ainda nos encontrar ambos vivos sobre a terra e em face um do outro, de pejo e horror pode voltar-nos o rosto e recuar e esconder-se de novo no seio do oriente. Cumpre que um de nós não veja mais a face do sol".(56)

Feito o pacto de morte - um devia flechar o outro ao mesmo tempo - o mito da Água e da Terra como testemunhas da ação, entram neste romance - e provavelmente no regionalismo literário deste Brasil além Minas Gerais:

"Devia ser pavoroso de ver-se aquele estranho combate travado sobre as águas a horas mortas da noite em meio das solidões, tendo por arena uma estreita canoa, e por testemunhas as estrelas, que lhes prestavam escassa luz, e o rio, que lhes devia servir de sepultura. Quem por acaso visse da margem aqueles dois vultos sinistros a vinte passos apenas um do outro em temerosa atitude, com os membros esticados a encurvarem com furor o arco presente a disparar, e projetando sombras colossais sobre o esteiro límpido das ondas, recuaria de horror cuidando ter visto os espectros da noite a combaterem por cima das águas".(57)

Ao final da cena - com a salvação milagrosa de Itajiba-,

"Inimá, varado no coração, depois de cambalear um instante caiu de cabeça para baixo como enorme surubi escapado à rede do pescador, e a líquida sepultura, que o devorou para sempre, fechou-se de novo sobre seu cadáver remoinhado com lúgubre rumorejo".(58)

Morto o inimigo, Gonçalo "deixou boiar sem direção sua piroga ao capricho das ondas".

A partir de agora, o futuro ermitão, por anos e anos, vagará "sem repouso pelos ermos os mais inhóspitos e desabridos, exposto a todos os rigores do tempo" até que

"um dia, oprimido de cansaço e de sede, e acabrunhado de mortal tristeza, chegou a um sítio ermo e silencioso, sem horizonte nem perspectiva alguma, o triste e retraído vale rodeado de morros áridos e de aspecto lúgubre, cobertos de uma vegetação enfezada e rasteira. Tudo era ali mudez e solidão".(59)

Se em Bernardo Guimarães a Terra e Água são testemunhas mudas de um mundo interior ou de ações onde personagens chegam a destruição e à morte, em Mário Palmério - pelo menos em Chapadão do Bugre - a Água é testemunha anunciadora de ação.

As 383 páginas de Chapadão do Bugre (60) se resumem na "caçada" a José de Arimatéia porque matara o filho caçula de Seu Tonho Inácio, ao encontrá-lo possuindo Maria do Carmo, com quem, se casaria dentro em pouco ele, o noivo.

E a Água, testemunha-cúmplice do desencadear dos fatos, estará presente nas ações mais importantes da estrutura ficcional.

Quando José de Arimatéia, marcado o casamento, pede à mãe de Maria do Carmo que fosse morar com eles

"Sia Gorgota não houve meio de concordar em vir morar com a filha. Mas prometera aparecer todo santo dia, adjutorar no que fosse preciso; é que não criava coragem - a pobre da velha acabara confessando - de deixar o jardimzinho e o mandiocal, o monjolo dos fundos do paiol, a riqueza do rego d'água..."(61)

E se, naquela noite, José de Arimatéia descobriu a noiva deitada no paiol com o Inacinho, foi porque:

- "com as chuvas, chegadas cedo e com tamanha fartura na quele ano", ele não pudera seguir viagem a convidar o padrinho para o casamento;

- atravessando o canavial dos fundos da casa de Maria do Carmo, "teve de parar ali: o rego transbordara, vazava também o esgoto do monjolo, tudo um lameiro só" o que o obrigaria a ter de es colher melhor caminho para visitar a sua futura esposa;

- ali se encontrando, porque a água não lhe permitira se guir estrada, e, parado porque a água, de novo, o obrigara a repensar caminho, "foi quando bulhazinha arrastada de lata lhe avivou a atenção"(p. 41).

Morto o comparsa concorrente, o noivo, arrebatando de ó dio, precipitou-se atrás de Maria do Carmo.

Mas não vai encontrá-la:

"Os pés descalços de Maria do Carmo haviam moldado fun- das marcas no lameiro beira-rego. Escorrendo para enchê-las, o cal do mole do barro começava a empoçar-se naquelas formas parecidas com meias-cabacinhas de pescoço fino, serradas de comprido - fáceis pegadas ao clarão da lua. Num átimo José de Arimatéia as se- guiou; sumiam-se porém ao chegarem ao fim do corredor formado pelo paiol e a cerca do chiqueiro (...)

O jeito era ir embora, largar por ora a do-Carmo, que não a encontraria mais. A cabeceira cheia, a água correndo sobre o brejo - impossível descobrir o ponto por onde a do Carmo vadeara, lugar que somente ela conhecia"(62)

Cometido o crime, é desaparecer para não ser morto pelo pai do Inacinho, ou agarrado pelos Destacamentos Especiais de Cap-tura do Estado. E o povaréu daquele mundão sem fim, tanto os que o perseguem a mando de seu Tonho Inácio, quanto os amigos de seu Valico Ribeiro - o padrinho - que procuram dar-lhe abrigo, sabe a importância das chuvas, tanto para a prisão, como para a liberdade.

Seu Persilva, um dos "caçadores", minuciava a história

- "... o mais pior foi a chuvarada: mal-mal selamos os

burros, em-antes ainda de pegar o corredor, o pé-d'aguão apertou. Já tinha chovido muito de véspera, e a estrada virou um pantanal. A coisa estrangolava por completo: rasto, que era bom, bau-bau .. .(63)

Enquanto isto, seu Valico Ribeiro, o bom padrinho, conversa com seu Eulálio, o bom capataz:

" - E 'ocê viu o lado da chuva, depois que o vento virou. Foi muita água que caiu lá nas Marrecas, em São Miguel também, na certa ... Rasto que ficou ...

- ... nem paqueiro acha mais, seu Valico"(64)

Ao final do terceiro dia de fuga, o Chapadão do Bugre a terminar

"ali naquele descampado de terra ruim, sem mato e com tão pouca água, de raras saídas pelas vertentes - quase que tudo um barranco só, de pedra, e a pique", (65)

a mula Camurça sonha "espojar-se, de barriga cheia, no espraiado de areia do ribeirão farto do Pinhé, cochilar escutando a cantiga da água encachoeirada e as pancadas do monjolo".

Mas é ali que José de Arimatéia é fuzilado pelos soldados do Destacamento: não havia mais água para esconder-lhe os rastros.

E a Terra, a testemunhar-lhe os passos, denunciara-lhe a presença.

E com a presença, a morte!

O sertão goiano-mineiro de Guimarães Rosa é muito mais o mundo dos homens do que uma certa região onde criaturas humanas se movimentam dentro de um espaço físico-geográfico-cultural.

Daí que a Terra e a Água sejam levadas para dentro das páginas de um Sagarana (1946), de um Corpo de Baile (1956) e de um

Grande Sertão: Veredas (1956), na maioria das vezes, de uma forma mítica, diante da qual o homem, mais do que integrar-se nelas ou de las servir-se, vê-se numa postura de completa veneração, ora pelo Desconhecido:

"Seguiam por terras convalares, na bacia do Riacho Magro, sob o pálido céu de agosto, fumaças subindo para ele, de tantos pontos. Ai, quando chegavam no topo de alguma ladeira, e espia_u vam para trás, lá viam o Morro da Garça - só - seu agudo vislumbre. Assim bordejavam alongados capões, e o mais era o campo estragado, revestido de placas de poeira. Vã, à distância, aquela sucessão de linhas, como o quadro se oferece e as serras se escrevem e em azul se resolvem. À direita, porém, mais próximas, as encostas das vertentes descobertas, a grossa corda de morros - sempre com as estradinhas, as trilhas escalavradas, os caponetes nas dobras, sempre o sempre. Mesmo seu Jujuca se queixava: - Como é que se pode conhecer esses espigões? É tudo igual, é tudo igual ... É o mesmo difícil que se campear em lugares de vargem" (66);

ora, pelo Êxtase da Meditação:

"Hoje, vamos primeiro, às Rendas da Yara, para escutar de de próximo os sete rumores do riacho, que desliza em ebulição. Perto, no fresco da relva, na sombra da selva, no úmido dos minadouros que cantam, dormem as avencas de folhagem minuciosa: a avencadoura, recurvando em torno ao espique as folhas - centopéias; e o avencão - peludo, que jamais se molha, mesmo sob os respingos. Muitos musgos cloríneos. A delicadeza das samambaias. E os velhos samabaiussús.

Aqui convém meditar sobre as belezas da castidade, reconhecer a precariedade dos gozos da matéria, e ler a história dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da mágica espada Excalibur". (67)

Mas, uma vez que outra, a grandeza mítica da Terra ou da Água passa a fazer parte física do sertão e a integrar-se, como testemunha, em episódios decisivos para a ação que vem sendo narrada.

A hora e a vez de Augusto Matraga chegam quando o filho de mãe preta Quitéria e de pai preto Serapião, depois de as chuvas cessarem

"saiu para o terreiro e desconheceu o mundo: um sol, tal qualzinho a bola de enxofre do fundo do pote, marinava céu acima, num azul de água sem praias, com luz jogada de um para outro lado,

e um desperdício de verdes cá em baixo - a manhã mais bonita que ele já pudera ver".(68)

6 - A CIVILIZAÇÃO CAIPIRA: O HOMEM, EXTENSÃO DA NATUREZA

Vianna Moog, na Conferência de 1942, ao referir-se à "literatura de São Paulo", viu apenas um Monteiro Lobato como o mais representativo escritor do "bandeirismo paulista". Talvez, porque não se enquadrasse "no sentido imperial das bandeiras", o conferencista não fez a mínima referência a Valdomiro Silveira, que, em 1894, com o conto "Rabicho", publicado em o "Diário Popular", abria a linha de um regionalismo literário capaz de abranger uma área de 200 mil quilômetros quadrados: toda a área bandeirante do estado de São Paulo, trechos do Sul de Minas, divisas do Paraná e Norte Fluminense.

Edgar Cavalheiro, ao estudar o "Ciclo Paulista" de "O Regionalismo na Ficção"(69) se dedica mais de 60% de seu trabalho ao autor de Urupês, reserva, magras oito linhas para se referir à Valdomiro Silveira como o responsável por uma atitude ficcional regionalista que só haveria de ser retomada com Guimarães Rosa.

Mas Lúcia Miguel Pereira(70), embora tenha aberto mais de dez páginas para Afonso Arinos, e embora tenha reservado apenas pouco mais de três para o autor de Os Caboclos, no seu rápido estudo, alerta que "Valdomiro Silveira disputa a Afonso Arinos o título de criador do regionalismo". E, depois de chamar a atenção de que se Valdomiro Silveira não conseguiu a glória e a fama de Afonso Arinos, entende que num ponto ele supera o autor de Pelo Sertão: "na adequação da linguagem da narrativa, não só aos sucessos avocados, como ao dialeto dos diálogos".

Para a autora de Prosa de Ficção, Valdomiro Silveira "escreve de modo a, respeitando a correção gramatical, evitar as tão desagradáveis e comuns soluções de continuidade entre o estilo do

autor e o das suas criaturas".(71)

Haveria pois, com o autor de Os Caboclos, um regionalismo caracterizado não só por uma visão do mundo não urbanizado, "refletindo uma sociedade não industrializada", mas, igualmente pela utilização de uma camada linguística "embasada na singularidade dialetal do contexto, numa linguagem singular-rural".

Não está nos limites desta dissertação o estudo da linguagem regional de nossa literatura, mesmo porque, sendo a literatura uma ficção, o emprego de uma linguagem psico-sociologicamente contextual cria um descompasso entre o "narrado" e a "narrativa".

Escritos entre 1895 e 1906 para serem publicados nos jornais de São Paulo, só em 1920, Valdomiro Silveira reuniria, em livro, os 24 contos que integram Os Caboclos, histórias de terras e gentes do "sertão do Tietê".

Para Tristão de Athayde, há em Valdomiro Silveira "a própria vida local, trágica por vezes, outras cômicas, aqui revoltante de dor ou de injustiça, feliz mais adiante, mas quase sempre passiva e uniforme na sua monotonia"(73); Agrippino Grieco diz que o autor de Os Caboclos "faz-nos ver, claramente vista, a sua terra e a sua gente".(74)

Nas páginas a seguir, tenta-se desvelar a estrutura do pensamento e da cultura do homem do "sertão do Tietê" para, com isto, chegar-se a um conceito de regionalismo que parece estar latente em cada um dos contos de Os Caboclos.

No final da história de um caipira morfético que abandona a família porque repudiado por todos, pode ser identificada a estrutura narrativa do regionalismo de Valdomiro Silveira: os homens, os animais, a natureza e o cosmos formam um todo, o Objeto,

manejado por um Sujeito que tem um misto do Deus cristão e dos deuses vingadores das tragédias clássicas.

"A chuva estiara de todo, certa manhã de Dezembro. O Zeca Estevo mandou que o Candinho lhe encilhasse a besta petiça quatro-lha, uã mula velhaca e arengueira, para dar uma volta pelos arredores. Disseram-lhe que, doente assim, não devia montar naquele inferno de mula: foi tempo perdido, quis porque quis, e fez o que resolvera. Antes, porém, de montar a cavalo, chamou o José, com todo o carinho:

- Venha cá, meu filho, quero-lhe dizer uma coisa.

O José refugava-o desajeitadamente, com os olhos baixos de respeito e de medo. Não se lhe chegou para ao pé.

- Pois então inté você, meu filho, 'tá-me pondo de banda?

O José custou a responder, mas por último falou numa voz sumida e trêmula:

- Diz que vancê 'tá macotena, nho pai.

- Era isso mesmo que eu esperava. Ai! meu São Bom Jesus do Pirapora, já não tenho mais ninguém por mim neste mundo! Fique p'ra lá p'r'o seu canto, José, que eu já não lhe digo mais nada, não tenha susto.

Montou a cavalo.

- Agora falta só as purungas e a baciinha, p'ra mim cumprir o meu fadário!

Sa Januária chamava-o, chorando desesperada. E ele perguntou-lhe de repente:

- Eu volto, sim, eu volto: você quer que eu deite na sua cama? Ah! não quer, pois então? O mundo é mesmo assim!

Recomeçara a chover miudamente, o sol passava frouxo e sem quentura pelas cordinhas d'água, quando o Zeca Estevo bateu o tala nas ancas da mula e disse em que havia uma tristeza infinita e um desespero inenarrável:

- Adeus, então, meu povo dalgum tempo!

Voltou a ventania, primeiro quase mansa, depois furiosa e uivante. E enquanto ele se sumia na reviravolta do caminho, a chuva engrossava, pouco a pouco, até se fazer outra vez um poder de tempestade". (75)

Estes homens e esta realidade são comuns, só na aparência. no próprio nome dos personagens, as características pessoais de um aspecto físico ou de uma qualidade psicológica: João Cacheado, Vicente do Rancho, Cabeludo, Ana Triste, Aristides Fartura, Chico Só, Joana Curta, João Carro. Mas há, também, o Chico Pica-pau, o Mané Ramo, a Ana Cabriuvana, o Pintassilvo, a Chiquinha Sa-

biá, o Zé Saúva, a Maria Espada, o Chico Ferro, a Juriti, a Joaquina Peneireira, o Antônio Cabeça.

Num sertão duro e difícil, o aspecto físico desses personagens é uma extensão da própria natureza. O Chico Luís porque tem "rosto moreno pela testa e no queixo, alvo nas faces até as orelhas, sarapintado e horrível, ao fundo do qual os olhos brilhavam, tais quais os de um gato mourisco em sanha" (p. 3), mal consegue declarar seu amor à Candóca que "manqueteava como quê e tinha o nariz chato e grosso que nem o dum perdigueiro legítimo" (p. 4); a Quina do Chico Ferro, usando as anquinhas da moda parece "um irapuá na forquilha duma arve" (p. 9); no conto "Hora Quieta" a Juriti procura o amor do Belarmino "um salta-carço que 'tá madurando" (p. 13); o José fala "com a voz abafada como a dos urus na grotta do ninho" e tem "o som dum enxame de mirins fumegando à porta do mel: e o que a voz dizia, naquele pouco som, tinha a mesma doçura que o mel dos mirins" (p. 35); nha Vina "não se zangava, mas mostrava uns jeitos assim de parirú que vai ariscando", e "fazia que nem a rolinha" (p. 35); quando falavam do Zé Saúva para a Chiquinha Sabiá, ela "era tal qual a xintã no sossego do ninho, ao ver chegar estranhos - irada e destemerosa" (p. 45); na voz do Cabeludo, perguntando pela saúde de Zeca Estevo "havia muito de tempestade longínqua e também de rugir contido e ferocíssimo de tigre" (p. 52); "a boca da Vicença, que era próprio um juá dos miúdos, de vermelha, embranqueceu e deu de tremer; os olhos, que pareciam duas piúnas maduras, sumiram num rio de lágrimas; e toda ela se sentiu, naquele instante, balancear afligida, tal e qual um ramo novo de guapeva, quando sopra vento de chuva" (p. 64); o José Carioca é "o moço dos olhos ramudos" (p. 92) e naquela grande feira que era também uma grande festa, as moças são apontadas ora como "piguanchinha queimada", "sabina da malha miúda", "baia de arromba", ora como "china verde", "mulinha xucra" (p. 92-93); a frase "Eta baia de arromba! Você não quer ser meu cargueiro, neste ca

tumbi cansado que eu 'tou jogando? Agarre os milhos e bamos a ver o azar que corre!" (p. 93) é galanteio; "a Joana Curta não tinha na boca mais dentes que uma galinha; por isso remexia os beiços, que nem dois pedaços de borracha velha" (p. 113).

Enquanto os homens encontram na natureza animal ou vegetal a extensão de suas características físicas ou psicológicas, o poldro "chama algumas folhas, regozijadamente" (p. 16); o sãino "entendeu de trocar as orelhas e bufar, endureceu o lombo e deu um passarinhã feio" (p. 23). A seguir, o próprio cavalo espanta-se, toma o freio entre os dentes, pula de um lado e de outro, e atira com a cavaleira ao ar. No conto "Velha Dor" a mula douradilha do Bernardão, principia a ficar diferente. No córrego "parada, pareceu nada mais estar sofrendo: apenas, de quando em quando, firmava os olhos espantados em qualquer sombra movediça, amolecia as orelhas e abanava com a cabeça!

Para o Bernardão, a mula "ficou patife e moleirona" (p. 37). Logo em seguida, "rouca e demente" ela se atira ao areão da estrada (p. 39). E quando o Zeca Estevo, o camunhengue, busca a cura de sua lepra na tapera do Cabeludo, ensilhado o animal, "passeou a ferramenta pelo vazio da mula, que se descanhotou logo, estrada a fora, violenta e macia no trote de cão" (p. 51); chegado na tapera, o pobre diabo, preocupado porque não estava sendo visto pelo curandeiro no qual punha todas as esperanças de cura, "fez chorar no saco da garupa os dois marrõezinhos mais gordos que criava no chiqueiro" (p. 52).

Os animais, principalmente o cavalo, não só têm comportamentos e aspectos físicos humanos, mas os homens - e as mulheres que com eles convivem, tratam-nos como se humanos fossem. E não apenas os animais domésticos: as pombas indo para o ninho, - que o Bernardão chama de cama, sugerem ao caboclo que "eu também perciso de campear a minha" (p. 37)

Quando a mula de Maria Espada se assusta com a "pijuca"

(espécie de cogumelo, que à noite brilha como fogo azul) a cabocla pergunta ao animal - depois de tê-lo chamado de "traste" e "coisa-rúim": - Nunca viu orelha de pau que dá fogo? Nunca viu pijuca? P'ra que é que você véve antão no mundo, si uma luz do mato, inocente como esta, faz tamanha bateadeira em você?" p. 23). Quando a mula do Bernardão não consegue chegar na venda, porque morre ao cair na estrada, de cansaço, o caboclo lhe diz: - "Ah! minha doura da de entusiasmo, si tu não 'tivesse 'panhado esse ramo de arêjo, nós já 'tava' dobrando aquele cucurutinho p'ra cá dos Dutras! Era um tirão, 'a toa p'ra chegar na venda, e eu te derrubava duas garrafas de cerveja p'ra guéla abaixo, que tu havéra' de ver que porrete!" (p. 37). E depois de ver a mula morta, Bernardão tem remorsos. Senta-se encostado nela, começa a alisar-lhe a crina, e como num carinho: - 'ocê 'tá queixosa de mim. 'tá admirada? É porque 'ocê não conhece o coiração dum home da minha casta! Quando um homem da minha casta resolveu de verdade querer uma dona, seja ela quem for, não hai nada que possa co'ele; ele é fraco p'ra ela, mas porém é forte de mais contra os outros, contra tudo" (p. 39). E conclui, amargurado, que ele não deveria ter pensado na morena (na morada) "sem tenência, porque a dourada (a mula) me queria bem, nunca não me deixou mal no mundo, 'o passo que ella..." (p. 39).

Em "Desespero de Amor", Chico Só entende de quebrantar um ruão de fogo. Solto o animal do palanque, com o domador atirado nos arreios o macho "ronca" de lombo teso; "bate" as mãos na grama e no pedregulho do piquete; "faz" rumor descompassado de ûa matraca sem governo; "salta", as mãos juntas, para uma banda e para outra; "baixa" o lombo e "ergue" a cola; "rompe" à disparada; tem os olhos encandescidos de raiva; "morde" a tira de sola crua; "troca" as orelhas. E quando o Chico Só lhe risca, da cara às ancas, o corpo todo a chilenas, "o macho urrou desabaladamente, apavorando o silêncio apalermado das coisas" (p. 122). Ao final, o burro xucro estende "mãos e pernas", gunguna como um negro mina, súa água e

sangue. Estava domado.

Esta união do Homem, da Natureza e do Universo tanto se faz no sentido da antropomorfização das coisas, quanto da coisificação do humano.

E não há limites de separação ou de integração: na manhã em que o Chico Só começa a domar o macho esquentadão, havia "duas braças de sol"; na tapera de Nhô Tido "tudo chorava por uma enxada" (p. 17); a Sabiá "era um rochedo de tapiocanga, no solais das vertentes: quebrar, podia quebrar, mas não vergava nem um dedo" (p. 46); os urus "gargarejam" um canto profundo quando o Zeca Estevo se aproxima da tapera do Cabeludo; na casa de Ana Cabriuvana, na noite do casamento de filha Nicota, apareceu uma lua "turva e fria, de pouca vontade" (p. 68); o Benedito, depois de receber um tiro, tomba crivado de chumbo, "entre dois rugidos temerosos, sacudindo-se, estrebuchando" (p. 72); quando a doença do Mané Ramos "veio fe^zroz" (p. 82) ele morreu "mal comparando, que nem um carneiro, sem gritar, sem gemer" (p. 83). No conto "Esperando", o rio "quase chora", "soluça" e "esfrangalha-se" nas corredeiras; e aquele jardim cheio de flores, na vila, "bem o podia contar, se falasse" que viu o primeiro beijo, tão ardente, que o Valério deu na face de sua querida (p. 105).

Não faltam, nos contos de Os Caboclos, o apelo ao maravilhoso, ao fantástico, ora representado pela constância com que os personagens no momento de angústias se põem a rezar aos santos da região (Zeca Estevo, desaparece no meio da tempestade apelando ao seu Bom Jesus de Pirapora) ora, e muitas vezes, com a presença inexplicável de seres e forças que povoam a imaginação daquela civilização caipira.

Chico Pica-Pau não consegue executar a vingança jurada contra Nhô Tido porque, lá no fundo daquela tapera, aquela angolista, crescendo, crescendo já do tamanho de uma anta e gritan

do quatro vezes, intervaladamente; 'tou fraca, 'tou fraca, 'tou fraca, era o Nhô Tido, encarnado no corpo do bicho, o Bernardão, antes que a mula desfaleça e morra de cansaço percebe claramente que "alguém lhe pegava na cola do animal e o repuxava com força, impedindo-lhe a marcha" (p. 37); ao ser informado qual o remédio para a cura de sua lepra, o Zeca Estevo percebe "um fantasma apavorante caminhando entre as nuvens" (p. 54); o pássaro que nha Jerónima pensou ter morto, porque lhe lembrava a saudade do marido, "morre num lugar p'ra ressuscitar logo noutro" (p. 86); no ataque que os pássaros curiangos fazem a um Pedro desesperado, ele reconhece "uma Valência de penas, que o olhava muito espantada, mas que também tirava seu eito na caça, cravando-lhe o bico, mais fundo, no cucuruto da cabeça, onde mais fervia o formigueiro" (p. 119).

Mais do que com a Terra, é com a Água que os personagens de Valdomiro Silveira identificam o seu destino.

Em Os Caboclos, a Água - quer em forma de chuva ou de rio - é essência que integra a vida de cada uma daquelas criaturas. Nos grandes momentos, nas grandes e definitivas decisões, a água, qual "indício" dos modernos estruturalistas, vai estar presente porque integradora da própria ação. Chico Dias, consegue vencer seu complexo de feiúra e declarar todo o amor que lhe vai pela Candoca "chimbeva e cambeta" quando ela está "a lidar no córrego" (p. 4); é no ribeirão que o Belarmino entrega o primeiro beijo na Juriti (p. 13); depois de passar o ribeirão dos Cardosos é que leitor será informado de que o Chico Pica-Pau vai buscar vingança contra Nhô Tido (p. 15) e antes de ver a enorme angolista transformada em anta e a gritar 'tou fraca, caíram "enormes gotas de água" (p. 18); é no córrego, também, que o Bernardão se dá conta de que a mula está desfalecendo de cansada; Zeca Estevo, o leproso, decide abandonar a família quando, por mal de pecados, chegara o tempo das águas, com uma ventania nunca vista e um poder de tempestade todo santo dia" (p. 56). E se a chuva estiara de todo, certa ma-

nhã de dezembro, ao certificar-se de que Sa Januária não o receberia de volta na sua cama de dormir, "recomeça a chover miudamente". Na hora do adeus enraivecido "enquanto ele se sumia na reviravolta do caminho, a chuva engrossava, pouco a pouco, até se fazer outra vez um poder de tempestade" (p. 58); lá embaixo de uma barroca "quase tão azul como a tabatinga da barra brilhava ao sol a água pequenina e sossegada de um ribeirão" contraste violento entre as cenas que vão ocorrer: a morte do "irmão de cria" e a certeza de que a esposa, bem como lhe dissera o Nico, era frequentada pelo Berto, quando ele, o Chico Só, "tá p'ro campo ou na inverna da, inocente de tudo" (p. 126).

A Terra quase não participa da vida dos personagens de Valdomiro Silveira. Eles, às vezes, se deslocam pela "estrada vermelha" (p. 14); outras olham "para a estrada que ardia ao sol" (p. 26) ou para "a estrada larga e vermelha" (p. 68). E nada mais.

O regionalismo de Valdomiro Silveira, por conseguinte, pouco tem de "geográfico". Ele é, antes de tudo, psicológico e cultural, pois os seus personagens, muito mais do que saídos de um pedaço de terra típico, são regionais porque portadores de uma concepção de vida, com características nascidas de um mundo de relacionamento entre o Homem, a Natureza e o Universo.

7 - GAUCHESCA: A TERRA COMO EXTENSÃO DO HOMEM

Para Vianna Moog(76), as terras do Rio Grande do Sul são dotadas "de uma beleza tranqüila que repousa os sentidos". E o homem comunga com esta natureza, faz dela um objeto de culto e de devoção panteísta". O perigo telúrico, não lhe ronda os passos. "Ao contrário, tudo se curva e amacia à sua vontade dominadora", porque a terra que o cerca, e tudo o que ela contém, parece-lhe ser uma simples extensão de seu corpo e de suas necessidades.

Nos campos imensos não há obstáculos intransponíveis a barrar a vista e a paisagem; a vida pastoril não o prende a pedaço de terra algum; a comunidade de trabalho não distingue patrões e servidores; o pastoreio numa "planície mansa, carinhosa, ilimitada, própria para as disparadas velozes ou as evoluções graciosas"(77) mais que um trabalho, é uma permanente festa com o gado, com o cavalo, com o cachorro. Com a natureza toda.

Se em 1847 Caldre e Faião já publicava A Divina Pastora - onde a gauchidade era um tema latente, só a partir de 1910 o regionalismo gaúcho tomaria feição própria com as primeiras obras de Alcides Maya, Roque Calage e, principalmente, Simões Lopes Neto.

Com a publicação de Contos Gauchescos (1912) (78), o desconhecido escritor municipal de Pelotas, leva para dentro dos casos-recordações contados por Blau - o vaqueano - as terras e as gentes da região do pampa.

Em "Trezentas Onças"(79), a estória de um tropeiro que perde trezentas onças de ouro no local de uma "sesteada morruda" - e que por isto, morto de vergonha, pois o patrão haveria de dizer

que ele roubara a dinheirama, pensa em matar-se -, a regionalidade literária gaúcha atinge o auge de sua força:

A - A natureza participa do dia-a-dia da vida do homem:

- "ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato que está nos vendo, desencilhei";
- "ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar".

B - A criatura humana e as demais criaturas formam um todo integrado, sem que uma tenha a primazia sobre a outra:

- "Fui-me à água que nem capincho";
- "O cusco parava-se na estrada e latia e corria para trás, e olhava-me, olhava-me ... parecia que o bichinho estava me chamando";
- "Nas viagens (o cusco) dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios";
- "O cachorrinho pegou a retouçar, numa alegria, ganhando - Deus me perdoe! que até parecia fala!
- "O cachorrinho tão fiel lembrou-se a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade";
- "Estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morru-da";
- "Não tinha cancha para um bom nado".

C - A natureza é uma extensão física do corpo ou uma exteriorização do estado psicológico:

- "Andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meio de sol";
- "A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, man

chados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradores da noite. (...) e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços"; (enquanto a natureza está serena, o tropeiro sente-se desesperado pela inexplicável perda das trezentas onças de ouro);

- "Como é pesada a tristeza dos campos quando coração pena";
- É; era o que eu devia fazer: matar-me ... e já, aqui mesmo! Tirei a pistola; amartilhei o gatilho .. benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala ...

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi ... as Três-Marias luzindo na água ... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão ... e logo, logo, o zaino, relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto".

D - O trabalho, a alegria, a coragem e a honra como características do homem dos campos:

- "Eu vinha abombado da troteada";
- "Sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão; antes morresse, que isto!";
- "Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredado, metia respeito ... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho";
- (consciente de que por sua culpa perdera as trezentas onças o tropeiro pensa) "agora ... era vender

o campito, a ponta de gado manso (...) vender a tropilha dos colorados ... e pronto! Isso havia de chegar folgado" (para reembolsar o patrão)

- "Houve uma risada grande de gente boa".

Não só a obra de Simões Lopes Neto é "um manancial de poesia e verdade(80), mas todo o regionalismo gaúcho parece estar vestido destas duas características aparentemente contraditórias.

Até em Érico Veríssimo, a poesia e a verdade andam nos mesmos traços, inclusive em O Tempo e o Vento.

Se o autor de O Continente, descendente de campeiros, que sempre detestou a vida rural e que admirando os trabalhos de Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja, Ciro Martins e Vargas, nunca morreu de amores pelo regionalismo:

"para ser sincero, tinha e ainda tenho para esse gênero literário as minhas reservas, pois acho-o limitado e, em certos casos, com um certo odor e um imobilismo anacrônico de museu"(81),

o autor de Ana Terra(82) escreveu uma novela dentro de um autêntico regionalismo rio-grandino onde o mito Terra grita com toda a força de seu inconsciente coletivo.

Se Ana foi o nome de batismo da mãe da Virgem Maria, mãe de Jesus - Salvador, e se Terra é o nome de família de quem vai ser a fonte histórica de todo um povo, é na Terra que Maneco vai reencontrar-se com Pedrinho, o neto espúrio e amaldiçoado, porque filho de índio, embora saído do ventre de sua filha.

"Durante o mês de junho Maneco e Antônio aprontaram a terra para plantar o trigo. Toda a gente da casa, inclusive Pedrinho, que ia já a caminho dos onze anos, foi para a lavoura. Limparam primeiro o terreno, arrancando as raízes e as ervas. Depois viraram a terra, trabalhando de sol a sol. Quando voltaram ao anoite

cer para o rancho, Eulália esperava-os com o jantar pronto: carne de veado, abóbora, mandioca e feijão. Maneco estava excitado e parecia ter rejuvenescido. Fazia conta nos dedos, ficava às vezes absorto nos próprios pensamentos, esquecido da comida que fumegava no prato. Plantaria poucos alqueires, para experimentar a qualidade da terra; e naturalmente continuaria com o milho, a mandioca e o feijão. Se o trigo desse bem, aumentaria o trigal. Com o produto da venda do primeiro trigo colhido poderia comprar mais uma junta de bois, ferramentas e mais escravos. E era preciso arranjar o quanto antes mais uma carreta.

- Uma pena é o Horácio não estar também aqui com a gente - murmurou ele de repente, ao cabo de longo silêncio.

Quando cessaram as primeiras chuvas de inverno - julho deveria estar principiando - começaram a semear. Lançaram as sementes nos sulcos (quanto mais fundo o rego, melhor - sabia ele). Na noite do dia em que se fez a primeira sementeira, Maneco teve um sono agitado. Ana ouviu-o revolver-se na cama e finalmente levantar-se e sair. Ergueu-se também, foi até a porta e olhou para fora. Era uma noite de lua cheia, de ar parado e frio. Avistou o pai, que caminhava para a lavoura. Seguiu-o com os olhos e viu-o ficar olhando longamente a terra, como se o calor de seu olhar pudesse fazer as sementes germinarem. Quando ele se voltou e começou a andar na direção do rancho, Ana tornou a deitar-se.

Uma semana depois, certa manhã, mal o sol havia raiado, Pedrinho entrou em casa todo alvoroçado, no momento em que o avô e o tio tomavam chimarrão e as mulheres se preparavam para ir tirar leite no curral.

- Mãe! - gritou ele. - Mãe! O trigo está nascendo!

Maneco Terra largou a cuia sobre a mesa, ergueu-se rápido, e ficou olhando para o neto. O menino estava transfigurado e havia no seu rosto uma alegria tão radiosa que chegava quase a transformá-lo num foco de luz.

- O trigo já está aparecendo ... disse ele. - Uma coisinha verde. Tão bonita, mãe, tão ...

Calou-se engasgado. Brotaram-lhe lágrimas nos olhos. Maneco e Antônio precipitaram-se para fora e correram para a lavoura. As sementes efetivamente haviam brotado. A terra era boa! O trigo punha a cabeça para fora, procurava o sol!

Nos dias que se seguiram foram aparecendo as folhas. E os talos cresceram. Pedrinho seguia de perto o desenvolvimento das plantas e todos os dias à hora das refeições contava o que havia observado.

Uma tarde, ao voltar da sanga, Ana viu Maneco Terra e o neto conversando animadamente na frente da casa como dois bons amigos. Falavam do trigo".(83)

Em quatro níveis tem-se, aqui, a Terra como prolongamento do Homem.

A - extensão fisiológica.

É dela que vêm todos os alimentos para o jantar: carne de veado, abóbora, mandioca e feijão.

No cap. 7, quando Pedro Missioneiro recusa carne de tatu com abóbora, D. Henriqueta lhe diz:

- "Mas não tem outra coisa. Só tatu e abóbora."

B - extensão psíquico-individual, no sentido freudiano do papel do inconsciente na determinação das atitudes conscientes:

- "Maneco estava excitado e parecia ter rejuvenescido";

- "Ficava às vezes absorto nos próprios pensamentos, esquecido da comida que fumegava no prato";

- "Na noite do dia em que se fez a primeira sementeira, Maneco teve um sono agitado";

- "Avistou o pai e viu-o ficar olhando longamente a terra, como se o calor de seu olhar pudesse fazer as sementes germinarem";

- "Pedrinho entrou em casa todo alvorotado";

- "O menino estava transfigurado e havia no seu rosto uma alegria tão radiosa que chegava quase a transformá-lo num foco de luz";

- "Calou-se, engasgado. Brotaram-lhe lágrimas nos olhos".

C - Extensão psíquico-coletiva, dentro do sistema de Carl Gustav Jung, dos temas simbólicos coletivos que podem levar, por analogia, a entender o simbolismo individual:

Se há onze anos que Maneco Terra vinha ignorando a existência tanto da filha quanto do neto, quando sente em Pedrinho o amor à terra - o mesmo amor que ele recebera de seu pai ("o que eu quero mesmo é um sítio, uma lavoura, um gadinho e uma vida sossegada" - p. 40) neste mesmo dia, Pedrinho demonstrou ser o mesmo Terra, como terra o bisavô havia desejado ser.

A primeira vez que o avô olha para o neto, ele o vê todo "transfigurado" e, no rosto, "uma alegria tão radiosa que che gava a transformá-lo num foco de luz".

Como consequência dessa extensão psíquico-coletiva os dois ao falarem de trigo, agem como "dois bons amigos".

Mas não é só no relacionamento Maneco-Pedrinho que o inconsciente coletivo parece se reencontrar por causa da terra.

Enquanto aprontam a terra para plantar o trigo, o comportamento do chefe da clã se modifica:

- vive agitado e parece ter rejuvenescido;
- fica absorto e esquece da comida;
- sente o futuro;
- lamenta a ausência de Horácio (que trocara o campo para viver na cidade).

Na noite do dia em que se fez a sementeira, o inconsciente de Maneco aflora e chega a exigir-lhe comportamentos mais do que estranhos:

- tem sono agitado;
- fica olhando longamente a terra como se o calor de seu olhar pudesse fazer as sementes germinarem.

Nas duas circunstâncias, era Juca Terra - o pai de Maneco - quem estava presente, como que a realizar seu desejo, através do filho, estabelecido "nos campos do continente".

D - Extensão mítico-religiosa no sentido de tornar eterno aquilo que é finito.

Quando Pedrinho, transformado num foco de luz, diz que o trigo está nascendo é ele o Anjo que anuncia a Boa Nova. E que anuncia o começo de uma nova Era: a era da vida sossegada na lavoura do trigo pela qual tanto ansiara Juca Terra que "passara

metade da vida a viajar entre São Paulo e o Rio Grande de São Pedro" (p. 40).

Naquele momento, iniciava-se, também, uma nova era para todos os filhos do Rio Grande do Sul: a cultura do trigo como fonte de riqueza perene.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA NA SEGUNDA PARTE

- (1) - JUNG, C. G. Psychology and Religion. New Haven, 1938, p. 45
- (2) - ROCHA, Lindolfo. Maria Dusá. Rio, INL, 1969, p. 245-246
- (3) - Correio da Manhã, Rio, 28 de novembro de 1941
- (4) - O Jornal, Rio, 14 e 21 de junho de 1925
- (5) - AMOROSO LIMA, Alceu. Estudos Literários, vol. I, Rio Agui-
lar, 1966, p. 29
- (6) - Idem, p. 913-914
- (7) - MOREIRA LEITE, Dante. Psicologia e Literatura, 2ª ed., São
Paulo, Comp. Ed. Nac. 1967, 256 p.
- (8) - Idem, p. 244
- (9) - PATAI, Raphael. O Mito e o Homem Moderno. São Paulo, Cul-
trix, 1974, p. 19
- (10) - AMOROSO LIMA, Alceu. O Existencialismo e Outros Mitos do
Nosso Tempo. Rio, Agir, 1956, p. 186-187
- (11) - AUGRAS, Monique. A Dimensão Simbólica. Rio, Fund. Getúlio
Vargas, 1967, p. 70
- (12) - JUNG, C. G. In: Monique Augras, op. cit. p. 70
- (13) - Correio do Povo, Porto Alegre, 29 de fevereiro de 1976
- (14) - AMOROSO LIMA, Alceu. O Existencialismo e Outros Mitos do
Nosso Tempo. Rio, Agir, 1956, 329 p.
- (15) - O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 1975
- (16) - AMOROSO LIMA, Alceu. Estudos Literários, vol. 1, Rio, Agui-
lar, 1966, p. 537
- (17) - MIGUEL PEREIRA, Lúcia. Prosa de Ficção: de 1870 a 1920, 3ª
ed., Rio, Ed. José Olympio, 1973, 344 p.
- (18) - Idem, p. 179
- (19) - Idem, p. 180
- (20) - Idem, p. 181

- (21) - COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil, 2ª ed.. Rio, Livr. São José, 1964, p. 205
- (22) - ----- . A Literatura no Brasil, vol III, Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 222
- (23) - POZENATO, José Clemente. O Regional e o Universal na Literatura Gaúcha. Porto Alegre, Ed. Movimento-SEC, 1974, 62 p.
- (24) - Opinião, Rio, 16 de agosto de 1975, última página
- (25) - In: "O Romance Brasileiro e o Ibero-Americano na Atualidade", conferência proferida durante o VIII Encontro Nacional de Escritores (Brasília), 1974
- (26) - COUTINHO, Afrânio et alii. A Literatura no Brasil, vol. III. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 222
- (27) - ORECCHIONI, Jean. In: ALMEIDA, José Américo de. Coiteiros, 2ª edição Rio, Ed. Leitura-MEC, 1971, p. 56
- (28) - VIANNA MOOG. Obras de Vianna Moog, vol. X. Rio, Ed. Delta, 1966, p. 110
- (29) - In: COUTINHO, Afrânio et alii. A Literatura no Brasil, vol. III. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 225
- (30) - PEREGRINO JÚNIOR, João da Rocha Fagundes. Seleta. Rio, Ed. José Olympio, p. 12-13
- (31) - TAVORA, Franklin. O Cabeleira, 2ª ed.. São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d., p. 140-141
- (32) - Jornal do Brasil, Rio, 28 de novembro de 1975
- (33) - VIANNA MOOG, op. cit. p. 112-113
- (34) - ALMEIDA, José Américo de. Coiteiros, 2ª ed.. Rio, Ed. Leitura-MEC, 1971, p. 102-103
- (35) - RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. São Paulo, Martins Editora, 1963, p. 14-15
- (36) - ROCHA, Lindolfo, op. cit., p. 32-33
- (37) - Idem, p. 35
- (38) - Idem, p. 42
- (39) - BRASIL, Francisco de Assis Almeida. Adonias Filho. Rio, Org. Simões Editora, 1969, p. 16

- (40) - COUTINHO, Afrânio, et alii. A Literatura no Brasil, vol. III. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 259
- (41) - ADONIAS, Aguiar FILHO. Luanda Beira Bahia. Rio, Ed. Civ. Brasileira, 1971, p. 105
- (42) - Idem, p. 113
- (43) - Idem, p. 13
- (44) - Idem, p. 120
- (45) - Idem, p. 13-14
- (46) - Idem, p. 7
- (47) - Jornal do Commercio, Rio, 9 de maio de 1965
- (48) - Idem
- (49) - ADONIAS, Aguiar Filho. Corpo Vivo. Rio, Ed. Civ. Brasileira, 1962, 136 p.
- (50) - Idem, p. 36, 37 e 42
- (51) - Idem, p. 136
- (52) - Idem, p. 123
- (53) - AMOROSO LIMA, Alceu. Estudos Literários, vol. I, Rio, Ed. Aguilar, 1966, p. 970
- (54) - COUTINHO, Afrânio, et alii. A Literatura no Brasil, vol. III. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 261
- (55) - GUIMARÃES, Bernardo. O Ermitão do Muquém. Brasília, INL, 1972, p. 249
- (56) - Idem, p. 250
- (57) - Idem, p. 251
- (58) - Idem, p. 251
- (59) - Idem, p. 271
- (60) - PALMÉRIO, Mário. Chapadão de Bugre. Rio, José Olympio Ed., 1971, 383 p.
- (61) - Idem, p. 37
- (62) - Idem, p. 47, 48, 52
- (63) - Idem, p. 60
- (64) - Idem, p. 66
- (65) - Idem, p. 381

- (66) - GUIMARÃES ROSA, João. No Urubuquaguá, no Pinhém. Rio, José Olympio Ed., 1965, p. 35-36
- (67) - ----- . Sagarana. Rio, José Olympio Ed. 1964, p. 239
- (68) - Idem, p. 352
- (69) - In: COUTINHO, Afrânio et alii. A Literatura no Brasil. vol. III. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 274-281
- (70) - MIGUEL PEREIRA, Lúcia. Prosa de Ficção: de 1870 a 1920, 3ª. ed.. Rio, Ed. José Olympio, 1973, 344p.
- (71) - Idem, p. 197
- (72) - SILVEIRA, Valdomiro. Os Caboclos, 2ª ed.. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1975
- (73) - O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário), São Paulo, 25 de novembro de 1973
- (74) - Idem
- (75) - SILVEIRA, Valdomiro. Op. cit. p. 57-58
- (76) - VIANNA MOOG. Op. cit. p. 122 e segs.
- (77) - OLIVEIRA VIANA. Populações Meridionais do Brasil, vol. 2, Rio, Paz e Terra, 1974, p. 200
- (78) - LOPES NETO, J. Simões. Contos Gauchescos e Lendas do Sul, 2ª. ed.. Porto Alegre, Ed. Globo, 1961, 440 p.
- (79) - In: LOPES NETO, J. Simões. Contos Gauchescos e Lendas do Sul, 2ª. ed.. Porto Alegre, Ed. Globo, 1961, p. 125-130
- (80) - MEYER, Augusto. Prosa dos Pagos. Porto Alegre, Ed. Globo, 1973, p. 288
- (81) - VERÍSSIMO, Erico. Solo de Clarineta. Porto Alegre, Ed. Globo, 1973, p. 288
- (82) - ----- . Ana Terra. Porto Alegre, Ed. Globo, 1971, 150 p.
- (83) - Idem, p. 85-87.

TERCEIRA PARTE

C O N C L U S Õ E S

1 - A preocupação com a Regionalidade nos seus mais variados aspectos, tanto geográficos quanto culturais, ainda é uma constante nos dias de hoje.

2 - Dentro dessas preocupações, duas linhas de pensamento apresentam-se mais ou menos em conflito:

- a primeira vê na região uma pequena comunidade humana com características próprias porque contactante com elementos físico-geográficos, típicos e diferenciados da região próxima;

- a segunda encontra, tão somente, a presença coercitiva do Poder Público com as faculdades de, arbitrariamente, subdividir as terras do Estado para alcançar melhores efeitos administrativos.

3 - As relações entre o mundo real e o mundo da literatura, embora continuem gerando teorias nem sempre concordantes, fornecem dados para que a crítica literária elabore análises dessa inserção do "homem" no mundo da estética sob a perspectiva da regionalidade.

4 - A análise psicológica de textos pode levar-nos à identificação de mitos portadores de uma tipicidade literária específica e capaz de caracterizar as diversas regiões brasileiras.

5 - O primeiro aspecto a ser considerado nessa tomada de posição, é o de uma contínua e inarredada marcha no sentido de nossa autonomia literária, com José de Alencar e Machado de Assis na

liderança desse movimento da anti-lusitanidade de nossas letras a partir da segunda metade do século XIX.

6 - Se a consciência de um Regionalismo Literário já se encontrava em O Cabeleira (1876), ou nos escritos de Tristão de Athayde na década de 1920, o primeiro crítico brasileiro a fazer uma análise abrangente das nossas "ilhas culturais" foi Vianna Moog, em 1942.

7 - Partindo das divisões regionais propostas por Vianna Moog, retomadas por Afrânio Coutinho, e levando-se em conta os mitos Terra e Água, a regionalidade da literatura brasileira pode ser assim considerada:

- Amazônia: Terra e Água ou Paraíso e Inferno;
- Nordeste: Terra sem Água ou Inferno sem Paraíso;
- Bahia: o Homem como transsubstância da Terra e da
Água;
- Os Gerais: Terra e Água, testemunhas-índices da a-
ção;
- A Civilização Caipira: o Homem como extensão da Na-
tureza;
- Gauchesca: a Terra como extensão do Homem.

8 - Muito mais consistente do que uma análise da literatura de um povo vista pelo ângulo do Regionalismo ou do Universalismo é o seu enfoque dentro das coordenadas de uma Literatura Rural e o de uma Literatura Urbana com predominância, respectivamente, dos mitos telúricos e dos mitos humanos.

B I B L I O G R A F I A

- ABREU, Capistrano de. Ensaio e Estudos. Rio, Briguiet, 1931.
- ADONIAS, Aguiar FILHO. Corpo Vivo. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1962, 136 p.
- "Discurso de Adonias Filho". In: Jornal do Commercio, Rio, 9 de maio de 1965.
- Luanda Beira Bahia. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1971, 139 p.
- Experiência de um romancista. Fund. Cultural do Distrito Federal, 1973, 12 p. mim.
- As Velhas. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1975, 126 p.
- ALENCAR, José de. Obra Completa, vol III. Rio, Ed. Aguilar, 1958, 1.342 p.
- ALENCAR, Miriam. "Um nome que a casa corteja" (Bernardo Ellis). In: Jornal do Brasil, Rio, 6 de outubro de 1975.
- ALMEIDA, José Américo de. A Bagaceira, 9a ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed..1967, 155 p.
- Coiteiros. Rio, Ed. Leitura-Mec, 1971, 149 p.
- AMADO, Jorge. "Discurso de Jorge Amado". In: Jornal do Commercio, Rio, 9 de maio de 1965.
- AMOROSO LIMA, Alceu. O Existencialismo e Outros Mitos de Nosso Tempo. Rio, Agir, 1956, 329 p.
- Estudos Literários, vol I. Rio, Comp. Aguilar Ed., 1966, 1.067 p.
- ARIAS PEREZ, Mário. "O Mito e o Homem Moderno". In: Correio do Povo, Porto Alegre, 14 de setembro de 1975.
- ARINOS, Afonso. Obra Completa. Rio, Conselho Federal de Cultura, INL, 1969, 901 p.
- ATHAYDE, Tristão de. "A pluralidade cultural brasileira". In: Diário de Notícias, Rio, dezembro de 1964.

- _____ "A unidade cultural brasileira". In: Diário de Notícias, Rio, dezembro de 1964.
- _____ "Regionalismo e Universalidade". In: O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário), São Paulo, 25 de novembro de 1973.
- AUGRAS, Monique. A Dimensão Simbólica. Rio, Fund. Getúlio Vargas, 1967, 276 p.
- BASTIDE, Roger. Brasil Terra de Contrastes, 2a. ed.. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1964, 260 p.
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. Adonias Filho. Rio, Organização Simões Ed., 1969, 148 p.
- BRIENNE, Bernard de. "As ameaças à prosperidade". In: Jornal do Brasil, Rio, 5 de novembro de 1975.
- CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira, 1º vol., São Paulo, Livr. Martins Ed., 1957.
- _____ Literatura e Sociedade. São Paulo, Ed. Nacional, 1965, 229 p.
- CARVALHO RAMOS, Hugo de. Tropas e Boiadas, 5a. ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1965, 154 p.
- CASTRO, Emil de. "A ficção regionalista". In: O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário), São Paulo, 1 de dezembro de 1974.
- Correio da Manhã, Rio, 28 de novembro de 1941.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil, 2a. ed.. Rio, Livr. São José, 1964, 392 p.
- _____ A Tradição Afortunada. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1968, 189 p.
- _____ et alii. A Literatura no Brasil, vol. III, 2a. ed.. Rio, Ed. Sul Americana, 1969, 297 p.
- _____ (org.). Caminhos do Pensamento Crítico, vol. I e II. Rio, Ed. Americana, 1974, 365 e 202 p.
- DACANAL, José Hildebrando. "O Tempo e o Vento: Notas para um inter-
pretação sociológica". In: Correio do Povo (Caderno de Sábado), Porto Alegre, 3 de janeiro de 1976.

- DAICHES, David. Posições da Crítica em Face da Literatura. Rio, Livr. Acadêmica, 1967, 392 p.
- DICKINSON, Robert E. Ciudad, Región y Regionalismo. Barcelona, Ed. Omega, 1961, 384 p.
- DIEGUES Jr. Manuel. Etnias e Culturas do Brasil. Rio, Ed. Letras e Artes, 1963, 166 p.
- Caracterização de Regiões Culturais do Brasil. Mim., 1968.
- FERREIRA GULLAR. "Em busca do próprio rosto". In: Opinião, Rio, 16 de agosto de 1975.
- FREYRE, Gilberto. Região e Tradição, 2a. ed.. Rio, Gráfica Record Ed., 1968, 261 p.
- "O homem do nordeste como brasileiro por excelência trans-regional". In: Jornal do Brasil, Rio, 28 de novembro de 1975.
- FRYE, Northrop. Anatomia da Crítica. São Paulo, Ed. Cultrix, 1973, 362 p.
- GALANTE DE SOUSA, J. Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira. Rio, INL, 1963, 241 p.
- GARBUGLIO, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães Rosa. São Paulo, Ed. Atica, 1972, 138 p.
- GIRAUD, Pierre. La Estilística. Buenos Aires, Ed. Nova, 1960.
- GRIECO, Agripino. "Waldomiro Silveira". In: O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário), São Paulo, 25 de novembro de 1973.
- GUIMARÃES, Bernardo. Quatro Romances de Bernardo Guimarães. O Ermitão do Muquém, O Seminarista, O Garimpeiro, O Índio Afonso. São Paulo, Livr. Martins Ed., 1944, 404 p.
- O Ermitão do Muquém. Brasília, INL, 1972, 273 p.
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. "Divisão Regional do Brasil". In: Revista Brasileira de Geografia. Rio, ano III, nº 2, 1941.
- GUIMARÃES ROSA, João. Sagarana, 6a. ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1964, 365 p.
- No Urubuquãquã no Pinhém. ("Corpo de Baile"), 3a. ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1965, 246 p.
- Seleta. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1973, 166 p.

- INGARDEN, Roman. A Obra de Arte Literária. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1973, 439 p.
- JACQUES, Alfredo. "Grande Sertão: Veredas". In: Correio do Povo (Caderno de Sábado), Porto Alegre, 27 de março de 1971, p. 10.
- Jornal do Brasil. Rio, 12 de novembro de 1970.
- Jornal do Brasil. Rio, 4 de setembro de 1974.
- Jornal do Brasil. "Maciel mostra que em 1984 São Paulo terá 20 milhões" Rio, 26 de dezembro de 1975.
- Jornal do Brasil, Rio, 30 de dezembro de 1975.
- Jornal do Brasil. "Governo quer desenvolver as cidades de porte médio", Rio, 27 de dezembro de 1975.
- Jornal do Brasil, Rio, 2 de janeiro de 1976.
- Jornal do Comercio, Rio, 9 de maio de 1965.
- JOZEPH, Bella. O Romance Brasileiro e o Ibero-Americano. Brasília, Fund. Cultural do Distrito Federal, 1973, mim. 10 p.
- JUNG, C. G. Psychology and Religion. New Haven, 1938.
- LIMA, Barbosa SOBRINHO. "Coleções de arte e áreas culturais". In: Jornal do Brasil, Rio, 7 de setembro de 1975.
- LOPES NETO, J. Simões. Contos Gauchescos e Lendas do Sul, 2a. ed.. Ed. Globo, Porto Alegre, 1961, 438 p.
- MACHADO, Dionélio. "Os fundamentos econômicos do regionalismo". In: Província de São Pedro, Porto Alegre, 1945, nº 2, p. 128-130.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. "Quatro perspectivas do mesmo contexto". In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 de fevereiro de 1976.
- MAROBIN, Luiz. "Mito e Literatura". In: Estudos Leopoldenses. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Leopoldo, 1968, nº 6, p. 39-55.
- MENEZES, José Rafael de. "Quatro tipos formam a etnia do nordestino". In: Jornal do Brasil, Rio, 28 de novembro de 1975.
- MEYER, Augusto. Prosa dos Pagos. Rio, Livr. São José, 1960, 334 p.
- MIGUEL PEREIRA, Lúcia. Prosa de Ficção: 1870 a 1920, 3a. ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1973, 344 p.

- MIRANDA NETO. "A volta ao mito". In: Correio do Povo, Porto Alegre, 29 de fevereiro de 1976.
- MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974, 520 p.
- MORAES LEITE, Ligia Chiapipini. "Gauchesca: Mito e Ideologia". In: Correio do Povo (Caderno de Sábado), Porto Alegre, 5 de julho de 1975.
- MOREIRA LEITE, Dante. Psicologia e Literatura, 2a. ed..São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1967, 256 p.
- NISKIER, Arnaldo. Nosso Brasil, 2a. ed.. Rio, Bloch Ed., 1973, 224 p.
- NOVAES COELHO, Nelly. O Ensino da Literatura. São Paulo, Ed. FTD, 1966, 546 p.
- O Estado de S. Paulo, 25 de outubro de 1975.
- O Estado de S. Paulo. "Defendida a implantação do federalismo regional", São Paulo, 14 de novembro de 1975.
- OLIVEIRA VIANA. Populações Meridionais do Brasil, vol 2. Rio, Ed. Paz e Terra, 1974, 246 p.
- ORLANDO, Arthur. Brasil - a Terra e o Homem. Recife, Ed. do Autor, 1913.
- PAES, José Paulo e MOISÉS, Massaud (org.). Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. S. Paulo, Ed. Cultrix, 1967, 278 p.
- PAMES, Preston E. "The cultural regions of Brazil". In: SMITH T. Lyn. Brazil; portrait of half a continent. New York, The Dryden Press, 1951, p. 86-103.
- PALMÁRIO, Mário. Chapadão do Bugre, 5a. ed.. Rio, Livr. José Olympio Ed., 1971, 383 p.
- PATAI, Raphael. O Mito e o Homem Moderno. São Paulo, Ed. Cultrix, 1974, 310 p.
- PEREGRINO JUNIOR Seleta. Rio, Livr. José Olympio Ed. 1971, 142 p.
- PIERSON, Donal & CUNHA, Mário Wagner Vieira da. "Pesquisa e possibilidade de pesquisa no Brasil", In: Sociologia, São Paulo, 9 (4), p. 350-378, 1947.

- PINO, Dino del. Introdução ao Estudo da Literatura, 5a. ed.. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1972, 174 p.
- PORTELLA, Eduardo. Teoria da Comunicação Literária. Rio, Tempo Brasileiro, 1970, 160 p.
- POZENATO, José Clemente. O Regional e o Universal na Literatura Gaúcha. Porto Alegre, Ed. Movimento-SEC, 1974, 62 p.
- "Gauchesca: o literário e o ideológico". In: Correio do Povo (Caderno de Sábado), Porto Alegre, 2 de agosto de 1975.
- RADEMAEKERS, William. "Between the Hammer and the Anvil". In: Time, October 13, 1975, p.11-12.
- RAMOS, Graciliano. Vidas Secas, 8a. ed.. São Paulo, Livr. Martins Ed., 1963, 159 p.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. II Plano Nacional de Desenvolvimento. Rio, IBGE, 1975.
- REVEL, Jean-François. "La région et l'unité nationale". In: L'Express, 29 sept.-5 octobre 1975, p. 26-27.
- ROCHA, Lindolfo. Maria Dusa. Rio, INL, 1969, 303 p.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. As Raças Humanas e a Responsabilidade no Brasil, 3a. ed.. São Paulo, Ed. Nacional, 1938, 272 p.
- ROMERO, Sílvio. História da Literatura Brasileira, 5ª ed., 5 vol. Livr. José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1953, 2.017 p.
- SAINZ DE ROBLES, Federico Carlos. Ensayo de un Diccionario de la Literatura. Madrid, Aguilar, 1965, 1.218 p.
- SCALZO, Nilo. "Contista restaura os valores da narrativa". In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 11 de setembro de 1975.
- SERVAN - SCHREIBER, Jean-Jacques. In: L'Express, Paris, 29 septembre - 5 octobre, 1975.
- SILVEIRA, Valdomiro. Os Caboclos. Rio, Ed. Civilização Brasileira-Mec, 1975, 164 p.
- TAVORA, Franklin. O Cabeleira, 2a. ed.. São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d., 200 p.
- VERISSIMO, Erico. Ana Terra. Porto Alegre, Ed. Globo, 1971, 150 p.

- Solo de Clarineta. Porto Alegre, Ed. Globo, 1973, 349 p.
- VIANNA MOOG. Obras de Vianna Moog, vol. X. Rio, Ed. Delta, 1966, 261 p.
- WAGLEY, Charles. "Estudo de comunidade no Brasil, sob perspectiva nacional". In: Sociologia. São Paulo, 16 (2), p. 3-22.
- WIMSATT JR, William K. et BROOKS Cleant. Crítica Literária. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1973, 928 p.